JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

VOLUME 3

EDITORIAL ESTAMPA

OBRAS ESCOLHIDAS

JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

Volume III

EDITORIAL ESTAMPA

Tradução de *Maria Santa Montez*

Capa de *Soares Rocha*

Distribuidor no Brasil:

Livraria Martins Fontes
Praça da Independência, 12
Santos — S. Paulo

Todos os direitos para esta edição estão reservados
por Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1976

ÍNDICE

A ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária contra o fascismo ... 9
Pela unidade da classe operária contra o fascismo ... 91
Unir todas as forças da juventude antifascista ... 127
«A ordem jurídica» do fascismo alemão ... 133
A frente única de luta pela paz ... 141
A frente popular de luta contra o fascismo e a guerra 155
A unidade do proletariado internacional — imperativo supremo do momento actual ... 173
O fascismo é a guerra ... 187
A pátria do socialismo e a luta do proletariado internacional ... 195
Mensagem de saudações dirigida à União Internacional dos Estudantes Socialistas e Comunistas ... 209
Por ocasião do septuagésimo aniversário da Comuna de Paris ... 211

A OFENSIVA DO FASCISMO E AS TAREFAS DA INTERNACIONAL COMUNISTA NA LUTA PELA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA CONTRA O FASCISMO

Relatório apresentado no VII Congresso Mundial da Internacional Comunista, em 2 de Agosto de 1935.

I. *O FASCISMO E A CLASSE OPERÁRIA*

Camaradas!

O VI Congresso da Internacional Comunista advertiu já o proletariado internacional quanto à maturação de uma nova ofensiva fascista, incitando à luta contra ela. O Congresso indicava que «existem em quase todo o lado tendências fascistas e germes do movimento fascista, de forma mais ou menos desenvolvida».

Nas condições da crise económica extremamente profunda, do agravamento acentuado da crise geral do capitalismo, do desenvolvimento do espírito revolucionário no seio das massas trabalhadoras, o fascismo passou a uma vasta ofensiva. A burguesia dominante procura cada vez mais a sua salvação no fascismo, a fim de tomar contra os trabalhadores medidas extraordinárias de espoliação, de preparar uma guerra de extorsão imperialista, uma agressão contra a União Soviética, a subjugação e divisão da China e sobre toda esta base, conjurar a revolução.

Os meios imperialistas tentam fazer recair *todo* o peso da crise sobre os ombros dos trabalhadores. *É por isso que necessitam do fascismo.*

Esforçam-se por resolver o problema dos mercados, através da subjugação dos povos fracos, do agravamento do jugo colonial e por meio de uma nova divisão do mundo obtido através da guerra. *É por isso que necessitam do fascismo.*

Esforçam-se por se *antecipar* à subida das forças da revolução, esmagando o movimento revolucionário dos operários

e camponeses e lançando uma agressão militar contra a União Soviética, escudo do proletariado mundial. *É por isso que necessitam do fascismo.*

Numa série de países, nomeadamente na Alemanha, esses meios imperialistas conseguiram, *antes* da viragem definitiva das massas rumo à revolução, infligir uma derrota ao proletariado e instaurar a ditadura fascista.

Mas o que é característico na vitória do fascismo é precisamente a circunstância dessa vitória atestar, por um lado, a fraqueza do proletariado, desorganizado e paralisado pela política social-democrata divisionista, de colaboração de classe com a burguesia; por outro lado, exprimir a fraqueza da própria burguesia, aterrorizada perante a realização da unidade de luta da classe operária, aterrorizada perante a revolução e já sem possibilidade de manter a ditadura sobre as massas por meio dos velhos métodos da democracia burguesa e do parlamentarismo.

A característica de classe do fascismo

O fascismo no poder é, tal como o caracterizou de forma acertada a XIII Sessão Plenária do Comité Executivo da Internacional Comunista, *a aberta ditadura terrorista dos elementos mais reaccionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro.*

A variante mais reaccionária do fascismo é o fascismo do *tipo alemão*; intitula-se impudentemente nacional-socialismo, sem nada ter de comum com o socialismo alemão. O fascismo alemão não é apenas um nacionalismo burguês, é um chauvinismo brutal. Trata-se de um sistema governamental de banditismo político, um sistema de provocação e de tortura destinado à classe operária, aos elementos revolucionários do campesinato, à pequena burguesia e aos intelectuais. É a barbárie medieval e a selvajaria. É uma agressão desenfreada aos outros povos e a outros países.

O fascismo alemão surge como a *tropa de choque da contra-revolução internacional*, como o principal fomentador da *guerra imperialista*, como o *instigador da cruzada contra a União Soviética, a grande pátria dos trabalhadores do mundo inteiro.*

O fascismo não é uma forma do poder do Estado que, supostamente, «se coloca acima das duas classes, do proletariado e da burguesia», como afirmava, por exemplo, Otto Bauer. Não é a «pequena burguesia revoltada que se apoderou da máquina do Estado», como declarava o socialista inglês Brailsford. Não. O fascismo não é um poder acima de classes, nem o poder da pequena burguesia ou dos elementos deslocados do proletariado sobre o capital financeiro. O fascismo é o próprio poder do capital financeiro; é a repressão terrorista organizada contra a classe trabalhadora, a parte revolucionária da classe camponesa e dos intelectuais. O fascismo na política exterior, é o chauvinismo na sua forma mais grosseira, cultivando um ódio brutal pelos outros povos.

Torna-se necessário salientar com especial vigor essa verdadeira natureza do fascismo, visto a máscara da demagogia social lhe ter permitido arrastar consigo, numa série de países, as massas da pequena burguesia desorientada pela crise e até alguns sectores das camadas mais atrasadas do proletariado, que nunca teriam seguido o fascismo se tivessem compreendido a sua real característica de classe e a sua verdadeira natureza.

O desenvolvimento do fascismo e a própria ditadura fascista revestem-se nos diversos países de *formas diversas*, consoante as condições históricas, sociais e económicas, as particularidades nacionais e a situação internacional de cada país. Nalguns países, principalmente onde o fascismo não possui um grande apoio das massas e onde a luta dos diversos grupos no campo da própria burguesia fascista é bastante forte, o fascismo não se decide por liquidar logo à primeira o Parlamento, deixando aos outros Partidos burgueses, assim como à social-democracia, uma certa legalidade. Noutros países, onde a burguesia dominante apreende a já *próxima* explosão da revolução, o fascismo estabelece o seu monopólio político ilimitado quer logo de início, quer reforçando gradualmente o terror e a repressão para com todos os Partidos e grupos concorrentes. Este facto não exclui que, numa ocasião de agravamento especial da situação, o fascismo proceda a tentativas para alargar a sua base e, sem mudar de essência de

classe, *combinar* a ditadura terrorista aberta com uma falsificação grosseira do parlamentarismo.

A chegada ao poder do fascismo *não é a vulgar substituição* de um governo burguês por outro, mas sim a substituição, feita por estadismo, da dominação da classe burguesa — a democracia burguesa — por uma outra forma desta mesma dominação, a ditadura terrorista declarada. O não reconhecimento desta distinção seria um erro grave, que impediria o proletariado revolucionário de mobilizar as camadas mais tensas dos trabalhadores das cidades e dos campos para a luta contra a ameaça de tomada de poder por parte dos fascistas e de utilizar simultaneamente as contradições existentes no próprio campo da burguesia. Um erro não menos grave e não menos perigoso é o de subestimar a importância que revestem, para a instauração da ditadura fascista, as *medidas reaccionárias* da burguesia, *hoje em dia agravadas nos países de democracia burguesa,* e que esmagam as liberdades democráticas dos trabalhadores, falsificam e cerceiam os direitos do Parlamento, acentuam a repressão feita ao movimento revolucionário.

Camaradas, não se pode considerar a chegada ao poder do fascismo dentro da ideia simples e singela de ter sido um comité qualquer do capital financeiro quem decidiu instaurar a ditadura fascista numa determinada data. Na verdade, o fascismo implanta-se no poder através de uma luta recíproca, por vezes renhida, com os velhos Partidos burgueses ou uma determinada parte deles; estabelece-se assim uma luta no próprio seio do campo fascista, chegando por vezes a confrontos armados, como se viu na Alemanha, na Áustria e noutros países. Tudo isto não diminui a importância do facto de, antes da instauração da ditadura fascista, os governos burgueses passarem normalmente por uma série de etapas preparatórias e tomarem uma série de medidas reaccionárias que contribuem para a directa aparição do fascismo. Quem não lutar, no decurso destas etapas preparatórias, contra as medidas reaccionárias da burguesia e do fascismo crescente, *não está à altura de entravar a vitória do fascismo, mas, pelo contrário, facilita-a.*

Os chefes da social-democracia esbatiam e encobriam perante as massas o verdadeiro carácter de classe do fascismo;

não incitavam à luta contra as medidas reaccionárias cada vez mais fortes, tomadas pela burguesia. Arcam portanto com a grande *responsabilidade histórica,* na medida em que, no momento decisivo da ofensiva fascista, uma parte considerável das massas trabalhadoras na Alemanha e numa série de outros países fascistas, não reconheceram no fascismo o rapinante financeiro sanguinário, seu maior inimigo, e na medida em que essas massas não se encontravam preparadas para ripostar.

Qual é pois a fonte da influência do fascismo sobre as massas? O fascismo consegue atrair as massas por apelar, de forma demagógica, para *o que de mais sensível existe nas suas necessidades e aspirações.* O fascismo não se limita a avivar os preconceitos profundamente enraizados nas massas; joga também com os mais elevados sentimentos das massas, com o seu sentido de justiça e mesmo, por vezes, com as suas tradições revolucionárias. Porque será que os fascistas alemães, esses lacaios da grande burguesia e inimigos mortais do socialismo, se fazem passar perante as massas por «socialistas», apresentando a sua chegada ao poder como uma «revolução»? Certamente porque se propõem explorar a fé na revolução, o impulso que conduz ao socialismo, fé essa que habita no seio das grandes massas trabalhadoras da Alemanha.

O fascismo age no interesse dos ultra-imperialistas, apresentando-se no entanto às massas sob a máscara de defensor da nação lesada e apelando para o sentimento nacional ferido, como por exemplo no caso do fascismo alemão que arrastou as massas com a palavra de ordem «Contra Versalhes!».

O fascismo visa a mais desenfreada exploração das massas, abordando-as contudo por meio de uma hábil demagogia anti-capitalista, explorando o ódio profundo dos trabalhadores pela burguesia rapinante, pelos bancos, os «trusts» e os magnatas financeiros e formulando no momento apropriado as mais tentadoras palavras de ordem às massas politicamente apagadas. Na Alemanha: «o interesse geral está à frente do interesse privado»; na Itália: «o nosso Estado não é um Estado capitalista, mas sim corporativo»; no Japão: «por um Japão sem exploração»; nos Estados Unidos: «pela divisão da riqueza», etc.

O fascismo deixa o povo à mercê dos elementos venais mais corrompidos, apresentando-se contudo perante eles reivindicando um «poder honesto e incorruptível». Especulando sobre a profunda decepção das massas perante os governos de democracia burguesa, o fascismo indigna-se hipocritamente contra a corrupção (por exemplo, os casos Barmat e Sklarek na Alemanha, o caso Staviski em França, e uma série de outros).

O fascismo capta, no interesse dos círculos mais reaccionários da burguesia, as massas desiludidas que abandonam os velhos Partidos burgueses. Impõe-se contudo a essas mesmas massas por meio da *violência dos seus ataques* contra os governos burgueses, pela sua atitude intransigente perante os velhos Partidos da burguesia.

Ultrapassando em cinismo e hipocrisia todas as outras variantes da reacção burguesa, o *fascismo adapta* a sua demagogia *às particularidades* nacionais de cada país e mesmo às particularidades de diversas camadas sociais num só e próprio país. É assim que as massas da pequena burguesia e mesmo uma parte dos operários, levados ao desespero pela miséria, pelo desemprego e pela precaridade da sua existência, tornam-se vítimas da demagogia social e chauvinista do fascismo.

O fascismo atinge o poder como o *Partido de choque* contra o movimento revolucionário do proletariado, contra as massas populares em fermentação, apresentando contudo a sua chegada ao poder como um movimento *revolucionário* contra a burguesia, em nome de *toda a nação* e pela *salvação* da nação. (Recordemos a «marcha» de Mussolini sobre Roma, a «marcha» de Pilsudski sobre Varsóvia, a «revolução» nacional-socialista de Hitler na Alemanha, etc.)

Seja qual for a máscara com que o fascismo se cubra, a forma com que surja, ou a via que tome para chegar ao poder:

O fascismo é a mais feroz ofensiva do Capital contra as massas trabalhadoras.

O fascismo é o chauvinismo desenfreado e a guerra de conquista.

O fascismo é a reacção arrebatada e a contra-revolução.

O fascismo é o pior inimigo da classe operária e de todos os trabalhadores.

O que é que o fascismo vencedor oferece às massas?

O fascismo tinha prometido aos operários um «justo salário» mas não lhes trouxe na realidade senão um nível de vida ainda mais baixo, um nível de vida miserável. Tinha prometido trabalho aos desempregados, mas não lhes trouxe na verdade senão as torturas da fome ainda mais penosas, um trabalho forçado, um trabalho servil. Transforma na realidade os operários e os desempregados em párias da sociedade capitalista, sem qualquer direito; destrói os seus sindicatos; priva-os do direito à greve e impede-os de editar a imprensa operária; reúne-os à força em organizações fascistas; delapida os fundos das suas seguranças sociais; quanto às fábricas e oficinas, transforma-as em aquartelamentos onde reina a arbitrariedade desenfreada dos capitalistas.

O fascismo tinha prometido à *juventude* trabalhadora abrir-lhes de par em par o caminho de um brilhante futuro. Trouxe-lhes na realidade o despedimento em massa da juventude das empresas, os campos de trabalho e a instrução militar sem fim, para a guerra de conquista.

O fascismo tinha prometido aos *empregados,* aos *pequenos funcionários,* aos *intelectuais,* assegurar a sua subsistência, abolir o poder absoluto dos «trusts» e a especulação do capital bancário. Trouxe-lhes de facto uma incerteza sobre o amanhã e um ainda maior desespero; submete-os a uma nova burocracia, composta pelos seus mais devotos partidários. Estabelece uma ditadura insuportável dos «trusts»; semeia em espantosas proporções a corrupção, a decomposição.

O fascismo tinha prometido ao *campesinato* arruinado e na miséria, liquidar o jugo das dívidas, abolir as rendas e até trespassar sem compensação as terras dos proprietários de bens de raiz a favor dos camponeses desprovidos de terra e em vias de ruína. Estabeleceu de facto uma inaudita escravidão do campesinato trabalhador aos «trusts» e ao aparelho do Estado fascista e leva aos limites máximos a exploração

da massa fundamental do campesinato, praticada pelos grandes proprietários de bens de raiz, pelos bancos e pelos usurários.

«A Alemanha ou será um país agrícola, ou não será nada», declarava solenemente Hitler. Pois bem! O que é que os camponeses receberam na Alemanha, sob o regime de Hitler? O «moratotium» (¹) já actualmente anulado? Ou a lei sobre a herança da propriedade camponesa, que incita a afastarem-se dos campos milhões de filhos e filhas de camponeses, transformando-os em mendigos? Os assalariados agrícolas são convertidos em meio-servos, privados até do direito elementar de livre deslocação. O campesinato trabalhador fica privado da possibilidade de vender no mercado os produtos da sua exploração.

E na Polónia?

> «O camponês polaco — escreve o jornal polaco *Czas* — utiliza processos e meios apenas talvez empregues, na época da Idade Média; ateia o fogo na panela, emprestando-o de seguida ao seu vizinho, divide os fósforos em vários pedaços, pede emprestados bocadinhos de sabão escuro, ferve vasilhas de arenques para obter água salgada. Não se trata de uma fábula, mas sim da situação real no campo e de que cada um se pode certificar.»

Ora, não são os comunistas que escrevem estas coisas, camaradas, mas sim um jornal reaccionário polaco!

E isto não é tudo, longe disso.

Cada dia que passa nos campos de concentração da Alemanha fascista, nos subterrâneos da Gestapo, nas masmorras polacas, nas Seguranças búlgara e finlandesa, na Glavniatch de Belgrado, na Siguranza romena, nas ilhas de Itália, praticam-se violências e vexames de tal forma repugnantes para com os melhores filhos da classe operária, os camponeses revolucionários, os campeões de um radioso futuro da humanidade, que até os mais infames procedimentos da Okhrana czarista (²) parecem insignificantes. O fascismo celerado da Alemanha transforma em mar de sangue os corpos dos maridos, na

presença das suas mulheres, e envia às mães, por encomenda postal, as cinzas dos filhos assassinados. A esterilização transforma-se num instrumento de luta política. Nas câmaras de tortura injectam-se à força, aos antifascistas prisioneiros, várias substâncias tóxicas, quebram-lhes as mãos, vazam-lhes os olhos, enforcam-os, fazem-os inchar com água, imprimem-lhes na carne o emblema fascista.

Tenho aqui presente o resumo estatístico do S. R. I. — Socorro Vermelho Internacional — referente aos homens assassinados, feridos, presos, estropiados e torturados na Alemanha, Polónia, Itália, Áustria, Bulgária, Jugoslávia. Apenas na Alemanha, depois da subida ao poder dos nacionais-socialistas, foram mortas mais de 4200 pessoas, foram presas 317 800 e feridos ou submetidos às mais dolorosas torturas 218 600 operários, camponeses, empregados, intelectuais antifascistas, comunistas, sociais-democratas, membros de organizações cristãs da oposição. Na Áustria, o governo fascista «cristão» assassinou, desde os combates de Fevereiro do ano passado, 1900 operários revolucionários, feriu e mutilou 10 000 e prendeu 40 000. Este sumário está no entanto longe de se encontrar completo!

É-me difícil achar palavras capazes de exprimir toda a indignação que nos possui à ideia das torturas sofridas hoje em dia pelos trabalhadores nos países fascistas. Os números e factos aqui citados *não representam sequer uma centésima parte do verdadeiro quadro* de exploração e de torturas do terror branco que nos diversos países capitalistas preenche a vida quotidiana da classe operária. Não existem livros que cheguem para poder dar uma ideia clara das inúmeros barbaridades exercidas pelo fascismo sobre os trabalhadores.

É com profunda emoção e um simultâneo sentimento de ódio para com os carrascos fascistas que inclinamos as bandeiras da Internacional Comunista perante a inesquecível memória de John Scheer, Fiete Schultz, Luttgens na Alemanha; Koloman Wallisch e Munchreiter na Áustria; Chalay e Furst na Hungria; Kofardjiev, Lutibrodski e Voikov na Bulgária; perante a memória de milhares e milhares de operários, camponeses, representantes de intelectuais progressistas, comunistas, sociais-democratas e pessoas sem Partido, que perderam a vida na luta contra o facismo.

Saudamos, do alto desta tribuna, o chefe do proletariado alemão e presidente de honra do nosso congresso, o camarada Thaelmann. Saudamos os camaradas Rakosi, Gramsci, Antikainen. Saudamos Thomas Mooney que padece lentamente na prisão desde há já dezoito anos, assim como os milhares de outros prisioneiros do Capital e do fascismo e dizemos-lhes: «Irmãos de luta, irmãos de armas, vós não estais esquecidos. Estamos convosco. Cada hora da nossa vida, cada gota do nosso sangue, oferecemo-los para vos libertar e libertar também todos os trabalhadores do vergonhoso regime fascista.»

Camaradas! Lénine tinha-nos já avisado que a burguesia conseguiria talvez encher de um terror feroz os trabalhadores, protelando por um tempo mais ou menos breve as forças crescentes da revolução, mas que não conseguiria, no entanto, escapar do fim que a espera.

> «A vida — escrevia Lénine — destruí-la-á. A burguesia bem se pode debater, exasperar-se loucamente, passar todas as barreiras, cometer asneira sobre asneira, vingar-se com antecedência dos bolcheviques e esforçar-se por massacrar uma vez mais, tal como na Índia, na Hungria, na Alemanha e em outros lados, centenas de milhares de bolcheviques jovens e velhos: ao agir assim não faz mais do que têm sempre feito as classes condenadas da história. Os comunistas devem saber que o futuro lhes pertence, aconteça o que acontecer.
>
> É por isso que podemos e devemos unir, na grande luta revolucionária, o ardor mais apaixonado com o maior sangue-frio e a mais fria avaliação das furiosas agitações da burguesia.» (*)

Sim, se nós próprios e o proletariado do mundo inteiro avançarmos a passo firme no caminho que Lénine nos indica, a burguesia perecerá, sejam quais forem as atitudes que tomar.

(*) V. I. Lénine, *Obras,* t. XXXI, p. 81.

A vitória do fascismo será inevitável?

Porquê e de que maneira pôde o fascismo vencer?

O fascismo é o pior inimigo da classe operária e dos trabalhadores. O fascismo é o inimigo de noventa por cento do povo alemão, de noventa por cento do povo austríaco, de noventa por cento dos outros povos dos países fascistas. Como foi então e de que forma este pior inimigo pôde vencer?

Foi possível ao fascismo ascender ao poder, *primeiramente* por a classe operária se encontrar, após a política de colaboração de classe com a burguesia praticada pelos chefes da social-democracia, *dividida e desarmada sob o ponto de vista político e organizativo,* frente à agressão da burguesia. Quanto aos Partidos comunistas, eram *insuficientemente fortes* para poderem levantar as massas, sem e contra a social-democracia e conduzi-las assim à batalha decisiva contra o fascismo.

Assim, apelamos para que os milhões de operários sociais-democratas que experimentam hoje, tal como os seus irmãos comunistas, os horrores da barbárie fascista, reflitam seriamente: se em 1918, no momento em que estalou a revolução na Alemanha e na Áustria, o proletariado austríaco e alemão não tivesse seguida a directiva social-democrata de Otto Bauer, de Friedrich Adler e de Renner na Áustria, de Ebert e de Scheidemann na Alemanha, e tivesse seguido sim a via dos bolcheviques russos, a via de Lénine, o fascismo não existiria hoje nem na Áustria, nem na Alemanha, nem na Itália, nem na Hungria, nem na Polónia, nem nos Balcãs. Não seria a burguesia mas sim a classe operária, quem dominaria desde há já bastante tempo a situação na Europa.

Tomemos como exemplo a social-democracia *austríaca.* A revolução de 1918 fizera-a subir *consideravelmente.* Detinha o poder. Ocupava fortes posições no exército, no aparelho de Estado. Apoiando-se nas suas posições, poderia liquidar à nascença o fascismo recém-aparecido. Entregou contudo, sem resistência, as posições da classe operária, uma após outra. Permitiu à burguesia fortalecer o seu poderio, anular a Constituição expurgar o aparelho de Estado, o exército e a polícia dos militantes sociais-democratas, retirar os meios de acção aos operários. Permitiu aos bandidos fascistas assassinar

impunemente os operários sociais-democratas; aceitou as condições do pacto de Hüttenberg [3] que abria as portas das empresas aos elementos fascistas. Simultaneamente, os chefes da social-democracia enchiam os ouvidos dos operários, por meio do programa de Lintz [4], que previa o eventual recurso à violência armada contra a burguesia e a instauração da ditadura do proletariado, assegurando-os de que o Partido responderia pelo incitamento à greve geral e à luta armada caso as classes dirigentes usassem de violência para com a classe operária. Como se toda a política de preparação da agressão fascista contra a classe operária não se tratasse de um encadeamento de violências contra ela exercidas, sob a capa de procedimentos constitucionais. Na própria véspera das batalhas de Fevereiro e mesmo durante essas mesmas batalhas, a direcção da social-democracia austríaca deixou o Schutzbund [5], que lutava heroicamente, isolado das grandes massas, e votou à derrota o proletariado austríaco.

A vitória do fascismo seria inevitável na *Alemanha?* Não, a classe operária alemã poderia tê-la conjurado.

Mas, para isso, deveria ter conseguido realizar a frente única proletária antifascista, deveria ter obrigado os chefes da social-democracia a cessar a sua campanha contra os comunistas e a aceitar as repetidas propostas do Partido Comunista, sobre a unidade de acção contra o fascismo.

Na altura da ofensiva do fascismo e da liquidação gradual das liberdades democráticas burguesas, efectuada pela burguesia, não se deveria ter contentado com resoluções verbais da social-democracia, mas sim responder com uma verdadeira luta de massas que teria entravado os planos fascistas da burguesia alemã.

Deveria ter impedido a interdição, feita pelo governo Braun-Severing [6], da Associação de combatentes vermelhos, estabelecer entre esta e a Reichsbanner [7], que contava perto de um milhão de membros, uma ligação de combate, e obrigado Braun e Severing a armar tanto uma como outra, a fim de ripostar aos grupos fascistas, aniquilando-os.

Deveria ter obrigado os dirigentes sociais-democratas que se encontravam à frente do governo prussiano a tomar medidas de defesa contra o fascismo, a prender os chefes fascistas, a proibir a sua imprensa, a confiscar os seus recursos materiais bem como os dos capitalistas que financiavam o movimento fascista, a dissolver as organizações fascistas, a retirar-lhes as armas, etc.

Deveria em seguida ter obtido o restabelecimento e extensão de todos os meios de assistência social, bem como a instituição de uma moratória de auxílio aos camponeses em vias de ruína, sob o efeito das crises, iludindo os bancos e os «trusts», a fim de assegurar desta forma o apoio do campesinato trabalhador. Nada disto foi feito, por culpa da social-democracia da Alemanha, e é por essa razão que o fascismo *soube vencer.*

A burguesia e os nobres deveriam inevitavelmente triunfar em *Espanha,* país onde as forças da insurreição proletária e da guerra camponesa se associam tão vantajosamente?

Os socialistas espanhóis estavam no governo desde os primeiros dias da revolução. Será que estabeleceram uma ligação de combate entre as organizações operárias de todas as tendências políticas, compreendendo comunistas e anarquistas e unido a classe operária numa só organização sindical? Será que terão exigido a confiscação de todas as terras dos proprietários rurais, da Igreja, dos conventos, em benefício dos camponeses, a fim de os trazer para a revolução? Será que terão tentado lutar pelo direito dos catalães e dos bascos a disporem deles próprios, pela libertação de Marrocos? Será que terão procedido dentro do exército a um saneamento dos elementos monárquicos e fascistas, a fim de preparar a sua passagem para o lado dos operários e camponeses? Será que dissolveram a guarda civil, detestada pelo povo e carrasco de todos os movimentos populares? Será que terão atingido o Partido fascista de Gil Robles ou atacado a Igreja Católica a fim de derrubar o seu poderio? Não, nada disto fizeram. Rejeitaram as repetidas propostas dos comunistas quanto a uma unidade de acção contra a ofensiva da burguesia, dos proprietários de bens de raiz e o fascismo. Votaram leis eleitorais que permitiram à reacção conquistar a maioria das Cortes, leis reprimindo os movimentos populares, leis pelas quais se julgam actualmente os heróicos mineiros das Astúrias. Mandaram fuzilar pela guarda civil os camponeses em luta pela terra, etc.

Foi assim que a social-democracia franqueou ao fascismo o caminho do poder na Alemanha, na Áustria, em Espanha, desorganizando e dividindo as fileiras da classe operária.

Camaradas! O fascismo venceu *também*, por o proletariado se ter encontrado separado dos seus aliados naturais. O fascismo venceu, por ter conseguido arrebatar as *grandes massas do campesinato*, na medida em que a social-democracia praticava, em nome da classe operária, uma política na realidade anticamponesa. O camponês viu sucederem-se no poder uma série de governos sociais-democratas que personificavam aos seus olhos o poder da classe operária, sem no entanto sequer um deles ter resolvido o problema da miséria camponesa, sem sequer um deles ter entregue a terra ao campesinato. A social-democracia da Alemanha não tinha tocado nos proprietários de bens de raiz: entravava as greves dos operários agrícolas. O resultado foi estes últimos terem, mesmo antes do acesso de Hitler ao poder, abandonado os sindicatos reformistas, passando-se, na maioria dos casos, para os Capacetes de aço e para os nacionais-socialistas.

O fascismo venceu ainda por ter conseguido penetrar nas fileiras da *juventude*, na medida em que a social-democracia desviava a juventude operária da luta de classe, que o proletariado revolucionário não tinha desenvolvido entre os jovens o trabalho educativo necessário e não tinha prestado a devida atenção à luta pelos seus interesses e pelas suas aspirações específicas. O fascismo soube captar a necessidade de actividade combativa, particularmente viva nos jovens, e arrastou uma considerável parte deles nesses destacamentos de combate. A nova geração da juventude masculina e feminina não passou pelos horrores da guerra. Sente pesar-lhe sobre os ombros todo o peso da crise económica, do desemprego e da derrocada da democracia burguesa. Na falta de perspectivas de futuro, consideráveis camadas de jovens manifestaram-se particularmente sensíveis à demagogia fascista, que lhes traçava um futuro tentador quando chegasse a hora da vitória do fascismo.

É nesta ordem de ideias que não podemos omitir uma série de *erros cometidos pelos Partidos comunistas*, erros esses que travaram a nossa luta contra o fascismo. Existia nas nossas

fileiras uma subavaliação inadmissível do perigo fascista, subavaliação essa que não se encontra, até agora, abolida de todo. Existia outrora nos nossos Partidos pontos de vista do género «a Alemanha não é a Itália», ou por outras palavras: o fascismo conseguiu vencer na Itália mas a sua vitória é impossível na Alemanha. Como esta é um país altamente avançado no que se refere à indústria, de cultura desenvolvida, rico em tradições de quarenta anos de movimento operário, é impossível ao fascismo nele subsistir. Existiam também pontos de vista ainda hoje vigentes, no género do seguinte: nos países de democracia burguesa «clássica», não há campo para o fascismo. Estes pontos de vista têm podido e podem contribuir para diminuir a vigilância para com o perigo fascista e entravar a mobilização do proletariado na luta contra o fascismo.

Podem igualmente citar-se numerosos casos em que os comunistas foram apanhados desprevenidos pelo golpe de Estado fascista. Recordem-se da Bulgária, onde a direcção do nosso Partido tomou uma posição «neutra» e, no fundo, oportunista, com respeito ao golpe de Estado de 9 de Junho de 1923; da Polónia onde, em Maio de 1926, a direcção do Partido Comunista, tendo apreciado de forma errada as forças motrizes da revolução polaca, não soube distinguir o carácter fascista do golpe de Estado de Pilsudski, tendo-se deixado ficar para trás dos acontecimentos; da Finlândia, onde o nosso Partido, baseando-se numa ideia falsa da fascização lenta e gradual, deixou passar o golpe de Estado fascista preparado por um grupo dirigente da burguesia, golpe de Estado esse que veio a apanhar desprevenidos o Partido e a classe operária.

Na altura em que o nacional-socialismo se tinha já tornado na Alemanha num movimento de massa ameaçador, havia camaradas para quem o governo de Brüning era já o da ditadura fascista e que declaravam com arrogância: «Se o "Terceiro Reich" de Hitler chegar um dia, não passará de metro e meio debaixo da terra tendo, por cima dele, o poder operário vencedor.»

Os comunistas da Alemanha subavaliaram durante muito tempo a ferida do sentimento nacional e a indignação das massas contra Versalhes; tomavam uma atitude desdenhosa para com a hesitação do campesinato e da pequena burguesia;

tardavam em estabelecer um programa de emancipação social e nacional e, depois de o formularem, não se souberam adaptar às necessidades concretas e ao nível das massas; não souberam sequer torná-lo largamente popular nas massas.

Em vários países substituía-se à necessidade de utilizar a luta de massas contra o fascismo, estéreis *raciocínios* sobre o carácter do fascismo «em geral» e a *estreiteza sectária* sobre a forma de estabelecer e resolver as tarefas políticas de actualidade do Partido.

Camaradas, se falamos das causas da vitória do fascismo, se assinalamos a responsabilidade histórica da social-democracia na derrota da classe operária, se anotamos também os nossos próprios erros na luta contra o fascismo, não é apenas por querermos perscrutar o passado. Não somos historiadores despegados da vida; somos combatentes da classe operária, fazendo questão em responder à pergunta que atormenta milhões de operários: *Poder-se-á, e de que maneira, evitar a vitória do fascismo?* Respondemos a esses milhões de operários: Sim, é possível tolher o passo ao fascismo. É perfeitamente possível. Depende de nós próprios, dos operários, dos camponeses, de todos os trabalhadores.

A possibilidade de evitar a vitória do fascismo depende, *acima de tudo,* da actividade combativa da própria classe operária, da fusão das suas forças num único exército combativo, lutando contra a ofensiva do Capital e do fascismo. Ao realizar a sua unidade de combate, o proletariado paralisaria a acção do fascismo sobre o campesinato, sobre a pequena burguesia das cidades, sobre a juventude e os intelectuais; conseguiria neutralizar uma parte e atrair para o seu lado a outra.

Em *segundo lugar,* a possibilidade de evitar a vitória do fascismo depende da existência de um forte Partido revolucionário, dirigindo de forma justa a luta dos trabalhadores contra o fascismo. Um Partido que incite sistematicamente os operários a recuar perante o fascismo e permita à burguesia reforçar as suas posições conduzirá inevitavelmente os operários à derrota.

Em *terceiro lugar,* essa mesma possibilidade de evitar a vitória do fascismo depende da justa política da classe operária relativamente ao campesinato e às massas da pequena

burguesia citadina. É necessário aceitar essas massas tal qual são e não como nós gostaríamos que elas fossem. Será apenas no decurso da luta que vencerão as suas dúvidas e hesitações, será somente se tomarmos uma atitude paciente para com as suas inevitáveis hesitações e se o proletariado lhes conceder o seu apoio político, que se elevarão a um nível superior de consciência revolucionária e de actividade.

Em *quarto lugar,* depende da vigilância e da acção do proletariado revolucionário no momento exacto. Não permitir ao fascismo o apanhar-nos desprevenidos, não lhes entregar a iniciativa, desfechar-lhe golpes definitivos enquanto não tiver podido ainda reunir todas as suas forças, não lhe permitir consolidar-se, ripostar-lhe em todas as ocasiões em que se manifestar, não lhe permitir conquistar novas posições, tudo isto como tenta proceder com sucesso o proletariado francês.

São estas as principais condições para conjurar o progresso do fascismo e o seu acesso ao poder.

O fascismo é um poder feroz mas precário

A ditadura fascista da burguesia é um poder feroz, mas precário.

Quais são as causas essenciais da precaridade da ditadura fascista?

O fascismo, que se aprontava a vencer as divergências e contradições do campo da burguesia, agrava ainda mais essas contradições.

O fascismo esforça-se por estabelecer o seu monopólio político, destruindo por meio da violência os outros Partidos políticos. Contudo, a presença do sistema capitalista, a existência das diferentes classes e o agravamento das contradições de classe conduzem inevitavelmente ao desmoronamento e à ruína do monopólio político do fascismo. Não é o caso do país soviético, onde a ditadura do proletariado é igualmente realizada com o auxílio de um Partido único, mas onde esse monopólio político responde aos interesses dos milhões de trabalhadores e se apoia, cada vez mais, sobre a edificação de uma sociedade sem classes. Num país fascista, o Partido dos fascistas não pode conservar por muito tempo o seu monopólio, visto não se encontrar à altura de determinar como

tarefa a abolição das classes e dos antagonismos de classe. Destrói a existência paralela dos Partidos burgueses, se bem que uma série de entre eles continuem a existir ilegalmente. Quanto ao Partido Comunista, toma a dianteira, mesmo nas condições de ilegalidade, dá força e conduz a luta do proletariado contra a ditadura fascista. Desta forma, o monopólio político do fascismo deverá desmoronar-se sob os golpes dos antagonismos de classe.

Uma outra causa da precaridade da ditadura fascista consiste em que o contraste entre a demagogia anticapitalista do fascismo e a política de enriquecimento da burguesia monopolista por meio da pior das espoliações, permite denunciar com maior facilidade a natureza de classe do fascismo, conduzindo ao desmoronamento e ao estreitamento da sua base de massas.

Por outro lado, a vitória do fascismo provoca o ódio profundo e a indignação das massas, contribui para o desenvolvimento no espírito revolucionário no seu seio e confere um poderoso impulso à frente única do proletariado contra o fascismo.

Ao efectuar uma política de nacionalismo económico (autarquia) e monopolizando a maior parte do rendimento nacional para preparar a guerra, o fascismo enfraquece toda a economia do país e agrava a guerra económica entre os Estados capitalistas. Confere aos conflitos que estalam no seio da burguesia o carácter de colisões violentas e frequentemente sangrentas, o que destrói a estabilidade do poder do Estado fascista aos olhos do povo. Um poder que assassina os seus próprios partidários, como se verificou em 30 de Junho do ano passado na Alemanha (*), um poder fascista contra o qual uma outra parte da burguesia luta de armas na mão («putch» nacional-socialista na Áustria, intervenções violentas de diversos grupos fascistas contra o governo fascista na Polónia, na Bulgária, na Finlândia e noutros países), um tal poder não pode conservar por muito tempo a sua autoridade aos olhos das grandes massas da pequena burguesia.

A classe operária deve saber utilizar as contradições e os conflitos ocorridos no campo da burguesia, mas não deve contudo alimentar a ilusão de que o fascismo se aniquilará a si próprio. O fascismo não se desmoronará automaticamente. Será apenas a actividade revolucionária da classe operária que ajudará a utilizar os conflitos que inevitavelmente ocorrem no campo da burguesia, a fim de destruir a ditadura fascista e derrubá-la.

Ao liquidar os restos da democracia burguesa, ao estabelecer a violência declarada num sistema de governo, o fascismo destrói as ilusões democráticas e o prestígio da legalidade aos olhos das massas trabalhadoras. Isto torna-se ainda mais pertinente em países onde, como por exemplo na Áustria e em Espanha, os operários lutaram de armas na mão contra o fascismo. Na Áustria, a luta heróica do Schutzbund e dos comunistas abalou logo desde o início, apesar da derrota, a solidez da ditadura fascista.

Em Espanha a burguesia não conseguiu passar aos trabalhadores a mordaça fascista. Os combates armados da Áustria e de Espanha tiveram como resultado que massas cada vez mais numerosas da classe operária tomassem consciência da necessidade de uma luta de classe revolucionária.

Apenas os monstruosos filisteus, os lacaios da burguesia como o mais antigo teórico da II Internacional, Karl Kautsky poderão censurar os operários por terem pegado em armas na Áustria e em Espanha. Que aspecto teria hoje o movimento operário da Áustria e de Espanha, se a classe operária desses países se tivesse inspirado nos conselhos de traição de vários Kautsky? A classe operária sofreria nas suas fileiras uma profunda desmoralização.

«A escola da guerra civil, diz Lénine, não é vã para os povos. É de facto uma dura escola que inclui inevitavelmente no seu curso certas vitórias da contra-revolução, o levantamento dos reaccionários em fúria, a selvagem repressão do antigo poder contra os revoltosos, etc. No entanto, apenas os pedantes inveterados e os espíritos mumificados se poderão lamentar quanto à entrada dos povos nessa penosa escola; esta escola ensina às classes oprimidas o procedimento da guerra civil, ensina-lhes a revolução vitoriosa, concentra na massa dos escravos modernos esse ódio que os escravos embrutecidos e ignorantes conservam eternamente dentro de si, e que conduz às admiráveis proezas históricas dos escravos que atingiram a consciência do opróbrio da sua escravidão.» (*)

A vitória do fascismo na Alemanha ocasionou, como se

sabe, uma nova vaga da ofensiva fascista que veio a terminar na Áustria com a provocação de Dollfuss, em Espanha com novas ofensivas da contra-revolução visando as conquistas revolucionárias das massas, na Polónia com a reforma fascista da Constituição, e em França estimulou os destacamentos armados dos fascistas a efectuarem uma tentativa de golpe de Estado, em Fevereiro de 1934. Contudo, esta vitória e o frenesim da ditadura fascista provocaram o reflexo da frente única proletária contra o fascismo, à escala internacional. O incêndio do Reichstag, sinal da ofensiva geral do fascismo contra a classe operária, o embargo dos sindicatos e outras organizações operárias, bem como o saque destas organizações, os lamentos dos antifascistas atormentados sem tréguas e que nos chegam, vindos dos subterrâneos dos quartéis e dos campos de concentração fascistas, demonstram às massas, com a força conferida pela própria evidência, o fim alcançado pelo papel divisionista reaccionário dos chefes da social-democracia alemã, que haviam rejeitado as propostas comunistas de uma luta em comum contra o fascismo agréssivo e evidenciam a necessidade da união de todas as forças da classe operária para derrubar o fascismo.

A vitória de Hitler deu também um impulso decisivo para a realização da frente única da classe operária contra o fascismo, em França. A vitória de Hitler não despertou apenas nos operários o medo de compartilharem a sorte dos operários alemães; não atiçou apenas neles o ódio pelos carrascos dos seus irmãos de classe alemães; consolidou ainda neles a resolução de não permitirem que se viesse a passar por forma alguma no seu país o que tinha acontecido à classe operária da Alemanha.

A poderosa aspiração, por parte de todos os países capitalistas, a uma frente única, demonstra que as lições dadas pela derrota não foram perdidas. A classe operária começa a agir *de uma nova forma*. A iniciativa tomada pelos Partidos comunistas a fim de organizarem a frente única e a abnegação sem reservas dos comunistas e dos operários revolucionários, na luta contra o fascismo, tiveram como consequência o elevar a um grau sem precedentes a autoridade da Internacional Comunista. Desenvolveu-se simultaneamente a profunda crise dá II Internacional, manifestada e acentuada com especial relevo após a quebra da social-democracia alemã. Os operários sociais-democratas podem convencer-se com cada vez maior evidência que a Alemanha fascista, com todos os seus horrores e todo o seu vandalismo é, afinal de contas, *o resultado da política social-democrata de colaboração de classe com a burguesia.* Essas massas compenetram-se cada vez com mais clareza que o caminho para onde os chefes da social-democracia alemã conduziram o proletariado não deve ser retomado. Nunca tinha existido, no âmbito da II Internacional, uma tão grande confusão ideológica como a de agora. A diferenciação é efectuada no próprio interior de todos os Partidos sociais-democratas. Formam-se, nas suas fileiras, *dois campos principais:* a par com o campo dos elementos reaccionários, que se esforçam a todo o custo por manter o bloco da social-democracia com a burguesia, repudiando com raiva a frente única com os comunistas, *começa a formar-se um campo de elementos revolucionários, duvidando da verdade da política de colaboração de classe com a burguesia, partidários da realização da frente única com os comunistas e começando, cada vez mais, a passar para posições da luta de classe revolucionária.*

(*) V. I. Lénine, *Obras,* t. XV, p. 160.

É assim que o fascismo, que surgira como o fruto da decadência do sistema capitalista, agiu em última análise como um factor de *decomposição ulterior desse sistema.* É assim que o fascismo, que se tinha encarregue de enterrar o marxismo e o movimento revolucionário da classe operária, foi ele próprio a conduzir, em consequência da dialéctica da vida e da luta de classe, ao desenvolvimento ulterior *das forças* que devem abrir a sua própria sepultura, a sepultura do capitalismo.

II. *A FRENTE ÚNICA DA CLASSE OPERÁRIA CONTRA O FASCISMO*

Camaradas! Milhões de operários e de trabalhadores dos países capitalistas perguntam como se poderá evitar a che-

gada do fascismo ao poder e como derrubar o fascismo vitorioso. A Internacional Comunista responde: *A primeira coisa a fazer, e por onde se deve começar, é efectuar a frente única, estabelecer a unidade de acção dos operários em cada empresa, em cada sector, em cada região, em cada país, no mundo inteiro. A unidade de acção do proletariado à escala nacional e internacional, eis a poderosa arma que possibilitará à classe operária não apenas defender-se com êxito, mas também de passar com sucesso à contra-ofensiva contra o fascismo, contra o inimigo de classe.*

A importância da frente única

Não é de facto explícito que a acção comum dos aderentes dos Partidos e organizações das duas Internacionais — da Internacional Comunista e da II Internacional — facilitaria a réplica das massas ao impulso fascista e aumentaria o peso político da classe operária?

A acção comum dos Partidos das duas Internacionais contra o fascismo não se limitaria contudo a influenciar apenas os seus actuais partidários, os comunistas e os sociais-democratas; teria uma profunda influência nas fileiras dos *operários católicos, anarquistas e não organizados, e mesmo sobre aqueles que se transformaram momentaneamente em vítimas da demagogia fascista.*

Além disso, a poderosa frente única do proletariado exerceria uma enorme influência sobre *todas as restantes camadas do povo trabalhador*, sobre o campesinato, sobre a pequena burguesia urbana, sobre os intelectuais. A frente única inspiraria às camadas hesitantes a fé na força da classe operária.

Não é tudo ainda. O proletariado dos países imperialistas possui possíveis aliados não apenas na pessoa dos trabalhadores do seu próprio país, mas também nas *nações oprimidas das colónias e semicolónias.* Enquanto o proletariado estiver dividido à escala nacional e internacional; enquanto uma das suas partes apoiar a política de colaboração com a burguesia e, especialmente, o seu regime de opressão nas colónias e semicolónias, esta circunstância afastará da classe operária os povos oprimidos das colónias e das semicolónias e enfraquecerá a

frente anti-imperialista mundial. Cada passo dado na via da unidade de acção, visando o apoio da luta de emancipação dos povos coloniais pelo proletariado das metrópoles imperialistas, significa a transformação das colónias e semicolónias numa das principais reservas do proletariado mundial.

Se, em suma, tomarmos em conta o facto de que a unidade de acção internacional do proletariado se apoia sobre a força constantemente renovada do Estado proletário, do país do socialismo — a União Soviética — veremos como são vastas as perspectivas abertas pela realização da unidade de acção do proletariado à escala nacional e internacional.

Torna-se necessário o estabelecimento da unidade de acção de todos os destacamentos da classe operária, independentemente do Partido ou da organização a que pertençam, *antes mesmo que a maioria da classe operária se una na luta pelo derrubamento do capitalismo e pela vitória da revolução proletária.*

Será possível efectuar esta unidade de acção do proletariado nos diversos países e no mundo inteiro? Sim, é possível, e possível imediatamente. A Internacional Comunista *não põe nenhuma condição à unidade de acção, à excepção de uma só, que é elementar, aceitável por parte de todos os operários.* A saber: *que a unidade de acção seja dirigida contra o fascismo, contra a ofensiva do Capital, contra a ameaça de guerra, contra o inimigo de classe.* É esta a nossa condição.

Os principais argumentos dos adversários da frente única

Que podem objectar e que objectam efectivamente os adversários da frente única?

«Para os comunistas, a palavra de ordem da frente única é apenas uma manobra», dizem alguns. Mas se se trata de uma manobra, responderíamos nós, porque não desmascaram precisamente a «manobra comunista», participando honestamente na frente única? Declaramos abertamente: queremos a unidade de acção da classe operária para que o proletariado se torne mais forte na sua luta contra a burguesia para que ao defender hoje os seus interesses diários contra o Capital agres-

sivo, contra o fascismo, esteja amanhã à altura de realizar as premissas da sua libertação definitiva.

«Os comunistas atacam-nos», dizem os outros. Bem! Escutem! Declarámo-lo já várias vezes: não atacamos ninguém nem os indivíduos, nem as organizações, nem os Partidos que são pela frente única da classe operária contra o inimigo de classe. Pretendemos, simultaneamente, — no interesse do proletariado e da sua causa — criticar os indivíduos, as organizações e os partidos que entravam a unidade de acção dos operários.

«Não podemos fazer uma frente única com os comunistas, visto eles possuírem um outro programa», dizem os terceiros. Não afirmam no entanto que o vosso programa é diferente do programa dos Partidos burgueses? Ora, esse facto não vos impediu e não vos impede de entrar em coligação com esses Partidos.

«Os Partidos democráticos burgueses são melhores aliados que os comunistas na luta contra o fascismo», declaram os adversários da frente única e os defensores da coligação com a burguesia. Mas que nos diz a experiência da Alemanha? Não é um facto que os sociais-democratas formaram um só bloco com os seus «melhores» aliados? E quais são os resultados?

«Se estabelecermos a frente única com os comunistas, a pequena burguesia terá medo do "perigo vermelho", pelo que se passará para os fascistas» ouvimos dizer frequentemente. Será no entanto que a frente única ameaça os camponeses, os pequenos comerciantes, os artesãos, os intelectuais trabalhadores? Não, a frente única ameaça a grande burguesia, os magnatas da finança, os fidalgotes provincianos e outros exploradores, cujo reinado levará, sem dúvida, à perfeita ruína todas aquelas camadas sociais.

«A social-democracia é a favor da democracia, enquanto que os comunistas são pela ditadura; é por essa razão que não podemos estabelecer a frente única com os comunistas», dizem determinados dirigentes da social-democracia. Será contudo que lhes propomos a frente única a fim de proclamarmos a ditadura do proletariado? Sabem bem que não vo-la propomos de momento.

«Que reconheçam os comunistas a democracia, que a defendam, e estaremos então prontos a fazer uma frente única». A isto respondemos: somos partidários da democracia soviética, da democracia dos trabalhadores, da mais consequente democracia do mundo. Defendemos contudo e continuaremos a defender, passo a passo, nos países capitalistas, as liberdades democráticas burguesas ameaçadas pelo fascismo e pela reacção burguesa, visto esta atitude ser ditada pelos próprios interesses da luta de classe do proletariado.

«Mas os pequenos Partidos comunistas nada acrescentarão, ao participarem na frente única realizada pelo Partido trabalhista», dizem, por exemplo, os chefes trabalhistas da Inglaterra. Lembrem-se contudo do seguinte: os chefes sociais-democratas austríacos diziam o mesmo sobre o pequno Partido Comunista Austríaco. E que demonstraram os acontecimentos? Não foi a social-democracia austríaca, com Otto Bauer e Renner à frente, quem demonstrou ter razão, mas sim o Partido Comunista Austríaco que assinalara em altura oportuna o perigo fascista na Áustria e incitava os operários à luta. Não é verdade que toda a experiência do movimento operário demonstrou que os próprios comunistas, com o seu relativo pequeno número, são o motor da actividade combativa do proletariado? Não convém por outro lado esquecer que os Partidos Comunistas da Áustria ou da Inglaterra não são apenas as dezenas de milhares de operários a favor do Partido; trata-se de *destacamentos* do movimento comunista mundial, de *divisões da Internacional Comunista,* cujo Partido dirigente é o do proletariado que já se tornou vencedor e que reina sobre um sexto do globo terrestre.

«A frente única não impediu contudo a vitória do fascismo no Sarre», é a objecção formulada pelos adversários da frente única. Estranha lógica, a desses cavalheiros! Primeiramente, não se poupam a esforços para assegurar a vitória do fascismo; em seguida troçam por a frente única, que aceitaram no último momento, não ter proporcionado a vitória dos operários.

«Se nós constituirmos a frente única com os comunistas, deveremos sair da coligação, pelo que serão os Partidos reaccionários e fascistas que entrarão no governo», dizem os chefes sociais-democratas instalados nos governos dos vários

países. Ora bem: será que a social-democracia alemã fazia parte do governo de coligação? Sim. Será que a social-democracia austríaca se encontrava no governo? Sim, também lá se encontrava. Os socialistas espanhóis estavam no mesmo governo que a burguesia? Sim, também estavam. Será que a participação da social-democracia nos governos de coligação burguesa terá impedido nesses países que o fascismo atacasse o proletariado? Não, não o evitou. É portanto perfeitamente claro que a participação dos ministros sociais-democratas no governo burguês *não representa* uma barreira contra o fascismo.

«Os comunistas agem como ditadores, querem constantemente comandar-nos e ditar-nos ordens.» Não. Não comandamos nada e não ditamos nada. Apenas apresentamos as nossas propostas e estamos convictos que a sua aplicação responde aos interesses do povo trabalhador. Não se trata simplesmente do direito, mas acima de tudo do dever de todos os que falam em nome dos operários. Receiam a «ditadura» dos comunistas? Passemos então a apresentar em comum, se quiserem, todas as propostas aos operários, as vossas e as nossas; estudemo-las em comum com os operários e escolhamos as propostas mais úteis à causa da classe operária.

Deste modo, todos os argumentos feitos contra a frente única *não resistem à mínima crítica*. São principalmente subterfúgios para os chefes reaccionários da social-democracia, que preferem a sua frente única com a burguesia à frente única do proletariado.

Não, esses subterfúgios não pegarão! O proletariado internacional sofreu demasiado as consequências da cisão do movimento operário e adquire cada vez mais a convicção que *a frente única, a unidade de acção do proletariado à escala nacional e internacional, são necessárias e absolutamente possíveis.*

O conteúdo e as forças da frente única

Qual é e qual deverá ser o conteúdo essencial da frente única numa determinada etapa?

A defesa dos interesses económicos e políticos imediatos da classe operária, a defesa desta classe contra o fascismo,

deve ser o *ponto de partida* e constituir o *conteúdo essencial* da frente única em todos os países capitalistas.

Não devemos simplesmente limitar-nos a apelos sem futuro a favor da luta pela ditadura do proletariado, mas sim procurar e formular palavras de ordem e formas de luta decorrentes das necessidades vitais das massas, do nível da sua combatividade numa determinada etapa do desenvolvimento.

Devemos indicar às massas o que devem fazer *hoje*, a fim de se defenderem contra a pilhagem capitalista e o vandalismo fascista.

Devemos trabalhar por estabelecer a mais vasta frente única, por meio de acções comuns das organizações operárias de diversas tendências, a fim de defender os interesses vitais das massas trabalhadoras.

Isto significa:

Em primeiro lugar, lutar em comum para fazer com que os efeitos da crise caiam efectivamente sobre os ombros das classes dominantes, sobre os ombros dos capitalistas, dos proprietários rurais, numa palavra, sobre os ombros dos ricos.

Em segundo lugar, lutar em comum contra todas as formas da ofensiva fascista, a favor da defesa das conquistas e dos direitos dos trabalhadores, contra a liquidação das liberdades democráticas burguesas.

Em terceiro lugar, lutar em comum contra o perigo iminente de uma guerra imperialista, lutar de forma a entravar a sua preparação.

Devemos preparar infatigavelmente a classe operária para *mudar rapidamente de formas e de métodos de luta* quando a situação mudar. À medida que o movimento se desenvolve e que se reforça a unidade da classe operária, devemos ir mais longe — preparar a passagem da *defensiva à ofensiva contra o Capital*, orientando-nos rumo à *organização da greve política de massas*. A condição absoluta para uma tal greve deve ser a participação dos principais sindicatos de cada país em questão.

Os comunistas não podem e não devem, evidentemente, renunciar um só momento sequer ao seu *trabalho independente*, em matéria de educação comunista, de organização e de mobilização das massas. Contudo, e a fim de abrir de forma segura aos operários a via da unidade de acção, torna-se

necessário simultaneamente o trabalhar-se no sentido de se realizarem acordos tanto de curta como de longa duração sobre as *acções a empreender em comum com os Partidos sociais-democratas, os sindicatos reformistas e as outras organizações de trabalhadores,* contra os inimigos de classe do proletariado. Uma vez isto feito, dever-se-á sobretudo fixar a atenção sobre o desenvolvimento das acções *de massas* na sua base, *realizadas pelas organizações de base,* com o auxílio de acordos firmados na própria altura. Ao cumprirmos lealmente as condições de todos os acordos com eles firmados, denunciaremos impiedosamente toda e qualquer sabotagem de acção comum feita pelos indivíduos e organizações participando na frente única. Responderemos a todas as tentativas de fazer falhar os acordos — é possível que tais tentativas ocorram — com o apelo às massas, prosseguindo a nossa incansável luta para restabelecer a unidade de acção violada.

É também de considerar que a realização concreta da frente única será feita nos diversos países *diferentemente,* tomando diversas formas, de acordo com o estado e o carácter das organizações operárias, com o seu nível político, a situação concreta de cada país, as modificações ocorridas no movimento operário internacional, etc.

Essas formas podem ser, por exemplo: a acção comum e combinada dos operários *nesta ou naquela ocasião,* devido a motivos concretos, a reivindicações isoladas ou baseando-se numa plataforma geral; a acção comum em *diversas empresas* ou por *ramos de produção;* a acção combinada à escala *local, regional, nacional ou internacional;* a acção concertada com o fito de organizar a *luta económica* dos operários, de realizar acções *políticas* de massas, organizar a *auto-defesa* comum contra os ataques fascistas; a acção combinada com o intuito de *socorrer os presos e suas famílias;* de lutar contra a *reacção social;* a acção para a defesa dos *interesses da juventude e das mulheres;* no domínio da *cooperação,* da *cultura,* dos *desportos,* etc.

Seria insuficiente contentarmo-nos simplesmente em concluir um pacto de acção comum e em criar comissões de contacto compostas pelos Partidos e organizações participantes na frente única, isto é, semelhante ao que existe por exemplo em França. Trata-se apenas do primeiro passo. O pacto é

um meio auxiliar para realizar acções comuns mas não é, por si próprio, a frente única. A comissão de contacto entre as direcções respectivas dos Partidos comunista e socialista torna-se necessária para facilitar a realização de acções comuns, mas está longe de ser, por si própria, suficiente para desenvolver a frente única, ou para arrastar grandes massas na luta contra o fascismo.

Os comunistas e todos os operários revolucionários devem trabalhar na criação de *organismos de classe fora do Partido da frente única,* nas *empresas,* entre os *desempregados,* nos *bairros operários,* entre as *pessoas simples das cidades* e das *aldeias,* organismos esses eleitos (e, no caso dos países de ditadura fascista, escolhidos entre os membros mais autorizados do movimento da frente única). Só organismos deste tipo é que poderão englobar também no movimento da frente única a enorme massa não organizada dos trabalhadores, contribuir para o desenvolvimento da iniciativa das massas na luta contra a ofensiva do Capital, contra o fascismo e a reacção e, assente sobre essa base, para a criação do *vasto quadro de militantes operários da frente única,* indispensável para a formação de centenas e de milhares de bolcheviques sem Partido nos países capitalistas.

A acção comum dos operários *organizados,* é este o início, é esta a base. Não devemos contudo perder de vista o facto das massas não organizadas constituírem a maioria esmagadora dos operários. É assim que em *França* o número de operários organizados — comunistas, socialistas, membros de sindicatos de diversas tendências — atinge apenas no total *cerca de um milhão,* enquanto que o número total de operários é de *11 milhões.* Em Inglaterra, os sindicatos e os Partidos de todas as tendências contam cerca de *5 milhões* de aderentes. Ora, o número total de operários está avaliado em *14 milhões.* Nos *Estados Unidos da América* existem cerca de *5 milhões de operários* organizados, enquanto que o número total de de operários é de *38 milhões.* Noutros países a proporção é semelhante. Em tempo «normal» esta massa conserva-se, no seu conjunto, fora da vida política. Agora contudo, esta massa gigantesca movimenta-se cada vez mais, sendo arrastada e intervindo na vida e na arena política.

A criação de organismos de classe fora dos Partidos é a *melhor forma* de realizar, alargar e consolidar a frente única o mais profundamente possível nas grandes massas. Esses organismos serão também a maior defesa contra todas as tentativas dos adversários da frente única de violarem a unidade de acção estabelecida no seio da classe operária.

A frente popular antifascista

Existe na obra de mobilização das massas trabalhadoras na luta contra o fascismo, uma missão particularmente importante e que consiste em criar uma *vasta frente popular antifascista* sobre a *base da frente única proletária.* O sucesso de toda e qualquer luta do proletariado está intimamente ligado ao estabelecimento de uma aliança de combate feita com o campesinato trabalhador e a massa fundamental da pequena burguesia urbana, que formam a maioria da própria população nos países de indústria desenvolvida.

Na sua propaganda, o fascismo, ansioso por conquistar as massas, tenta opor as massas trabalhadoras da cidade e do campo ao proletariado revolucionário, aterrorizar a pequena burguesia com o espantalho do «perigo vermelho». Pertence-nos *restabelecer a verdade* e mostrar aos camponeses trabalhadores, aos artesãos e aos intelectuais de onde procede o verdadeiro perigo que os ameaça: mostrar-lhe *de maneira concreta* quem faz recair sobre o camponês o jugo dos impostos e das taxas, quem lhes extorque juros usurários; quem é que, possuindo a melhor terra e todas as riquezas, expulsa o camponês e toda a sua família da sua courela, votando-os ao desemprego e à miséria. É preciso explicar concretamente, explicar com paciência e perseverança, quem arruína os artesãos com impostos, taxas, contratos de arrendamento elevados e uma concorrência que lhes é impossível contrapor, quem expulsa e priva de trabalho as grandes massas de intelectuais trabalhadores.

Contudo, *isto não basta.*

O aspecto principal, o mais decisivo para o estabelecimento da frente popular antifascista, *é a acção resoluta do proletariado revolucionário* para a defesa das reivindicações dessas camadas sociais e, em especial, do campesinato trabalhador,

reivindicações essas que se situam em consonância com os interesses fundamentais do proletariado e que se torna necessário coordenar no decurso da luta, com as reivindicações da classe operária.

Quando da criação da frente popular antifascista, é extremamente importante abordar de maneira justa as organizações e os Partidos a que aderem, em número considerável, o campesinato trabalhador e as massas fundamentais da pequena burguesia urbana.

Nos países capitalistas a maioria desses partidos e dessas organizações, tanto políticas como económicas, encontram-se ainda sob a influência da burguesia, continuando a segui-la. A composição social desses Partidos e dessas organizações não é homogénea. Neles encontramos «kulaks» de grande vulto lado a lado com camponeses sem terra, grandes negociantes ao lado de pequenos lojistas, mas as direcções pertencem, contudo, aos primeiros, aos representantes do grande Capital. Isto obriga-nos a *abordar de forma diferente* essas organizações, tendo em conta que muitas vezes a massa de aderentes desconhece a real fisionomia política da sua direcção. Podemos e devemos, dentro de circunstâncias determinadas, orientar os nossos esforços a fim de atrairmos, apesar da sua direcção burguesa, esses Partidos e essas organizações ou determinados dos seus sectores, para o lado da frente popular antifascista. É esta, por exemplo, a actual situação em França, com o Partido Radical; nos Estados Unidos, com diversas organizações camponesas; na Polónia, com o *Stronitsvo Ludové* (*); na Jugoslávia, com o Partido Camponês Croata; na Bulgária, com a União Agrária; na Grécia, com os agrários, etc. Contudo e independentemente da questão de se saber se existem ou não possibilidades de atrair tais Partidos e tais organizações para o lado da frente popular, a nossa táctica deve ser orientada, *em toda e qualquer circunstância,* de forma a arrastar os pequenos camponeses, os artesãos, etc., que os compõem para a frente popular antifascista.

Vêem pois que, na generalidade, se torna necessário acabar com o desprezo, a atitude indiferente frequentemente observados no nosso modo de actuar para com diversos Partidos e diversas organizações de camponeses, de artesãos e para com as massas da pequena burguesia da cidade.

As questões cruciais da frente única nos diversos países

Existem, em cada país, questões cruciais que agitam num determinado momento grandes massas e em redor das quais se deve desenvolver a luta pelo estabelecimento da frente única. Ao apontar-se esses pontos e questões cruciais garante-se e acelera-se o estabelecimento da frente única.

a) *Estados Unidos da América*

Tomemos, por exemplo, um país do mundo capitalista tão importante como os Estados Unidos da América. Aqui, a crise movimentou inumeráveis massas. O programa de saneamento do capitalismo desmoronou-se. Grandes massas começam a afastar-se dos Partidos burgueses, encontrando-se actualmente indecisas quanto ao caminho a tomar.

O fascismo americano nascente esforça-se por orientar a decepção e o descontentamento dessas massas para a esteira da reacção fascista. Por outro lado, o próprio carácter especial do desenvolvimento do fascismo americano deve-se ao facto de na actual etapa se manifestar principalmente sob a forma de uma oposição ao fascismo, como corrente «não americana» importada do estrangeiro. Contrariamente ao fascismo alemão, que formula palavras de ordem anticonstitucionais, o fascismo americano tenta estabelecer-se no papel de campeão da Constituição e da «democracia americana». Não representa ainda uma força de ameaça directa. Mas, se conseguir penetrar nas grandes massas desiludidas pelos velhos Partidos burgueses, pode vir a tornar-se numa séria ameaça no futuro próximo.

Que significaria então a vitória do fascismo nos Estados Unidos? Para as massas trabalhadoras significaria, como é fácil de prever, um reforço desenfreado do regime de exploração e o esmagamento do movimento operário. E qual seria o alcance internacional dessa vitória do fascismo? Como se sabe, os Estados Unidos não são a Hungria, nem a Finlândia, nem a Bulgária ou a Letónia. A vitória do fascismo nos Estados Unidos modificaria de forma notável toda a situação internacional.

Nessas condições, será que o proletariado americano se pode contentar em organizar simplesmente a sua guarda-avançada consciente, pronta a caminhar na via revolucionária? Não.

É absolutamente evidente que o interesse do proletariado americano exige que todas as suas forças se delimitem, sem tardar, dos Partidos capitalistas. É-lhe indispensável encontrar as vias e formas adequadas para impedir a tempo que o fascismo se apodere das grandes massas de trabalhadores insatisfeitos. A este respeito, afirmamos que a criação de um Partido de massa dos trabalhadores, de um *Partido operário e camponês* poderia ser essa forma adequada, nas condições americanas. *Um tal Partido seria uma forma específica da frente popular de massa na América,* a opor-se aos Partidos dos «trusts» e dos bancos, assim como ao fascismo crescente. Um tal Partido não será, evidentemente, *nem* socialista, *nem* comunista; *deve* ser contudo antifascista, *não devendo ser* um Partido anticomunista. O programa desse Partido deve ser dirigido contra os bancos, os «trusts» e os monopólios, contra os principais inimigos do povo que especulam com a sua infelicidade. Um tal Partido não pode corresponder aos fins que se impõe, se não defender as reivindicações diárias da classe operária, se não lutar por uma verdadeira legislação social, pela segurança contra o desemprego; se não lutar pela terra a favor de rendeiros tanto brancos como negros e pela libertação do peso das dívidas; se não combater pela igualdade dos negros, pela defesa das reivindicações dos antigos combatentes, pela defesa dos interesses dos representantes das profissões liberais, dos pequenos comerciantes e artesãos. E assim por diante.

Claro está que um tal Partido militaria a fim de fazer introduzir os seus representantes nas municipalidades, nos organismos representativos dos diversos Estados, assim como no Congresso e no Senado.

Os nossos camaradas dos Estados Unidos agiram de maneira justa, demonstrando iniciativa na criação de um tal Partido. Terão contudo ainda de tomar medidas positivas para que a criação de um tal Partido seja obra das próprias massas. O problema da organização de um «Partido operário-camponês», bem como o seu programa, deve ser estudado

em reuniões populares de massa. Torna-se necessário desenvolver um grande movimento em redor da criação desse Partido, e de o encabeçar. Não se pode permitir, de nenhum modo, que a iniciativa no trabalho de organização do Partido passe para as mãos dos elementos que pretendem utilizar o descontentamento das inúmeras massas desiludidas pelos dois Partidos burgueses, Democrático e Republicano, a fim de criarem um «terceiro» Partido nos Estados Unidos, como Partido anticomunista, como Partido dirigido contra o movimento revolucionário.

b) *Inglaterra*

Em *Inglaterra,* depois das manifestações de massas dos operários ingleses, a organização fascista de Mosley foi momentaneamente rechaçada para último plano. Não devemos contudo deixar de ter em mente que o «governo nacional» toma contra a classe operária uma série de medidas reaccionárias, graças às quais consegue criar também na Inglaterra determinadas condições que facilitariam à burguesia, em caso de necessidade, a passagem ao regime fascista.

Combater o perigo fascista em Inglaterra numa determinada etapa é lutar antes de mais contra o «governo nacional», contra as suas medidas reaccionárias, contra a ofensiva do Capital, pela defesa das reivindicações dos desempregados, contra a baixa dos salários, pela abolição de todas as leis que a burguesia inglesa utiliza para baixar o nível de vida das massas.

No entanto, o ódio crescente da classe operária para com o «governo nacional» reúne massas cada vez maiores sob a palavra de ordem da formação, em Inglaterra, de um *novo governo trabalhista.* Será que os comunistas podem desdenhar este estado de espírito das grandes massas que acreditam ainda num governo trabalhista? Não, camaradas! Devemos descobrir o caminho que conduz a essas massas. Dissemos-lhes abertamente, tal como o fez o XIII Congresso do Partido Comunista Inglês: nós comunistas, somos partidários do poder soviético, único poder capaz de libertar os operários do jugo do Capital. Querem no entanto um governo trabalhista? Seja.

Lutámos e lutaremos convosco, de mãos dadas, pela derrota do «governo nacional». Estamos prontos a apoiar a vossa luta pela formação de um novo governo trabalhista, embora os dois anteriores governos não tenham cumprido as promessas feitas pelo Partido Trabalhista à classe operária. Não esperamos desse governo a realização de medidas socialistas. *Exigimos dele,* em nome de milhões de operários, que defenda os interesses económicos e políticos mais urgentes da classe operária e de todos os trabalhadores. Estudemos pois em conjunto o programa comum dessas reivindicações e realizemos a unidade de acção indispensável ao proletariado a fim de ripostar à ofensiva reaccionária do «governo nacional», à ofensiva do Capital e do fascismo, à preparação de uma nova guerra. Os comunistas ingleses estão prontos a, sobre esta base, apresentarem-se em comum com as organizações do Partido Trabalhista às próximas eleições parlamentares contra o «governo nacional», bem como contra Lloyd George, que tenta à sua maneira arrastar as massas contra a causa da classe operária, no interesse da burguesia inglesa.

Esta posição dos comunistas ingleses é justa. Facilitar-lhes-á o estabelecimento da frente única de luta, com os milhões de trabalhadores dos sindicatos e do Partido Trabalhista. Embora mantendo-se constantemente nas primeiras fileiras do proletariado em luta, indicando às massas o único caminho certo, — o caminho da luta pelo derrubamento revolucionário da dominação da burguesia e a instauração do poder dos Sovietes — os comunistas, ao definirem as suas actuais tarefas políticas, não devem procurar saltar as etapas necessárias do movimento de massas, no decurso do qual as massas operárias se desprendem das suas ilusões em virtude da sua própria experiência, passando então para o lado do comunismo.

c) *França*

A França é um país onde a classe operária presta, como se sabe a todo o proletariado internacional, um exemplo da forma como deve ser combatido o fascismo. O Partido Comunista Francês fornece a todas as sessões da Internacional Comunista um exemplo da forma como se deve realizar a

táctica da frente única; os operários socialistas fornecem um exemplo do que os operários sociais-democratas dos outros países devem fazer hoje em dia, na luta contra o fascismo.

A manifestação antifascista, em que participaram meio milhão de pessoas, realizada no dia 14 de Julho deste ano, em Paris, bem como as numerosas manifestações das outras cidades de França tiveram um grande alcance. Não se trata já simplesmente de um movimento de frente única operária, é o início de uma grande frente popular contra o fascismo em França. Esse movimento de frente única aumenta a confiança da classe operária nas suas próprias forças, consolida nela a consciência do seu papel dirigente para com o campesinato, a pequena burguesia das cidades, os intelectuais; alarga a influência do Partido Comunista nas massas operárias, pelo que torna o proletariado mais forte na luta contra o fascismo. Mobiliza na altura própria a vigilância das massas em relação ao perigo fascista. Servirá também de exemplo contagiante na extensão da luta antifascista nos outros países capitalistas; exercerá uma acção reconfortante sobre os proletários da Alemanha, esmagados pela ditadura fascista.

A vitória é com efeito grandiosa, mas não decide ainda o fim da luta antifascista. A maioria esmagadora do povo francês é incontestavelmente contra o fascismo. A burguesia sabe, contudo violar, com o auxílio das forças armadas, a vontade dos povos. O movimento fascista continua a desenvolver-se com toda a liberdade, apoiado activamente pelo capital monopolista, pelo aparelho de Estado da burguesia, o Estado-Maior do Exército francês e os dirigentes reaccionários da Igreja católica, baluarte de toda a reacção. A organização fascista mais forte, as Cruzes de Fogo, dispõe hoje de 300 000 homens armados, com um núcleo formado por 60 000 oficiais de reserva. Detém sólidas posições na polícia, na «gendarmerie», no exército e na aviação, em todo o aparelho de Estado. As últimas eleições municipais demonstram como em França aumentam não só as forças revolucionárias, como também as forças do fascismo. Se o fascismo conseguir penetrar profundamente no campesinato e se conquistar o apoio de uma parte do exército, ficando a restante neutra, as massas trabalhadoras de França não poderão impedir o acesso ao poder dos fascistas. Convém não esquecerem que a

fraqueza de organização do movimento operário francês facilita o sucesso da ofensiva fascista. Não existe qualquer razão, nem para a classe operária, nem para todos os antifascistas de França, para se tranquilizarem perante os resultados obtidos.

Quais são as tarefas que se põem perante a classe operária de França?

Primeiramente, obter a realização da frente única, não apenas no domínio político mas também no domínio económico, a fim de organizar a luta contra a ofensiva do Capital, quebrar com o seu impulso a resistência oposta à frente única pelos chefes da Confederação do Trabalho reformista.

Em segundo lugar, obter a realização da unidade sindical em França: sindicatos únicos sobre a base da luta de classes.

Em terceiro lugar, arrebatar para o movimento antifascista as grandes massas camponesas, as massas da pequena burguesia, reservando um lugar especial no programa da frente popular antifascista para as suas reivindicações urgentes.

Em quarto lugar, consolidar sob o ponto de vista da organização e alargar mais ainda o movimento antifascista já existente, através da criação em massa de organismos electivos sem Partido da Frente popular antifascista, estendendo a sua influência a maiores massas do que os Partidos e organizações de trabalhadores actualmente existentes em França.

Em quinto lugar, fazer pressão com vista à dissolução e desarmamento das organizações fascistas, na sua qualidade de organizações de indivíduos que conspiram contra a República e que são os agentes de Hitler em França.

Em sexto lugar, proceder de forma que o aparelho de Estado, o exército, a polícia, sejam depurados dos conspiradores que preparam um golpe de Estado fascista.

Em sétimo lugar, desenvolver a luta contra os dirigentes dos grupos reaccionários da Igreja católica, um dos principais baluartes do fascismo francês.

Em oitavo lugar, ligar o exército ao movimento antifascista criando, no seu seio, comités de defesa da República e da Constituição contra aqueles que pretendem utilizar-se do exército para um golpe de Estado anticonstitucional; não permitir às forças reaccionárias de França anular o acordo

franco-soviético que defende a causa da paz contra a agressão do fascismo alemão.

E finalmente, se em França o movimento antifascista chegar à criação de um governo que desencadeie uma verdadeira luta — não com palavras, mas com actos — contra o fascismo francês, que transforme numa realidade o programa de reivindicações da frente popular antifascista, os comunistas, *embora mantendo-se* inimigos irreconciliáveis de todo e qualquer governo burguês e partidários do poder dos Sovietes, estarão contudo prontos, perante o perigo fascista crescente, *a apoiar um tal tipo de governo.*

A frente única e as organizações fascistas de massa

A luta pela realização da frente única nos países em que os fascistas se encontram no poder é, talvez, o mais importante problema que temos de enfrentar. Nesses países essa luta desenrola-se, é claro, em condições muito mais difíceis que nos países em que existe um movimento operário legal. Entretanto, nos países fascistas, reúnem-se todas as condições para que se desenvolva uma verdadeira frente popular antifascista na luta contra a ditadura fascista, considerando que os operários sociais-democratas, católicos e outros, na Alemanha, por exemplo, podem consciencializar-se mais directamente quanto à necessidade de manter uma luta em comum com os comunistas contra a ditadura fascista. As grandes massas da pequena burguesia e do campesinato, que provaram já o sabor amargo da dominação fascista, experimentam um descontentamento e uma decepção sempre crescentes, o que facilita a sua adesão à frente popular antifascista.

Por conseguinte, a principal tarefa a executar nos países fascistas, especialmente na Alemanha e na Itália, onde o fascismo se soube garantir com uma base de massas e recrutou para as suas organizações, por meio de violência, os operários e outros trabalhadores, consiste em combinar judiciosamente a luta contra a ditadura fascista do exterior com o trabalho de destruição contra ela executado do interior, nas organizações e organismos fascistas de massa. Torna-se necessário estudar, assimilar e aplicar, consoante as condições con-

cretas desses países, os métodos e processos especiais que contribuem para a mais rápida desagregação da base de massas do fascismo e que preparam simultaneamente o derrubamento da ditadura fascista. É isto que se torna necessário estudar, assimilar e aplicar, em vez de se gritar pura e simplesmente: «Abaixo Hitler!» e «Abaixo Mussolini!». Sim, estudar, assimilar e aplicar!

Esta é, não há dúvida, uma tarefa difícil e complexa, e tanto mais difícil quanto a nossa experiência de uma luta coroada de êxito contra a ditadura fascista é extremamente limitada. Os nossos camaradas italianos, por exemplo, lutam desde há cerca de treze anos dentro das condições da ditadura fascista. Não conseguiram ainda contudo, desenvolver uma verdadeira luta de massas contra o fascismo; é por isso que não conseguiram tão-pouco, infelizmente, ajudar neste campo, por meio de uma experiência positiva, os outros Partidos comunistas dos países fascistas.

Os comunistas alemães e italianos e os comunistas dos outros países fascistas, bem como as Juventudes Comunistas, realizaram prodígios de heroísmo; consentiram e consentem diariamente em enormes sacrifícios. Inclinamo-nos todos perante tal heroísmo e tais sacrifícios. O heroísmo, contudo, não chega. É necessário coordená-lo com um trabalho quotidiano nas massas, com uma luta concreta contra o fascismo, que nos permita obter, aqui, resultados mais palpáveis. Na luta contra a ditadura fascista torna-se particularmente perigoso tomarem-se os nossos desejos como realidades; é necessário partir dos factos, da situação concreta, real.

Ora, qual é hoje, por exemplo, a realidade na Alemanha?

O descontentamento e a desilusão lavram e crescem no seio das massas, contra a política da ditadura fascista, revestindo até a forma de greves parciais e outras manifestações. Apesar de todos os esforços, o fascismo não logrou ganhar politicamente a massa fundamental dos operários; perde e perderá cada vez mais, até chegar a perder os seus antigos partidários. Devemos contudo compenetrar-nos do facto de que são ainda em minoria os operários convencidos da *possibilidade* de derrube da ditadura fascista e prontos desde já a lutar activamente para obterem o fim em vista; somos nós, os comunistas, e a parte revolucionária dos operários sociais-

-democratas. Quanto à maioria dos trabalhadores, não se compenetrou ainda das possibilidades reais e concretas, nem dos caminhos que conduzem ao derrube dessa ditadura; está ainda na expectativa. Deve-se considerar este facto, ao determinarmos as nossas tarefas na luta contra o fascismo na Alemanha e quando nos dispomos a procurar, a estudar e a aplicar os procedimentos próprios para derrubar a ditadura fascista na Alemanha.

A fim de se desfechar um golpe violento na ditadura fascista, deveremos conhecer o seu aspecto mais vulnerável. Qual é então o calcanhar de Aquiles da ditadura fascista? A sua base social. Esta é extremamente heterogénea. Engloba diversas classes e diversas camadas da sociedade. O fascismo proclamou-se como o único representante de todas as classes e camadas da população; do fabricante e do operário, do milionário e do desempregado, do «junker» e do pequeno camponês, do grande capitalista e do artesão. O fascismo finge defender os interesses de *todas* essas camadas, os interesses da nação. Contudo, e tratando-se da ditadura da grande burguesia, o fascismo deve inevitavelmente entrar em conflito com a sua base social de massa; principalmente por ser, sobretudo sob a ditadura fascista que surgem mais destacadas as contradições de classe entre a súcia de magnatas da finança e a maioria esmagadora do povo.

Não poderemos trazer as massas para a luta resoluta pelo derrube da ditadura fascista, sem trazer connosco os operários compulsivamente incorporados ou que entraram inconscientemente em organizações fascistas, para os *movimentos mais elementares* pela defesa dos seus interesses económicos, políticos e culturais. É precisamente por esta razão que os comunistas devem trabalhar nessas organizações como os maiores defensores dos interesses diários da massa dos aderentes, considerando que, à medida que os operários aderentes a essas organizações começam cada vez mais a reivindicar os seus direitos e a defender os seus interesses, chocam inevitavelmente com a ditadura fascista.

No terreno da defesa dos interesses vitais e, de início, dos interesses mais elementares das massas trabalhadoras da cidade e do campo, torna-se relativamente mais fácil encontrar uma linguagem comum não só com os antifascistas conscientes, mas também com os trabalhadores que são ainda partidários do fascismo e que, no entanto, desiludidos e descontentes com a sua política, murmuram e procuram uma ocasião de exprimir o seu descontentamento. Em geral, devemos compenetrar-nos que toda a nossa táctica a empregar nos países de ditadura fascista deve revestir-se de uma forma tal que não afaste de nós os partidários do fascismo, que não os devolva ao fascismo, mas antes que alargue o abismo entre a cúpula fascista e a massa dos simples partidários desiludidos do fascismo, que saem das camadas trabalhadoras.

Não é de perder o sangue-frio caso as pessoas mobilizadas em redor desses interesses quotidianos se considerem ou como indiferentes em matéria de política, ou até como partidários do fascismo. O que nos interessa a nós, é arrastá-los num movimento que, mesmo não se manifestando abertamente de início sob palavras de ordem contra o fascismo, não deixa de ser já, objectivamente, um movimento antifascista, visto opor essas massas à ditadura fascista.

A experiência ensina-nos ser prejudicial e errado o ponto de vista sob o qual se crê que nos países de ditadura fascista, é pretensamente *impossível em geral* agir legalmente ou semilegalmente. O insistir sobre um tal ponto de vista é cair na passividade, é renunciar, de uma maneira geral, a todo o trabalho real de massas. É verdade que é tarefa difícil e complicada o descobrir, nas condições de ditadura fascista, as formas e os métodos de uma acção legal ou semilegal. Contudo, e tal como em muitas outras questões, o caminho certo é-nos indicado pela própria vida e pela iniciativa das próprias massas, que forneceram já uma série de exemplos que devemos generalizar, aplicar de forma organizada e judiciosa.

Torna-se necessário pôr fim, da forma mais resoluta, à subestimação do trabalho nas organizações fascistas de massa. Tanto em Itália como na Alemanha, bem como em outros vários países fascistas, os comunistas encobriram a sua passividade e muitas vezes a sua recusa directa, na prática, de trabalhar no seio das organizações fascistas de massas, opondo o trabalho nas empresas ao trabalho nas organizações fascistas de massas. Na realidade, esta oposição esquemática levou a que o trabalho fosse feito com extrema lentidão sem ser por

vezes sequer executado, nem nas organizações fascistas de massas, nem nas empresas.

Ora, nos países fascistas, torna-se particularmente importante para os comunistas o estarem onde quer que se encontrem as massas. O fascismo suprimiu aos operários as suas organizações legais próprias. Impôs-lhes os organismos fascistas e é aí precisamente que se *encontram* as massas, quer compulsivamente, quer, em parte, voluntariamente. Essas organizações fascistas de massas podem e devem ser o nosso campo de acção legal ou semilegal, o campo onde estaremos em contacto com as massas. Podem e devem tornar-se para nós o ponto de partida legal ou semilegal da defesa dos interesses quotidianos das massas. A fim de utilizarem as suas possibilidades, os comunistas devem fazer por obter lugares electivos nas organizações fascistas de massas, com o fim de assegurarem a ligação com as massas e libertarem-se de uma vez para sempre do preconceito de que um tal tipo de actividade não condiz com um operário revolucionário e que é indigno dele.

Na Alemanha, por exemplo, existe um sistema de «delegados de fábrica». Será que, então, devíamos deixar entregue aos fascistas o monopólio dessas organizações? Não é verdade que podemos tentar unir nas empresas os operários comunistas, sociais-democratas, católicos e outros operários antifascistas a fim de, na altura do voto, se riscarem na lista dos «delegados de fábrica» os agentes manifestos do patrão, incluindo outros candidatos gozando da confiança dos operários? A prática provou já isto ser possível.

Não é a prática também que nos diz ser possível, em esforços comuns com os operários sociais-democratas e os outros operários descontentes, exigir dos «delegados de fábrica» a defesa efectiva dos interesses dos operários?

Tomemos como exemplo a *Frente de Trabalho* na Alemanha ou os sindicatos fascistas em Itália. Não é possível exigir a eleição, em vez da nomeação, dos funcionários da *Frente de Trabalho*, o insistir para que os organismos dirigentes dos grupos locais dêem contas da sua actividade às assembleias dos membros das organizações, o apresentar sob decisão do grupo as suas reivindicações ao patrão, ao «inspector do trabalho», aos organismos superiores da *Frente de Trabalho?* É possível, na condição de que os operários revolucionários trabalhem efectivamente na Frente de Trabalho e nela procurem obter lugares.

São possíveis e necessários métodos de trabalho análogos também nas outras organizações fascistas de massas — na união hitleriana das juventudes, nas organizações desportivas, na organização *Kraft durch Freude* ([10]) na Alemanha, *Dopo lavoro* ([11]), em Itália, nas cooperativas, etc.

Recordam-se certamente da antiga lenda da tomada de Tróia. A fim de se proteger do exército que a atacava, Tróia tinha-se feito rodear de altas muralhas inexpugnáveis; o exército dos atacantes, após ter perdido um grande número de vítimas, só conseguiu sair-se vitorioso quando conseguiu penetrar, com o estratagema do famoso cavalo de Tróia, no interior da cidade, no próprio coração da praça inimiga.

Parece-me que nós, operários revolucionários, não devemos sentir-nos constrangidos com a ideia de utilizar a mesma táctica para com o nosso inimigo fascista, que recorre, para se defender contra o povo, à fortificação viva dos seus carrascos.

Quem não compreende a necessidade de aplicar uma tal táctica para com o fascismo, quem considera esta forma de agir como «humilhante», pode ser um excelente camarada, mas deixem-me dizer-lhes que é um fala-barato e não um revolucionário, que não saberá conduzir as massas ao derrube da ditadura fascista.

O movimento de massas da frente única, originário do *interior e do exterior* das organizações fascistas da Alemanha, de Itália e de outros países onde o fascismo possui uma base de massas — partindo da defesa das necessidades mais elementares, mudando as suas formas e palavras de ordem de luta à medida da extensão e da subida dessa mesma luta — será o *cordeiro* que destruirá a fortaleza da ditadura fascista, considerada hoje em dia por muita gente como inexpugnável.

A frente única nos países onde os sociais-democratas se encontram no governo

A luta pelo estabelecimento da frente única levanta ainda um outro problema muito importante, o da frente única nos países onde se encontram no poder governos sociais-democratas ou governos de coligação com participação socialista, como,

por exemplo, na Dinamarca, na Noruega, na Suécia, na Checoslováquia e na Bélgica.

É conhecida a nossa atitude absolutamente negativa para com os governos sociais-democratas, que são governos de conciliação com a burguesia. Contudo, não consideramos a presença de um governo social-democrata ou de uma coligação governamental do Partido Social-Democrata com os Partidos burgueses como um obstáculo *intransponível* para o estabelecimento da frente única com os sociais-democratas, sobre determinadas questões. Calculamos que, também nestes casos, a frente única é perfeitamente *possível* e *indispensável* para a defesa dos interesses quotidianos do povo trabalhador e na luta contra o fascismo. É no entanto de considerar que nos países em que os representantes dos Partidos sociais-democratas participam no governo, a direcção social-democrata opõe a maior *resistência* à frente única proletária. Isto é absolutamente compreensível; não pretendem eles mostrar à burguesia que são eles que sabem melhor e mais habilmente que todos os outros refrear as massas operárias descontentes e protegê-las da influência do comunismo? Contudo, o facto de os ministros sociais-democratas terem uma atitude negativa para com a frente única proletária não poderia, longe disso, justificar a situação em que caem *os comunistas de nada fazerem para criar a frente única do proletariado.*

Os nossos camaradas dos países escandinavos seguem muitas vezes o caminho do menor esforço, *limitando-se a denunciar na sua propaganda o governo social-democrata.* É um erro. Na *Dinamarca,* por exemplo, há já dez anos que os chefes sociais-democratas estão instalados no governo e há já dez anos que os comunistas repetem, todos os dias, que se trata de um governo burguês, capitalista. É preciso supor que esta propaganda é conhecida dos operários dinamarqueses. O facto de uma maioria considerável dar mesmo assim os seus votos ao Partido Social-Democrata governamental, apenas demonstra o seguinte: que *não basta* aos comunistas denunciar o governo na sua propaganda; todavia, isso não mostra que essas centenas de milhares de operários estejam contentes com todas as medidas governamentais dos ministros sociais-democratas. Não, estão descontentes, na medida em que o governo social-democrata auxilia, através do seu «acordo de

crise», os *grandes capitalistas e os proprietários rurais* e não os operários e o campesinato pobre; na medida em que retirou aos operários, pelo seu decreto de Janeiro de 1933, o *direito à greve;* que a direcção social-democrata projecta uma perigosa *reforma eleitoral antidemocrática* (com uma considerável redução do número dos deputados). Não me engano muito se afirmar que 99 por cento dos operários da Dinamarca *não aprovam* tais atitudes políticas, por parte dos chefes e ministros sociais-democratas.

Será que os comunistas não poderão apelar para os sindicatos e organizações sociais-democratas da Dinamarca para que estudem esta ou aquela questão de actualidade, para que formulem a sua opinião e intervenham em comum a favor da frente única proletária, a fim de satisfazerem as reivindicações operárias? No mês de Outubro do ano passado, quando os nossos camaradas dinamarqueses apelaram para os sindicatos a fim de conduzirem a acção contra a redução dos auxílios de desemprego e a favor dos direitos democráticos dos sindicatos, perto de cem organizações sindicais aderiram à frente única.

Na Suécia, é a terceira vez que o governo social-democrata se encontra no poder; os comunistas suecos recusaram-se, contudo, durante muito tempo, a aplicar na prática a táctica da frente única. Porquê? Seriam assim contra a frente única? Evidentemente que não, eram em princípio pela frente única, pela frente única *em geral;* não tinham no entanto compreendido a que propósito, em que questões, na defesa de que reivindicações, é que seria possível pôr em execução com sucesso a frente única proletária, a quê e como se agarrarem. Alguns meses antes da constituição do governo social-democrata, o Partido Social-Democrata tinha formulado, durante a luta eleitoral, uma plataforma que englobava uma série de reivindicações que poderiam ter sido precisamente incluídas na plataforma da frente única proletária. Por exemplo, as palavras de ordem: «*Contra os direitos aduaneiros.*» «*Contra a militarização.*» «*Acabar com as demoras no seguro de desemprego.*» «*Garantir aos velhos uma pensão suficiente para viverem.*» «*Não tolerar a existência de organizações como a "Munch-Korps"* (organização fascista).» «*Abaixo a legislação anti-sindical de classe reclamada pelos Partidos burgueses.*»

Mais de um milhão de trabalhadores da Suécia votaram em 1932 a favor destas reivindicações formuladas pela social-democracia e saudaram em 1933 a formação do governo social-democrata, na esperança de que, agora, essas reivindicações iriam ser realizadas. Não existe nada de mais natural nesta situação e nenhuma outra forma de responder, em mais alto grau, aos desejos das massas operárias, do que uma mensagem do Partido Comunista a todas as organizações sociais-democratas e sindicais, com a proposta de iniciarem acções comuns *com o fim de se realizarem essas reivindicações formuladas pelo Partido Social-Democrata.*

Se, no final da realização das reivindicações formuladas pelos próprios sociais-democratas se tivesse efectivamente conseguido mobilizar as grandes massas, unir as organizações operárias sociais-democratas e comunistas numa frente única, não é de duvidar que a *classe operária da Suécia* tivesse ganho. Os ministros sociais-democratas da Suécia não se teriam evidentemente regozijado, visto que, nesse caso, o governo deveria ser constrangido a satisfazer pelo menos algumas reivindicações. De qualquer forma, não se teria produzido o que agora aconteceu, isto é, que o governo, em vez de suprimir os direitos aduaneiros, *avaliou acima do valor* determinadas taxas; em vez de limitar o militarismo, aumentou o orçamento da Guerra e em vez de rejeitar toda a legislação dirigida contra os sindicatos, apresentou ele próprio no Parlamento um projecto de lei desse tipo. É verdade que, no que respeita a esta última questão, o Partido Comunista Sueco realizou uma boa campanha de massas no sentido da frente única proletária e, no fim de contas, resultou que mesmo a fracção social-democrata do Parlamento se sentiu obrigada a votar contra o projecto de lei governamental, de tal forma que este abortou, pelo menos por agora.

Os comunistas *noruegueses* agiram de forma justa, incitando no Primeiro de Maio as organizações do Partido Operário a manifestarem-se em conjunto e formulando uma série de reivindicações que coincidiam, no fundo, com as reivindicações da plataforma eleitoral do Partido Operário Norueguês. Se bem que esta iniciativa a favor da frente única fosse fracamente preparada e que a própria direcção do Partido Operário Norueguês se lhe tenha oposto, *realizaram-se em trinta localidades manifestações da frente única.*

Anteriormente, muitos comunistas acreditavam que seria uma manifestação de oportunismo da sua parte o absterem-se de opor a *qualquer* reivindicação parcial dos sociais-democratas as suas próprias reivindicações, duas vezes mais radicais. Tratava-se de um erro ingénuo. Se os sociais-democratas reivindicam, por exemplo, a dissolução das organizações fascistas, não nos é necessário acrescentar «e a dissolução da polícia de Estado» (pela razão que seria oportuno formular esta reivindicação numa outra situação); devemos contudo dizer aos operários sociais-democratas: estamos prontos a aceitar essas reivindicações do vosso Partido como reivindicações da frente única proletária e a lutar até ao fim pela realização desta última. Travemos a luta em comum.

De igual modo na *Checoslováquia,* podem-se e devem-se utilizar, a fim de se estabelecer a frente única da classe operária, determinadas reivindicações, formuladas pela social-democracia checa e alemã e pelos sindicatos reformistas. Quando a social-democracia reivindica, por exemplo, o trabalho para os desempregados e a abolição — tal como reclama desde 1927 — das leis que limitam a autonomia das municipalidades, é necessário concretizar essas reivindicações, desde a base e em cada departamento e, de comum acordo com as organizações sociais-democratas, lutar para se obter uma verdadeira satisfação dessas exigências. Outra atitude é a de, quando os Partidos sociais-democratas actuam «de forma geral» contra os agentes do fascismo no aparelho de Estado, convém a cada departamento fazer com que se revelem os porta-vozes do fascismo, em carne e osso, e exigir em comum com os operários sociais-democratas, a sua demissão das instituições de Estado.

Na *Bélgica,* os chefes do Partido Socialista, com Emile Vandervelde à frente, entraram no governo de coligação. Obtiveram esse «sucesso», graças à sua longa e vasta campanha em favor de duas reivindicações essenciais: 1) *anulação dos decretos-leis* e 2) *realização do plano «De Man»* ([12]). A primeira questão é muito importante. O antigo governo tinha promulgado 150 decretos-leis reaccionários, que eram um fardo demasiado pesado para o povo trabalhador. Propunha-se

anulá-lo logo que se tornasse possível. O Partido Socialista exigia-o. Pois bem! Haverá muitos decretos-leis anulados pelo novo governo? Não aboliu nenhum; atenuou unicamente um pouco algumas leis excepcionais, a fim de pagar uma espécie de resgate «simbólico» pelas numerosas promessas feitas pelos chefes socialistas da Bélgica (à semelhança do «dólar simbólico» que certos poderios europeus propunham à América, como pagamento das dívidas de guerra que haviam contraído no montante de milhões).

No que diz respeito à realização do prometedor plano «De Man», as coisas tomaram um aspecto totalmente inesperado para as massas sociais-democratas: os ministros socialistas declararam *que era necessário superar primeiro a crise económica* e apenas aplicar as partes do plano «De Man» que melhorem a situação dos capitalistas industriais e dos bancos — e será apenas depois disso que se tornará possível aplicar as medidas que visam o desanuviamento da situação dos operários. *Quanto tempo* terão contudo de esperar os operários para obterem a sua parte de «prosperidade» prometida pelo plano «De Man»? Os *banqueiros belgas* foram já presenteados com uma verdadeira torrente de ouro. Efectuou-se já a desvalorização do franco belga em 28 por cento; graças a esta manipulação, os banqueiros puderam apossar-se, a título de troféu, de quatro biliões e meio de francos, à custa dos assalariados e da pequena poupança. Como é que tudo isto condiz com o conteúdo do plano «De Man»? Na medida em que, se o considerarmos à letra, ele promete «perseguir os excessos monopolistas e as manobras especuladoras»?

Em face do plano «De Man» o governo nomeou uma comissão encarregada de controlar os bancos, mas essa comissão é *composta por banqueiros* que, felizes e despreocupados, se controlam agora a eles próprios!

O Plano «De Man» promete ainda outras coisas boas: *«redução do horário de trabalho»*, *«normalização salarial»*, *«salário mínimo»*, *«organização de um sistema universal de seguros sociais»*, *«extensão das comodidades de vida, graças a novas construções de habitações»*, etc. Outras tantas reivindicações que nós, comunistas, podemos apoiar. Devemos dirigir-nos às organizações operárias da Bélgica e dizer-lhes: os capitalistas já receberam não só o suficiente, como até mais.

Exigimos dos ministros sociais-democratas que mantenham as promessas feitas aos operários. Agrupemo-nos numa *frente única*, pelo *sucesso da defesa* dos nossos interesses. Ministro Vandervelde, nós apoiamos as reivindicações a favor dos operários, contidas na *vossa* plataforma, mas declaramos contudo abertamente: essas reivindicações, levamo-las nós *a sério;* queremos actos e não palavras vãs e é por isso que agrupamos centenas de milhares de operários *na luta*, para que elas sejam satisfeitas!

É assim que nos países com governo social-democrata, os comunistas utilizam tais reivindicações correspondentes às contidas nas plataformas dos próprios Partidos sociais-democratas, bem como as promessas feitas na altura das eleições pelos ministros sociais-democratas, como ponto de partida para realizar a acção comum com os Partidos e organizações sociais-democratas, a fim de poderem em seguida desenvolver mais confortavelmente a campanha pelo estabelecimento da frente única, desta vez assente sobre uma base de uma série de outras reivindicações das massas em luta contra a ofensiva do Capital, contra o fascismo e a ameaça de guerra.

Não se deve perder de ideia contudo que, de uma forma geral, se a acção comum com os Partidos e organizações sociais-democratas exige dos comunistas o efectuarem uma crítica séria e fundamentada da social-democracia, como ideologia e prática da colaboração de classe com a burguesia e o esclarecerem fraternalmente, incansavelmente, os operários sociais-democratas sobre o programa e as palavras de ordem do comunismo, esta tarefa é particularmente importante na luta pela frente única nos países onde existem precisamente governos sociais-democratas.

A luta pela unidade sindical

A realização da unidade sindical à escala nacional e internacional deve tornar-se a etapa essencial na consolidação da frente única.

Como se sabe, é nos sindicatos que a táctica cisionista dos chefes reformistas tem sido aplicada com mais acuidade. Isto é fácil de conceber: é nos sindicatos que a sua política de

colaboração de classe com a burguesia encontrava o seu termo prático, directamente na empresa, à custa dos interesses vitais das massas operárias. Isto provocou, claro está, uma crítica violenta e uma réplica a essa prática, da parte dos operários revolucionários conduzidos pelos comunistas. Eis porque é no domínio sindical que se travou a mais acesa luta entre os comunistas e o reformismo.

Quanto mais a situação do capitalismo se tornava difícil e complicada, mais a política dos chefes dos sindicatos de Amsterdão se tornava reaccionária e mais agressivas as suas disposições para com todos os elementos da oposição no interior dos sindicatos. A própria instauração da ditadura fascista na Alemanha e a ofensiva reforçada do Capital em todos os países capitalistas não diminuíram sequer esta agressividade. Não será característico o facto de apenas no ano de 1933 terem sido lançadas infames circulares em Inglaterra, na Holanda, na Bélgica e na Suécia, com o fim de excluir dos sindicatos os comunistas e os operários revolucionários? Em Inglaterra, em 1933, surge uma circular proibindo às secções sindicais locais o aderirem às organizações contra a guerra e outras organizações revolucionárias. Tratava-se do prelúdio da famosa «circular negra» do Conselho-Geral das «Trade-Unions», que proclamava fora da lei todo o conselho sindical que admitisse no seu seio delegados «de qualquer modo ligados às organizações comunistas». Que dizer ainda da direcção dos sindicatos alemães que utilizavam meios de repressão inauditos contra os elementos revolucionários dos sindicatos!

Mas a nossa táctica deve fundar-se, não sobre a conduta dos diversos chefes dos sindicatos de Amsterdão — visto esta mesma conduta criar algumas dificuldades à luta de classe —, mas, acima de tudo, sobre a questão de saber *onde se encontram as massas operárias.* Aqui, devemos declarar abertamente: o trabalho nos sindicatos é a mais importante questão para todos os Partidos comunistas. Devemos obter uma viragem real no trabalho sindical, colocando no centro o problema da luta pela unidade sindical.

Desconhecendo a atracção que os sindicatos exercem sobre os operários e postos perante as dificuldades do trabalho a realizar no interior dos sindicatos de Amsterdão, muitos dos nossos camaradas decidiram passar a outros esta tarefa complexa. Falavam invariavelmente da crise de organização dos sindicatos de Amsterdão, do abandono precipitado dos sindicatos por parte dos operários, mas perderam de vista que após uma certa queda dos sindicatos, no início da crise económica mundial, estes começaram seguidamente a crescer. A particularidade do movimento sindical consistia precisamente em que a ofensiva da burguesia contra os direitos sindicais, a tentativa feita em diversos países para unificar os sindicatos (Polónia, Hungria, etc.), a compressão dos seguros sociais, a exploração salarial, apesar da falta de resistência por parte dos chefes sindicais reformistas, obrigavam os operários a agruparem-se de forma mais cerrada ainda em redor dos sindicatos, porque os operários queriam e querem ver no sindicato o defensor combativo dos seus mais urgentes interesses de classe. Isto explica o facto da maioria dos sindicatos de Amsterdão — em França, na Checoslováquia, na Bélgica, na Suécia, na Holanda, na Suíça, etc. — se terem desenvolvido numericamente nestes últimos anos. A Federação americana do trabalho aumentou também consideravelmente o número dos seus aderentes, desde há dois anos.

Se os camaradas alemães tivessem compreendido melhor o seu trabalho sindical, de que o camarada *Thaelmann* lhes falou diversas vezes, teríamos certamente tido nos sindicatos uma melhor situação do que a efectivamente existente aquando da aparição da ditadura fascista. Pelos finais de 1932, apenas cerca de dez por cento dos membros do Partido aderiam aos sindicatos livres. E isto apesar dos Comunistas se terem colocado, depois do VI Congresso da Internacional Comunista, à frente de uma série de greves. Na imprensa, os nossos camaradas falavam da necessidade de reservar 90 por cento das nossas forças para o trabalho nos sindicatos: contudo, na prática, tudo se concentrava em redor da oposição sindical revolucionária, que visava de facto substituir os sindicatos. E após a tomada do poder por Hitler? Desde há dois anos que muitos dos nossos camaradas têm resistido, com tenacidade e de uma forma esquemática, à palavra de ordem justa de luta pelo restabelecimento dos sindicatos livres.

Poderia citar exemplos análogos para quase todos os outros países capitalistas.

Mas já possuímos o nosso primeiro sucesso importante na

luta pela unidade do movimento sindical nos países europeus. Tenho em mente a diminuta Áustria onde, sob a iniciativa do Partido Comunista, foi criada uma base para o movimento sindical ilegal. Depois das batalhas de Fevereiro, os sociais--democratas, com Otto Bauer à cabeça, lançaram a palavra de ordem: «Os sindicatos livres não podem ser restabelecidos senão depois da queda do fascismo.» Os comunistas puseram--se a *trabalhar para o restabelecimento dos sindicatos.* Cada fase desse trabalho foi um fragmento da frente única viva do proletariado austríaco. O sucesso do restabelecimento dos sindicatos livres ilegais foi uma séria derrota do fascismo. Os sociais-democratas hesitavam quanto ao caminho a tomar. Uma parte de entre eles tentaram estabelecer colóquios com o governo. A outra parte, ao ver os nossos sucessos, criou paralelamente os seus próprios sindicatos ilegais. Não podia no entanto existir senão um só caminho: *ou capitular perante o fascismo, ou lutar em comum contra o fascismo, no sentido da unidade sindical.* Sob a pressão das massas, a direcção hesitante dos sindicatos paralelos que haviam sido criados pelos antigos chefes sindicais, resolveu aceitar a união. A base dessa união é a luta irreconciliável contra a ofensiva do Capital e do fascismo e a garantia da democracia sindical. Saudamos esta acção de unificação sindical, a primeira desde a cisão formal do movimento sindical após a guerra e que, por essa mesma razão, se reveste de uma *importância internacional.*

A frente única *em França* impulsionou sem dúvida grandemente a realização da unidade sindical: os dirigentes da Confederação Geral do Trabalho travaram e travam por todos os meios a realização da unidade, opondo à questão fundamental relativa à política de classe dos sindicatos questões de importância subordinada e secundária ou formal. Foi um sucesso indubitável da luta pela unidade sindical a criação de *sindicatos únicos* à escala local, englobando por exemplo, nos ferroviários, perto de três quartos dos efectivos dos dois sindicatos.

Afirmamo-nos resolutamente a favor do restabelecimento da *unidade sindical em cada país e à escala internacional.*

Somos pelo sindicato único em cada indústria. Somos pela unificação sindical em cada país.

Somos pela unificação sindical internacional por indústria.

Somos por uma Internacional sindical única, sobre a base da luta de classe.

Somos pelos sindicatos de classe únicos, como um dos principais baluartes da classe operária contra a ofensiva do Capital e do fascismo. Depois disto estabelecido, apenas pomos uma condição para a unificação das organizações sindicais: *a luta contra o Capital; a luta contra o fascismo e a favor da democracia, no interior dos sindicatos.*

O tempo urge. Para nós, o problema da unidade do movimento sindical, tanto à escala nacional como à escala internacional, é um problema da grande causa de unificação da nossa classe em poderosas organizações sindicais únicas, contra o inimigo de classe. Saudamos a mensagem enviada pela Internacional Sindical Vermelha à Internacional de Amsterdão — na véspera do Primeiro de Maio deste ano — a fim de lhe propor o estudo em comum das condições, métodos e formas de unificação do movimento sindical mundial. Os chefes da Internacoinal de Amsterdão rejeitaram esta proposta, apresentando como pretexto esse argumento tão repisado de que a unidade do movimento sindical não é possível a não ser dentro das fileiras da Internacional de Amsterdão, que aliás, diga-se de passagem, apenas agrupa organizações sindicais de uma parte dos países europeus.

Os comunistas que trabalham nos sindicatos devem prosseguir sem desanimar a luta pela unidade do movimento sindical. A missão dos sindicatos vermelhos e da Internacional Sindical Vermelha é fazer tudo aquilo que deles dependa para apressar o momento da realização da luta comum de todos os sindicatos contra a ofensiva do Capital e do fascismo, para se realizar a unidade do movimento sindical, apesar da oposição obstinada dos chefes reaccionários da Internacional de Amsterdão. Os sindicatos vermelhos e a Internacional Sindical Vermelha devem receber nesse sentido a nossa plena ajuda.

Recomendamos, nos países onde existem pequenos sindicatos vermelhos, a trabalharem no sentido de os filiarem nos grandes sindicatos reformistas, reivindicando a liberdade de defender as suas opiniões e a reintegração dos excluídos, e nos países onde existem paralelamente grandes sindicatos vermelhos e reformistas, convocar um *congresso de unificação,*

sobre a base de uma plataforma de luta contra a ofensiva do Capital e de garantia da *democracia sindical.*

Devemos declarar da forma o mais categórica possível que o operário comunista, o operário revolucionário que não adere ao sindicato de massas da sua profissão, que não luta por transformar o sindicato reformista numa verdadeira organização sindical de classe, que não luta pela unidade do movimento sindical sobre a base da luta de classe, esse operário comunista, esse operário revolucionário, não satisfaz o seu primeiro dever proletário.

A frente única e os jovens

Já falei no papel que jogou para a vitória do fascismo a integração dos jovens nas organizações fascistas. Falando de jovens, devemos declarar abertamente: desdenhámos a missão que nos incumbia de trazer as massas da juventude trabalhadora para a luta contra a ofensiva do Capital, contra o fascismo e a ameaça de guerra; desdenhámos essas missões em diversos países. Subestimámos a enorme importância da juventude na luta contra o fascismo. Nem sempre tivemos em conta os interesses particulares, económicos, políticos e culturais da juventude. Não prestámos tão-pouco a atenção devida à educação revolucionária dos jovens.

Tudo isto foi muito habilmente utilizado pelo fascismo, ao atrair em certos países, particularmente na Alemanha, importantes contingentes de jovens para um caminho oposto ao do proletariado. É necessário ter em conta o facto de o fascismo não atrair a juventude apenas através do romantismo militar. Alimenta estes e aqueles, distribui bens aos membros das suas formações, dá trabalho a fulano ou a sicrano, funda até instituições denominadas culturais para uso da juventude, a fim de a fazer acreditar que quer e pode efectivamente alimentar, vestir, instruir e fazer trabalhar a massa da juventude trabalhadora.

As nossas Federações comunistas de jovens são ainda, actualmente, numa série de países capitalistas, organizações eminentemente sectárias, separadas das massas. A sua fundamental fraqueza consiste em esforçarem-se ainda por copiar

os Partidos comunistas, as suas formas e métodos de trabalho, esquecendo que a Juventude Comunista *não é o Partido Comunista da juventude.* Não têm suficientemente em conta o facto de se tratar de uma organização com funções muito próprias. Os seus métodos e formas de trabalho, de educação e de luta devem ser adaptadas ao nível concreto e às aspirações da juventude.

Os nossos jovens comunistas deram exemplos inesquecíveis de heroísmo na luta contra as violências fascistas e contra a reacção burguesa. O que lhes falta ainda é a capacidade de arrancar concretamente e obstinadamente as massas da juventude à influência inimiga. Podemos observá-lo na resistência, por enquanto insuperada, com que depara o trabalho a efectuar nas organizações fascistas de massas na forma nem sempre justa de abordar a juventude socialista ou os outros jovens não comunistas.

Em tudo isto cabe também uma grande responsabilidade, claro está, aos Partidos comunistas, que devem guiar e suportar as Juventudes comunistas no seu trabalho. O problema da juventude não é somente o problema das Juventudes comunistas. *É o problema de todo o movimento comunista.* No domínio da luta pela juventude, torna-se necessário que os Partidos comunistas e as organizações de Juventudes comunistas operem efectivamente uma viragem decisiva. A principal função do movimento comunista da juventude nos países capitalistas é de avançar corajosamente para a realização da *frente única,* para a organização da união da jovem geração trabalhadora.

Os exemplos da *França* e dos *Estados Unidos,* dados nestes últimos tempos, mostram a enorme influência exercida sobre o próprio movimento revolucionário da juventude pelos primeiros passos dados neste caminho. Bastou proceder nesses países à realização da frente única para registar imediatamente consideráveis sucessos. A este respeito, a nossa atenção é legitimamente retida no domínio da frente única internacional, pela iniciativa do comité parisiense de luta contra a guerra e o fascismo, que se verificou coroada de êxito, e que visava a realização da colaboração internacional de todas as organizações *não fascistas* da *juventude.*

Estas iniciativas felizes realizadas desde há algum tempo no movimento da frente única dos jovens demonstram também como as formas da frente única dos jovens não devem seguir um modelo estereotipado; não devem ser obrigatoriamente as mesmas que as praticadas pelos Partidos comunistas. As Federações de Juventudes comunistas devem tender por todos os meios para a união das forças de todas as organizações de massa não fascistas da juventude, indo até à criação de organizações comuns de todos os tipos, pela luta contra o fascismo, contra a privação inaudita de direitos de que sofre a juventude e contra a sua militarização, pelos direitos económicos e culturais da jovem geração, pela ligação à frente antifascista dessa juventude, seja onde for que ela se encontre: nas empresas, nos campos de trabalho forçado, nas Bolsas de trabalho, nos quartéis e na armada, nas escolas ou nas diversas organizações desportivas, culturais e outras.

Ao desenvolverem e reforçarem as Juventudes comunistas, os nossos jovens comunistas devem trabalhar para a criação de associações antifascistas entre as Federações comunistas e socialistas de jovens, sobre a plataforma da luta de classe.

A frente única e as mulheres

À imagem do que se passou com os jovens, subestimou-se o trabalho a realizar entre as mulheres trabalhadoras, entre as operárias, as desempregadas, as camponesas e as donas de casa. Contudo, se o fascismo frustra os jovens mais do que ninguém, escraviza a mulher de uma forma particularmente impiedosa e cínica, aproveitando os mais dolorosos sentimentos da mãe, da dona de casa, da operária sozinha na vida, que vivem na incerteza do amanhã. O fascismo, ao representar o papel de benfeitor, lança miseráveis esmolas à família faminta, procurando assim abafar a amargura provocada, sobretudo nas mulheres trabalhadoras, pela inaudita escravatura que lhes inflige o fascismo. Expulsa as operárias da produção. Despede à força para o campo as raparigas necessitadas, condenando-as a transformarem-se em criadas sem salário nas casas dos «kulaks» e dos proprietários rurais. Embora prometendo à mulher um agregado familiar feliz,

incita-as, mais do que qualquer outro regime capitalista, para o caminho da prostituição.

Os comunistas e, acima de tudo, as nossas mulheres comunistas, não devem esquecer que não pode existir uma luta vitoriosa contra o fascismo e contra a guerra sem a integração na luta das grandes massas femininas. Ora, para se chegar a esse ponto, fazer apenas propaganda não basta. Considerando toda a situação concreta, devemos procurar a possibilidade de mobilizar as massas das mulheres trabalhadoras em redor dos seus interesses quotidianos e das suas reivindicações, na luta contra a carestia de vida, pelo aumento dos salários sobre a base do princípio «a trabalho igual, salário igual», contra os despedimentos em massa, contra toda a manifestação de desigualdade das mulheres e da sua sujeição ao fascismo.

Visando sempre o trazer as mulheres trabalhadoras para o movimento revolucionário, não deveremos recear a criação nesse sentido, e onde se torne necessário, de organizações femininas diversas. O preconceito que apresenta como necessária a liquidação nos países capitalistas das organizações femininas que se encontram sob a direcção dos Partidos comunistas, em nome da luta contra o «separatismo feminino» no movimento operário, esse mesmo preconceito causou já diversas vezes um grande prejuízo.

É necessário encontrar as formas mais simples, mais flexíveis, que permitam estabelecer o contacto e a luta comum das organizações femininas contra a guerra e o fascismo, revolucionárias, sociais-democratas e progressistas. Deveremos, custe o que custar, proceder de forma a que as operárias e as mulheres trabalhadoras lutem lado a lado com os seus irmãos de classe, nas fileiras da frente única da classe operária e da frente popular antifascista.

A frente única anti-imperialista

Uma vez a situação internacional e interna modificada, o problema da *frente única anti-imperialista* adquire uma excepcional importância em todos os países coloniais e semicoloniais.

Ao formar-se uma vasta frente única anti-imperialista de luta nas colónias e nas semicolónias, torna-se antes de tudo necessário ter em consideração a variedade das condições em que se desenrola a luta anti-imperialista das massas, o grau variável de maturidade do movimento de libertação nacional, o papel representado pelo proletariado e a influência do Partido Comunista nas grandes massas.

Esta questão surge no Brasil de forma diferente da Índia ou da China, etc.

No *Brasil*, o Partido Comunista, que começou precisamente com o desenvolvimento da frente única anti-imperialista, criando a Aliança ([13]) da emancipação nacional, tem de consagrar todos os seus esforços no sentido de alargar ainda mais essa frente, atraindo em primeiro lugar os milhões de camponeses, orientando as coisas para a criação de unidades do exército revolucionário popular que se dediquem fielmente à revolução, e para o estabelecimento do poder da Aliança da emancipação nacional.

Na *Índia*, os comunistas devem participar em todas as acções anti-imperialistas de massas, sem exceptuar as que são conduzidas pelos nacionais-reformistas, suportando-as e amplificando-as. Embora mantendo a sua independência em matéria de política e de organização, devem proceder a um trabalho activo no interior das organizações que participam no Congresso Nacional da Índia, contribuindo para a cristalização no seu próprio seio da ala nacional revolucionária, com o fito de desenvolver seguidamente o movimento de libertação nacional dos povos da Índia contra o imperialismo britânico.

Na *China*, onde o movimento popular já chegou à criação de regiões soviéticas sobre uma vasta extensão do país e à organização de um poderoso Exército Vermelho, o ataque de extorsão lançado pelo imperialismo japonês e a traição do governo de Nankin fizeram perigar a existência nacional do grande povo chinês. Apenas os Sovietes chineses podem intervir como centro unificador na luta contra a servidão e a divisão da China por parte dos imperialistas, como centro unificador destinado a reunir todas as forças anti-imperialistas na luta nacional do povo chinês.

É por isso que aprovamos a iniciativa do nosso corajoso Partido Comunista irmão da China, no seu trabalho pela realização da mais ampla frente única anti-imperialista contra o imperialismo japonês e os seus agentes chineses, com todas as forças organizadas existentes no território da China e que estão prontas a desencadear efectivamente uma luta pela salvação do seu país e do seu povo.

Estou certo de exprimir os sentimentos e o pensamento de todo o nosso Congresso, ao declarar: dirigimos uma saudação fraterna ardente, em nome do proletariado revolucionário do mundo inteiro, a todos os Sovietes da China, ao povo revolucionário chinês. Dirigimos uma saudação fraterna ardente ao heróico Exército Vermelho da China, posto à prova em milhares de batalhas. Asseguramos o povo chinês quanto à nossa firme resolução de apoiar a luta pela sua libertação total de todos os ladrões imperialistas e dos seus agentes chineses.

O governo da frente única

Camaradas! Orientamo-nos resolutamente, ousadamente, para a frente única da classe operária, e estamos prontos a pô-la em prática, com toda a perseverança necessária.

À questão de se saber se, no campo da frente única, nós, os comunistas, preconizam *unicamente* a luta pelas reivindicações parciais, ou se estamos prontos a repartir as responsabilidades mesmo no momento em que se tratará de formar *um governo* assente sobre a base da frente única, nós responderemos, plenamente conscientes das nossas responsabilidades: sim, encaramos a eventualidade de uma situação tal, que a formação de um *governo de frente única proletária* ou de *frente popular antifascista* se torne não só possível, mas indispensável ao interesse do proletariado. Nesse caso, interviremos sem qualquer hesitação a favor da formação de um tal tipo de governo.

Não me refiro aqui ao governo que poderá ser formado *depois* da vitória da revolução proletária. Evidentemente que não se exclui a possibilidade de, num país qualquer e logo após o derrube revolucionário da burguesia, poder ser formado um governo soviético sobre a base de um bloco governamental do Partido Comunista com um outro determinado Partido

(ou com a sua facção de esquerda), que participe na revolução. Sabemos que, depois da Revolução de Outubro, o Partido vencedor dos bolcheviques russos fez incluir na composição do governo soviético os representantes dos socialistas revolucionários de esquerda. Foi esta a particularidade do primeiro governo soviético, constituído após a vitória da Revolução de Outubro.

Não se trata de um caso deste tipo, mas sim da possível formação de um governo de frente única, na véspera da vitória da revolução soviética e antes dessa mesma vitória.

O que é ao certo esse governo? Em que situação poderá estar em causa?

Trata-se, primeiro que tudo, de um *governo de luta contra o fascismo e a reacção.* Deve ser um governo que se inicie como fruto do movimento da frente única e que não limite em nenhum aspecto a actividade do Partido Comunista e das organizações de massas da classe operária mas que tome, ao contrário, resolutas medidas contra os magnatas contra-revolucionários da finança e seus respectivos agentes fascistas.

No momento próprio e apoiando-se sobre o crescente movimento da frente única, o Partido Comunista desse determinado país intervirá a favor da formação de um tal tipo de governo, sobre a base de uma plataforma antifascista determinada.

Em que condições objectivas será possível a formação de um tal governo? Poder-se-á responder a esta pergunta na forma mais generalizada: nas condições de uma *crise política,* no dia em que as classes dominantes não estejam já em condições de dominar o poderoso impulso do movimento antifascista de massas. Não se trata, no entanto, senão da perspectiva geral, sem a qual não será possível na prática formar um governo de frente única. Será unicamente a existência de *condições particulares* determinadas que poderá inscrever na ordem do dia a questão de se formar esse governo, como sendo uma tarefa política *indispensável.* Parece-me que, nessa ocasião, as seguintes condições devem merecer a maior atenção:

Primeiramente, que o aparelho de Estado da burguesia se encontre suficientemente *desorganizado e paralisado,* de forma que a burguesia não possa impedir a formação de um governo de luta contra a reacção e o fascismo.

Em segundo lugar, que as grandes massas de trabalhadores, e em especial os sindicatos de massas, se levantem impetuosamente *contra o fascismo e a reacção,* mas sem *estarem ainda prontos* a levantarem-se para *lutar sob a direcção do Partido Comunista, pela conquista do poder soviético.*

Em terceiro lugar, que a diferenciação e a evolução à esquerda nas fileiras da social-democracia e dos outros Partidos participando na frente única tenham já chegado ao ponto de uma considerável parte deles exigirem *medidas implacáveis contra os fascistas e outros reaccionários,* lutando em comum com os comunistas contra o fascismo e intervindo abertamente contra os elementos reaccionários do seu próprio Partido, que sejam hostis ao comunismo.

Quando e em que país ocorrerá uma situação deste género, com estas condições numa medida adequada, é o que não sabemos dizer de antemão, mas uma tal possibilidade *não é de excluir em nenhum dos países capitalistas,* devendo nós, não só orientarmo-nos e prepararmo-nos para ela, mas, também, orientarmos consequentemente a classe operária.

Se, de uma maneira geral, resolvermos estudar hoje essa questão, será evidentemente em relação à nossa apreciação da situação e da perspectiva de desenvolvimento imediato, como também em relação ao real incremento do movimento da frente única numa série de países, nestes últimos tempos. Durante mais de dez anos a situação nos países capitalistas tem sido de tal forma, que a Internacional Comunista não necessitava de examinar problemas deste tipo.

Lembram-se certamente que estudámos, no nosso IV Congresso em 1922 e ainda no V Congresso de 1924, a palavra de ordem do *governo operário* ou *operário e camponês.* Tratava-se ao princípio, no fundo, de uma questão quase análoga à que agora apresentamos. Os debates então estabelecidos na Internacional Comunista, em redor dessa questão e, sobretudo, os *erros* políticos cometidos nesse domínio têm ainda agora suficiente importância para acentuar a nossa *vigilância contra o perigo do desvio à direita ou à «esquerda» da linha bolchevique, neste aspecto.* É por isso que assinalarei brevemente alguns desses erros, a fim de extrair deles os ensinamentos necessários para a actual política dos nossos Partidos.

A *primeira* série de erros resultava precisamente do facto de a questão do governo operário não estar clara e firmemente ligada à existência de uma crise política. Graças a esta circunstância, os *oportunistas de direita* podiam interpretar os factos de forma a fazerem crer que convém lutar pela formação de um governo operário, suportado pelo Partido Comunista, seja em que situação for, como se costuma dizer, numa situação «normal». Os *ultra-esquerdistas*, pelo contrário, não reconheciam senão o governo operário susceptível de ser criado unicamente através da insurreição armada, *depois* do derrube da burguesia. Tanto um como o outro ponto de vista estavam errados e é assim que, a fim de se evitar a repetição de semelhantes erros, *frisamos tanto a redução exacta* das condições concretas próprias da crise política e o impulso do movimento de massas em que a criação de um governo de frente única se possa verificar possível e politicamente indispensável.

A *segunda* série de erros resultava do facto da questão do governo operário não estar ligada ao desenvolvimento de um vasto *movimento* combativo de *frente única do proletariado.* É por isso que os *oportunistas da direita* tinham a possibilidade de deformar a questão, conduzindo-a para o campo de uma táctica sem princípio de bloqueio com os Partidos sociais-democratas, sobre a base de combinações puramente parlamentares. Os *ultra-esquerdistas* gritavam, pelo contrário: «Não queremos coligação com a social-democracia contra-revolucionária!», considerando, por essência, todos os sociais-democratas como sendo contra-revolucionários.

Tanto um como outro pontos de vista estavam errados; frisamos agora, por nosso lado, que não queremos de forma nenhuma um «governo operário» que seja pura e simplesmente um governo social-democrata alargado. Preferimos mesmo renunciar à denominação de «governo operário» e *falarmos de um governo de frente única* que, em função do seu carácter político, é completamente diferente, *diferente em princípio,* de todos os governos sociais-democratas que se costumam intitular «governo operário». Enquanto o governo social-democrata representa uma arma de colaboração de classe com a burguesia, no interesse da conservação do regime capitalista, o *governo de frente única* é um governo de colaboração da vanguarda revolucionária do proletariado com os outros Partidos antifascistas, no interesse de todo o povo trabalhador, um governo de luta contra o fascismo e a reacção. Está bem claro que se trata de duas coisas *essencialmente diferentes.*

Por outro lado, assinalamos a necessidade de se ver a *diferença entre os dois campos distintos da social-democracia.* Tal como indiquei anteriormente, existe um campo reaccionário da social-democracia; mas, simultaneamente, existe e cresce um campo de sociais-democratas de esquerda (sem aspas), de operários que se tornam revolucionários. A diferença decisiva existente entre eles reside praticamente na sua atitude para com a frente única da classe operária. Os sociais-democratas reaccionários são *contra* a frente única, caluniam o movimento de frente única, sabotam-no e desagregam-no, visto anular-lhes a sua política de conciliação com a burguesia. Os sociais-democratas de esquerda são *a favor da frente única*; eles defendem, desenvolvem e reforçam o movimento da frente única. Tratando-se este movimento de frente única de um movimento de combate contra o fascismo e a reacção, constituirá uma força motriz permanente contra a burguesia reaccionária. Quanto mais esse movimento de massas se desenvolver poderosamente, maior será a força que ele poderá pôr à disposição do governo, para combater os reaccionários. Quanto mais organizado *na sua própria base* estiver esse movimento de massas, mais vasta será a rede dos *organismos de classe fora de Partido da frente única nas empresas, entre os desempregados, nos bairros operários, entre as pessoas simples da cidade e do campo,* e maior será a garantia contra a possível degenerescência da política do governo de frente única.

A *terceira* série de pontos de vista errados surgidos nos debates precedentes dizia precisamente respeito à *política prática* do «governo operário». *Os oportunistas de direita* afirmavam que «o governo operário» se deve manter «no âmbito da democracia burguesa» e que, por conseguinte, não deve tomar qualquer iniciativa que saia desse mesmo âmbito. Os *ultra-esquerdistas* recusavam-se, pelo contrário, a qualquer tentativa de formar um governo de frente única.

Em *Saxe* e em *Thuringe* pôde-se observar, em 1923, um quadro assaz edificante da prática oportunista de direita do «governo operário». A entrada dos comunistas no governo de Saxe, com os sociais-democratas de esquerda (grupo de Zeigner) não se traduzia por si mesma num erro; pelo contrário, a situação revolucionária da Alemanha justificava plenamente esta iniciativa. Contudo, ao fazerem parte do governo, os comunistas deveriam ter utilizado as suas posições, acima de tudo *para armar o proletariado*. Não o fizeram. Não requisitaram sequer um só dos apartamentos dos ricos, embora a penúria de alojamentos fosse tão grande entre os operários, que muitos deles, com as mulheres e filhos, ficavam sem abrigo. *Nada empreenderam sequer*, para organizar o movimento revolucionário das massas operárias. Conduziam-se em geral como *simples* ministros parlamentares, «dentro do âmbito da democracia burguesa». É este o fruto, como se sabe, da política oportunista de Brandler e dos seus partidários. Teve como resultado uma tal falência que mesmo agora, vemo-nos obrigados a referirmo-nos ao governo de Saxe como a um exemplo clássico da forma como os revolucionários *se não devem conduzir* aquando no governo.

Camaradas! Exigimos de cada governo de frente única uma política completamente diferente. Exigimos dele a realização das *reivindicações revolucionárias radicais*, determinadas, correspondendo à situação. Por exemplo, o controle da produção, o controle dos bancos, a dissolução da polícia, a sua substituição pela milícia operária armada, etc.

Há quinze anos atrás, Lénine apelava para que concentrássemos toda a nossa atenção na «procura das formas de *transições* ou de *aproximações* que conduzissem à revolução proletária». O *governo da frente única* verificou-se ser talvez, numa série de países, *uma* das principais formas de transição. Os doutrinadores «de esquerda» passaram sempre à margem desta indicação de Lénine; como propagandistas tacanhos, apenas falavam do «fim», sem nunca se preocuparem das «formas de transição». Quanto aos oportunistas de direita, tendiam a estabelecer um certo *estádio intermédio democrático*, entre a ditadura da burguesia e a ditadura do proletariado, a fim de inculcarem nos operários a ilusão de um agradável passeio parlamentar de uma ditadura à outra. Este

«estado intermediário» fictício, intitulavam-no eles também de «forma transitória», referindo-se mesmo a Lénine! Não se tornava contudo difícil desvendar essa burla, pois Lénine falava de uma forma de transição e de aproximação conduzindo à *revolução proletária*, isto é, ao derrube da ditadura burguesa, e *não* a uma qualquer forma de transição *entre* a ditadura burguesa e a ditadura proletária.

Porque atribuiria Lénine uma tão considerável importância à forma de transição que conduzia à revolução proletária? Por ter em vista a *lei fundamental de todas as grandes revoluções*, a lei pela qual não são apenas a propaganda e a agitação que podem substituir perante as massas a sua *própria experiência política*, quando se trata de colocar verdadeiramente as grandes massas de trabalhadores ao lado da vanguarda revolucionária, sem o que a luta vitoriosa pelo poder se torna impossível. O vulgar erro de índole esquerdista é a ideia de que, logo que surge uma crise política (ou revolucionária), basta à direcção comunista lançar a palavra de ordem da insurreição revolucionária, para que as grandes massas a sigam. Não, mesmo quando se trata de uma crise deste tipo, as massas estão longe de se encontrarem sempre preparadas. Observámos isto mesmo em Espanha. Ajudar as *massas inumeráveis* a compreenderem o mais rapidamente possível, através da sua própria experiência, o que é necessário fazer, onde descobrir a saída decisiva, qual o Partido que merece a sua confiança — eis porque são necessárias entre outras as palavras de ordem transitórias, bem como as «formas "particulares" de transição ou de aproximação que conduzem à revolução proletária». De contrário, as grandes massas populares, submetidas à influência das ilusões e das tradições democráticas da pequena burguesia podem, mesmo na presença de uma situação revolucionária, hesitar, temporizar e errar, sem encontrar o caminho da revolução — para caírem em seguida sob os golpes dos carrascos fascistas.

É por essa razão que encaramos a possibilidade de formar, nas condições de uma crise política, um governo de frente única antifascista. Na medida em que esse governo desencadeie efectivamente a luta contra os inimigos do povo, conceda a liberdade de acção à classe operária e ao Partido Comunista, nós, comunistas, apoiá-lo-emos por todas as for-

mas e, como soldados da revolução, bater-nos-emos *na primeira linha.* Dizemos, contudo, abertamente às massas: esse governo não pode trazer a *salvação definitiva.* Não está à altura de derrubar a dominação de classe dos exploradores, pelo que não pode tão-pouco afastar definitivamente o perigo da contra-revolução fascista. Consequentemente, torna-se necessário *prepararmo-nos para a revolução socialista.* A salvação não virá senão do *poder soviético* e apenas dele!

Ao apreciar-se o desenvolvimento actual da situação mundial, vemos que uma *crise política* amadurece em todo um conjunto de países. É isto que determina a grande actualidade e a grande importância da firme resolução tomada pelo nosso Congresso, sobre a questão do governo da frente única.

Se os nossos Partidos souberem utilizar, à maneira bolchevique, a possibilidade de formar um governo de frente única, a luta em redor da sua formação, assim como o exercício do poder efectuado por um tal governo, pela *preparação revolucionária das massas,* teremos aí igualmente a melhor *justificação política* da nossa orientação para a criação de um governo de frente única.

A luta ideológica contra o fascismo

Um dos aspectos mais fracos da luta antifascista dos nossos Partidos consiste em que eles *não reagem suficientemente e em tempo oportuno à demagogia do fascismo* e continuam até à data a considerar desdenhosamente as questões da luta contra a ideologia fascista. Muitos camaradas não acreditavam que uma variedade da ideologia tão reaccionária como a ideologia do fascismo, atingindo no seu absurdo muitas vezes a demência, pudesse em geral ser capaz de conquistar uma influência de massas. Foi um grande erro. A decomposição muito adiantada do capitalismo penetra até ao próprio âmago da sua ideologia e da sua cultura, e a situação desesperada das grandes massas populares torna algumas das suas camadas sujeitas ao contágio dos resíduos ideológicos dessa decomposição.

Esta força de contágio ideológico possuída pelo fascismo não deve ser, em caso algum, subestimada. Devemos ao contrário pelo nosso lado, desdobrar uma ampla luta ideológica sobre a base de uma argumentação clara, popular, e de uma atitude justa e bem ponderada, com referência à psicologia nacional particular das massas populares.

Os fascistas rebuscam toda a *história* de cada povo, a fim de se apresentarem como herdeiros e continuadores do que de mais sublime e heróico existe no seu passado; tudo o que de humilhante e injurioso para os sentimentos nacionais do povo exista, utilizam-no como uma arma contra os inimigos do fascismo. Na Alemanha, editam-se centenas de livros com um só fito: falsificar à maneira fascista a história do povo alemão. Os historiadores nacionais-socialistas recém-formados, esforçam-se por apresentar a história da Alemanha de forma a fazer acreditar que, em virtude de uma desconhecida «continuidade histórica» se vê prosseguir ao longo de dois mil anos, como um traço a vermelho, uma linha de desenvolvimento que terminou no aparecimento sobre o palco histórico, do «salvador» nacional, do «Messias» do povo alemão, do bem conhecido «führer» de origem *austríaca*! Nesses livros representam-se as maiores personalidades do povo alemão, no passado, como fascistas, e os grandes movimentos camponeses como os precursores directos do movimento fascista.

Mussolini esforça-se a todo o custo por constituir um capital político com a heróica figura de Garibaldi. Os fascistas franceses apresentam Joana de Arc como sua heroína. Os fascistas americanos, apelando para as tradições das guerras americanas da independência, clamam para as tradições de Washington, de Lincoln. Os fascistas búlgaros utilizam o movimento de emancipação nacional de 1870-1880 e os seus heróis populares favoritos Vassil Levski, Stéfan Karadja, etc.

Os comunistas, que julgam que nada disto interessaria à causa operária, que nada fazem para esclarecer de maneira justa, sob o ponto de vista histórico, no verdadeiro sentido marxista, marxista-leninista, as massas trabalhadoras sobre o passado do seu próprio país, para *ligar a sua actual luta às suas tradições e ao seu passado revolucionário,* esses mesmos comunistas abandonam de boa vontade aos falsificadores fascistas o que de mais precioso hesiste no passado histórico da nação, a fim de escarnecerem das massas populares.

Não, camaradas! *Nós estamos interessados em todas as*

questões importantes, não apenas do presente e do futuro, como também do passado do nosso próprio povo. Isto porque nós, comunistas, não empregamos uma política estreita feita dos interesses corporativos dos operários. Não somos os homens tacanhos das «trade-unions» ou os dirigentes de corporações medievais de artesãos e de companheiros. Somos os representantes dos interesses de classe da classe mais importante, mais numerosa da sociedade moderna, da classe operária que é chamada a eximir a humanidade das torturas do regime capitalista, da classe que derrubou já o jugo capitalista em cerca de uma sexta parte do globo e que é aí a classe dominante. Nós defendemos os interesses vitais de todas as camadas trabalhadoras exploradas, isto é, da maioria esmagadora do povo em todo e qualquer país capitalista.

Nós, comunistas, somos os *irreconciliáveis adversários de princípio* do nacionalismo burguês, sob todas as suas formas. *Não somos contudo os partidários do niilismo nacional,* pelo que não deveremos nunca afirmar-nos como tal. O problema da educação dos operários e de todos os trabalhadores, dentro do espírito do internacionalismo proletário, é uma das tarefas fundamentais de todo o Partido Comunista. Quem pense no entanto que isto lhe permite — ou mesmo o obriga — desdenhar de todos os sentimentos nacionais das grandes massas trabalhadoras, está longe do autêntico bolchevismo, nada captou da doutrina de Lénine, na questão nacional.

O próprio Lénine, que combateu sempre resolutamente e com perseverança, o nacionalismo burguês, ofereceu-nos um exemplo da maneira justa de abordar o problema dos sentimentos nacionais, no seu artigo «Do orgulho nacional dos Grão-Russos», escrito em 1914. Eis o que ele escreveu:

> «Será que o sentimento de orgulho nacional nos é estranho, a nós, proletários grão-russos conscientes? Evidentemente que não! Amamos a nossa língua e a nossa pátria; no que mais nos empenhamos é em elevar as massas trabalhadoras (isto é, os nove décimos da *sua* população) à vida consciente de democratas e de socialistas. O mais penoso para nós, é ver e sentir as violências, a opressão e os vexames que os carrascos czaristas, os nobres e os capitalistas infligem à nossa bela pátria. Orgulhamo-nos por essas violências terem provocado resistências no nosso meio, no meio dos Grão-Russos; orgulhamo-nos que esse mesmo meio tenha produzido Radichtchev, os decembristas, os revolucionários plebeus de 1870-1880; orgulhamo-nos por a classe operária da Grã-Rússia ter criado em 1905 um poderoso Partido revolucionário de massas...
>
> Penetra-nos um sentimento de orgulho nacional: a nação grã-russa criou, *também*, uma classe revolucionária; provou *também* ser capaz de fornecer à humanidade grandes exemplos de luta pela liberdade e pelo socialismo, e não apenas grandes progroms, fileiras de forcas, enxovias, grandes fomes e forte servilismo diante dos "popes", dos czares, dos proprietários rurais e dos capitalistas.
>
> Penetra-nos a todos um sentimento de orgulho nacional e é por isso que *tanto* odiamos o nosso passado de escravidão... e o nosso presente de escravos, quando esses mesmos proprietários, secundados pelos capitalistas, nos conduzem à guerra a fim de abafar a Palónia e a Ucrânia, esmagar o movimento democrático na Pérsia e na China, reforçar a clique das Romanov, dos Brobinski, dos Purichkévitch, que desonram a nossa dignidade nacional de Grão-Russos.» (*)

É isto o que escrevia Lénine, a respeito do orgulho nacional.

Penso, camaradas, não ter agido de forma incorrecta no processo de Leipzig quando, tendo os fascistas tentado caluniar o povo búlgaro, tratando-o de povo bárbaro, eu próprio tomei a defesa da honra nacional das massas trabalhadoras desse povo que luta com abnegação contra os usurpadores fascistas, esses verdadeiros bárbaros e selvagens, bem como quando declarei que não possuo qualquer razão que me leve

(*) V. I. Lénine, *Obras Completas,* t. XXI, pp. 85-86.

a ter vergonha de ser búlgaro e que, pelo contrário, tenho orgulho de ser filho da heróica classe operária búlgara.

Camaradas! O internacionalismo proletário deve, por assim dizer, «aclimatar-se» em cada país, a fim de criar raízes profundas na terra natal. As *formas nacionais* da luta proletária de classe e do movimento operário dos diferentes países não contradizem o internacionalismo proletário; pelo contrário, é justamente sob essas formas que se pode defender com sucesso os *interesses internacionais* do proletariado.

É de considerar que se torna necessário denunciar e provar concretamente às massas, *sempre e por todo o lado*, que, sob o pretexto de defender os interesses da nação em geral, a burguesia fascista realiza a sua política egoísta de opressão e de exploração do seu próprio povo, bem como a sua política de pilhagem e de servidão dos outros povos. Isto contudo *não basta*. Torna-se necessário mostrar simultaneamente, através da própria luta da classe operária e das intervenções dos Partidos comunistas, que o proletariado, que se insurge contra todo o tipo de servidão e de opressão nacional, é o verdadeiro e *único* campeão da liberdade nacional e da independência do povo.

Os interesses da luta de classe do proletariado contra os exploradores e os opressores, no próprio interior do país, não contradizem os interesses do futuro livre e feliz da nação. Pelo contrário: a revolução socialista significará a *salvação da nação*, abrindo-lhe o caminho de maior progresso. *Desde que, efectivamente,* a classe operária edifica actualmente as suas organizações de classe e fortifica as suas posições, que defende contra o fascismo os direitos democráticos e a liberdade, que luta pelo derrube do capitalismo, luta *efectivamente* por esse futuro da nação.

O proletariado revolucionário luta pela salvaguarda da cultura do povo, para a libertar das cadeias do Capital monopolista em decomposição, do fascismo bárbaro que a violenta. *Só* a revolução proletária pode conjurar a morte da cultura, elevá-la a um desenvolvimento superior na sua qualidade de verdadeira cultura popular, *nacional na sua forma e socialista no seu conteúdo,* tal como vemos realizar-se na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

O internacionalismo proletário não só não contradiz essa luta dos trabalhadores dos diversos países pela liberdade nacional, social e cultural, como garante também, graças à solidariedade proletária internacional e à unidade de combate, o *suporte* necessário para a vitória dessa mesma luta. É *somente através de uma estreita união* com o proletariado vencedor da grande União Soviética que a classe operária dos países capitalistas pode vencer. É lutando *somente* de mãos dadas com o proletariado dos países imperialistas que os povos coloniais e as minorias nacionais oprimidas podem obter a sua libertação. É *somente* através da união revolucionária da classe operária dos países imperialistas com o movimento de emancipação nacional das colónias e dos países dependentes que se situa o caminho da vitória da revolução proletária nos países imperialistas, visto que, segundo os ensinamentos de *Marx,* «um povo que oprime outros povos não pode ser livre».

Os comunistas que pertençam a uma nação oprimida, dependente, não poderiam erguer-se com sucesso contra o chauvinismo nas fileiras da sua nação, *se não demonstrarem simultaneamente,* na prática do movimento de massas, que lutam efectivamente pela libertação do seu país do jugo estrangeiro. Por outro lado, os comunistas da nação opressora não podem efectuar o necessário para educarem as massas trabalhadoras do seu país dentro do espírito do internacionalismo, *sem travarem* uma luta decidida contra a política de opressão da sua «própria» burguesia, a favor do direito das nações, por ela escravizadas, de disporem inteiramente de si mesmas. Se não o fizerem, não ajudarão os trabalhadores da nação oprimida a superar os seus preconceitos nacionalistas.

É apenas se agirmos neste sentido, se demonstrarmos no nosso trabalho de massas e de forma convincente, que estamos libertos do niilismo nacional bem como do nacionalismo burguês, que poderemos conduzir efectivamente e com sucesso a luta contra a demagogia chauvinista dos fascistas.

Eis porque a aplicação justa e concreta da política nacional leninista é importante. Existe nela uma condição *absolutamente indispensável* para o sucesso da luta contra o chauvinismo, principal instrumento da acção ideológica dos fascistas sobre as massas.

III. *O REFORÇO DOS PARTIDOS COMUNISTAS E A LUTA PELA UNIDADE POLÍTICA DO PROLETARIADO*

Camaradas! Na luta pelo estabelecimento da frente única, a importância do papel dirigente do Partido Comunista aumenta de forma extraordinária. No fundo, apenas o Partido Comunista é o iniciador, o organizador, a força motriz da frente única da classe operária.

Os Partidos comunistas não podem assegurar a mobilização das grandes massas de trabalhadores pela luta comum contra o fascismo e a ofensiva do Capital, *a não ser com a condição de reforçarem em todos os aspectos as suas próprias fileiras,* de desenvolverem a sua iniciativa, de aplicarem a política marxista-leninista e a táctica justa, flexível, que considera a situação concreta e a correlação das forças de classe.

O reforço dos Partidos comunistas

No período compreendido entre o VI e o VII Congressos os nossos Partidos *aumentaram* e *fortificaram-se consideravelmente* nos países capitalistas. Mas seria um erro perigoso ficarmos por aqui. Quanto mais a frente única da classe operária se expandir, mais numerosas serão as tarefas novas e complicadas que se nos irão deparando e mais necessário se nos tornará trabalhar para o reforço político e orgânico dos nossos Partidos. A frente única do proletariado incita para a frente um exército de operários que poderá desempenhar-se da sua missão, desde que haja, à cabeça desse exército, uma força dirigente, mostrando-lhe os fins e os caminhos. Essa força dirigente só pode ser um *sólido partido revolucionário proletário.*

Quando nós, comunistas, despendemos todos os nossos esforços para estabelecer a frente única, não o fazemos sob o estreito ponto de vista do recrutamento de novos aderentes para os Partidos comunistas. Devemos contudo reforçar os Partidos comunistas em todos os campos da sua actividade

e aumentar os seus efectivos, *precisamente* por desejarmos seriamente reforçar a frente única. O reforço dos Partidos comunistas não apresentam um estreito interesse de Partido, mas sim o interesse de toda a classe operária.

A unidade, a coesão revolucionária e a combatividade dos Partidos comunistas, são um dos mais preciosos capitais que não nos pertence apenas a nós, mas também a toda a classe operária. A nossa pressa em avançar em comum com os Partidos e as organizações sociais-democratas na luta contra o fascismo, combinámo-la e combiná-la-emos com uma luta irreconciliável contra a social-democracia como ideologia e prática de conciliação com a burguesia e, a partir daí, contra *toda a penetração* dessa ideologia nas nossas próprias fileiras.

Ao realizarmos com coragem e decisão a política da frente única, deparamos nas nossas próprias fileiras com obstáculos que é necessário afastarmos, custe o que custar, no mais curto período de tempo possível.

Depois do VI Congresso da Internacional Comunista, *realizou-se com sucesso uma luta* em todos os Partidos comunistas dos países capitalistas, *contra as tendências à adaptação oportunista às condições da estabilização capitalista e contra o contágio das ilusões reformistas e legalistas.* Os nossos Partidos depuraram as suas fileiras dos oportunistas de direita de todo o tipo, reforçando assim a sua unidade bolchevique e a sua combatividade. A luta contra o *sectarismo* foi efectuada com menor sucesso e frequentemente sem sucesso nenhum. O sectarismo não se manifestava mais nas suas formas primitivas, declaradas, como nos primeiros anos de existência da Internacional Comunista, mas era mascarando-se com o reconhecimento formal das teses bolcheviques que travava o desenvolvimento da política bolchevique de massa. Na nossa época, não se trata muitas vezes de uma «doença infantil», como escrevia Lénine, mas sim de um *vício enraizado*; sem nos desembaraçarmos desse vício é impossível resolver o problema da realização da frente única do proletariado e fazer passar as massas das posições do reformismo para o lado da revolução.

Na actual situação, é o sectarismo, o sectarismo *pleno de bazófia,* como o qualificamos no projecto de resolução, que entrava *em primeiro lugar* a nossa luta pela realização da frente única — o sectarismo satisfeito com o seu *espírito*

doutrinador tacanho, com o seu isolamento da vida real das massas, contente com os seus *métodos simplificados* de solução dos mais complexos problemas do movimento operário sobre a base de esquemas estereotipados — o sectarismo que aspira à omnisciência e julga supérfluo meter-se na escola das massas, de assimilar as lições do movimento operário. Numa palavra, o sectarismo que, como se costuma dizer, de nada duvida. O sectarismo pleno de bazófia *não pode nem quer* compreender que a direcção da classe operária pelo Partido Comunista não se obtém automaticamente. O papel dirigente do Partido Comunista nas batalhas da classe operária deve ser conquistado. Para tal, não se trata de declamar sobre o papel dirigente dos comunistas, mas sim em efectuar um trabalho de massas quotidiano e dentro de uma política justa, *de merecer, de conquistar a confiança das massas operárias.* Isto é apenas possível se nós, comunistas, considerarmos seriamente no nosso trabalho político o nível real da consciência de classe das massas, do seu *grau* de maturação revolucionária; se apreciarmos de forma sã a situação concreta, não sobre a base dos nossos desejos, mas sobre a base da realidade. Devemos facilitar pacientemente e passo a passo às grandes massas a sua passagem para as posições do comunismo. Não deveremos nunca esquecer as palavras de Lénine, quando nos advertia com toda a energia, que se tratava «precisamente *em não* acreditar que aquilo que se encontra ultrapassado *para nós,* está também ultrapassado *para toda uma classe, para as massas* (*).

Camaradas! Serão pouco numerosos hoje nas nossas fileiras, os elementos doutrinadores que, dentro da política da frente única, apenas pressentem perigos em todo o lado e sempre? Para esses camaradas, toda a frente única representa apenas perigo. Este «espírito de princípio» sectário representa apenas a impotência política perante as dificuldades da direcção imediata da luta das massas.

O sectarismo exprime-se *em particular* pela sobrestimação da maturação revolucionária das massas, pela sobrestimação do ritmo a que elas abandonam as posições do reformismo,

(*) V. I. Lénine, *Obras,* t. XXXI, p. 40.

pelas tentativas de ultrapassar as etapas difíceis e de prosseguir as tarefas complicadas do movimento. Os métodos de direcção das massas eram frequentemente substituídos, na prática, pelos métodos de direcção de um pequeno grupo de Partido. Subestimava-se a força de ligação tradicional das massas com as suas organizações e as suas direcções; e quando as massas não rompiam bruscamente essas ligações, adoptava-se perante elas uma atitude tão distinta como para com os seus dirigentes reaccionários. Estandardizava-se a táctica e as palavras de ordem para todos os países; não se tomava em consideração as particularidades da situação concreta em cada país individualmente. Desconhecia-se a necessidade de dirigir uma luta obstinada no mais profundo das massas, a fim de lhes conquistar a confiança; desdenhava-se a luta pelas reivindicações parciais dos operários, bem como o trabalho nos sindicatos reformistas e nas organizações fascistas de massas. Substituía-se frequentemente a política de frente única por apelos sem futuro e uma propaganda abstracta.

As formas sectárias de apresentar as perguntas não deixavam de prejudicar menos a escolha judiciosa dos homens, a educação e a formação dos *quadros ligados* às massas e *gozando* da sua confiança, dos quadros *firmes sob o ponto de vista revolucionário,* e *postos à prova* nas batalhas de classe, sabendo combinar a *experiência* prática do trabalho de massas com a *firmeza de princípio de um bolchevique.*

Assim, o sectarismo diminuía de uma forma notável o crescimento dos Partidos comunistas, entravava a realização de uma verdadeira política de massas impedia a utilização das dificuldades do inimigo de classe para reforçar as posições do movimento revolucionário, dificultava os esforços para fazer passar as grandes massas proletárias para o lado dos Partidos comunistas.

Ao lutar da forma mais resoluta a fim de desenraizar e vencer os últimos restos do sectarismo pleno de bazófia, deveremos reforçar por todos os meios possíveis a nossa vigilância e a nossa luta para com o *oportunismo de direita* e contra todas as suas manifestações concretas, sem perder de vista que o perigo que ele representa aumentará à medida do desenvolvimento de uma vasta frente única. Existem já tendências que consistem em rebaixar o papel do Partido Comu-

nista nas fileiras da frente única e a reconciliarem-se com a ideologia social-democrata. É necessário ter em mente que a táctica da frente única é um método que consiste em persuadir praticamente os operários sociais-democratas da verdade da política comunista e da falsidade da política reformista, *e não a reconciliar-se com a ideologia e a prática sociais-democratas.* O sucesso da luta pelo estabelecimento da frente única exige toda a necessidade de uma luta constante nas nossas fileiras, contra a tendência em *depreciar o papel do Partido,* contra as ilusões legalistas, contra a orientação para a *espontaneidade e o automatismo,* tanto no que se refere à liquidação do fascismo, como naquilo que se refere à realização da frente única, contra as *mínimas hesitações, no momento da acção realizada.*

A unidade política da classe operária

Camaradas! O desenvolvimento da frente única de luta comum dos operários comunistas e sociais-democratas contra o fascismo e a ofensiva do Capital apresenta igualmente o problema da *unidade política, do Partido político de massas único da classe operária.* Os operários sociais-democratas convencem-se cada vez mais, através da sua experiência, que a luta contra o inimigo de classe exige uma *direcção* política única, visto a dualidade em matéria de direcção entravar o desenvolvimento ulterior e o reforço da luta única da classe operária.

Os interesses da luta de classe do proletariado e o sucesso da revolução proletária ditam a necessidade de possuir em cada país *um Partido único do proletariado.* Não é assim tão fácil nem simples, contudo, consegui-lo. Exigirá um trabalho e uma luta obstinados, constituindo necessariamente um processo mais ou menos prolongado. Os Partidos comunistas devem, apoiando-se sobre a tendência crescente dos operários para a unificação com os Partidos comunistas dos Partidos sociais-democratas ou de organizações isoladas, tomar com firmeza e segurança a iniciativa dessa obra de unificação. A unificação das forças da classe operária num Partido proletário revolucionário único, no momento em que o movimento

operário internacional entra no período de liquidação da cisão, é a *nossa obra,* é a obra da Internacional Comunista.

Mas se, para estabelecer a frente única dos Partidos comunistas e sociais-democratas, basta um acordo sobre a luta contra o fascismo, a ofensiva do Capital e a guerra, a realização da unidade política só será possível uma vez assente sobre a base de uma série de condições determinadas com um carácter de princípio.

Esta unificação só será possível:

Primeiro, na condição de uma completa independência para com a burguesia e de uma ruptura total do bloco da social-democracia com a burguesia.

Em segundo lugar, na condição de que a *unidade de acção* seja *primeiramente* realizada.

Em terceiro lugar, na condição de que seja reconhecida a necessidade do *derrube revolucionário da burguesia* e da instauração da *ditadura do proletariado sob a forma de Sovietes.*

Em quarto lugar, na condição de se recusar apoiar a burguesia *na guerra imperialista.*

Em quinto lugar, na condição de se construir o Partido sobre a base do *centralismo democrático,* garantindo a unidade de vontade e de acção, e verificado pela experiência dos *bolcheviques russos.*

Devemos explicar aos operários sociais-democratas, pacientemente e com toda a camaradagem, a razão por que a unidade política da classe operária se torna impossível, se não se efectuarem essas condições. Devemos estudar, em conjunto com eles, o significado e a importância dessas condições.

Porque serão necessárias à realização da unidade política do proletariado a completa independência para com a burguesia e a ruptura do bloco da social-democracia?

Porque toda a experiência do movimento operário e nomeadamente a experiência dos quinze anos de política de coligação na Alemanha, demonstraram que a política de colaboração de classes, a política de dependência para com a burguesia, conduz à derrota da classe operária e à vitória do fascismo. Só o caminho da luta de classe irreconciliável contra a burguesia, o caminho dos bolcheviques, demonstra ser o caminho certo da vitória.

Porque será que o estabelecimento da unidade de acção deve ser a condição prévia da unidade política?

Porque a unidade de acção para repelir a ofensiva do Capital e do fascismo é possível e necessária antes mesmo que a maioria dos operários se unam sobre a plataforma política comum de derrube do capitalismo e porque a elaboração da unidade de opiniões sobre as vias fundamentais e os fins da luta do proletariado, sem a qual a unificação dos Partidos se torna impossível, exige um tempo mais ou menos longo. Ora, a unidade de opiniões elabora-se no meio da luta comum contra o inimigo de classe, *desde já*. Propor a unificação imediata em vez da frente única, é pôr a charrua à frente dos bois e acreditar que a charrua partirá à frente. É precisamente por a questão da unidade política não ser para nós uma manobra, como o é para muitos dos chefes sociais-democratas, que insistimos sobre a realização da unidade de acção, como sendo uma das etapas essenciais na luta pela unidade política.

Porque será necessário reconhecer o derrube revolucionário da burguesia e o estabelecimento da ditadura do proletariado sob a forma do poder dos Sovietes?

Porque a experiência da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, por um lado, e das amargas lições da Alemanha, da Áustria e da Espanha durante todo o período do pós-guerra, por outro lado, confirmaram uma vez mais que a vitória do proletariado é apenas possível através do derrube revolucionário da burguesia, e que esta afogará o movimento operário num mar de sangue, de preferência a permitir ao proletariado instaurar o socialismo pela via pacífica. A experiência da Revolução de Outubro demonstrou claramente que o conteúdo fundamental da revolução proletária é o problema da ditadura do proletariado, chamada a esmagar a resistência dos exploradores uma vez estes derrubados, a armar a revolução para a luta contra o imperialismo e a conduzir a revolução até à vitória completa do socialismo. Para se realizar a ditadura do proletariado, como ditadura exercida pela maioria esmagadora sobre uma minoria ínfima, sobre os exploradores — dado que ela não pode ser realizada senão desse modo — torna-se necessário que os *Sovietes* englobem todas as camadas da classe operária, as massas fundamentais do campesinato e dos outros trabalhadores, cujo despertar e

integração na frente da luta revolucionária são indispensáveis para a consolidação da vitória do proletariado.

Porquê a recusa de apoiar a burguesia na guerra imperialista se torna uma condição da unidade política?

Porque a burguesia faz a guerra imperialista com o fito de espoliação, contra os interesses da maioria esmagadora dos povos, seja qual for o pretexto utilizado para fazer essa guerra. Porque todos os imperialistas combinam com a preparação febril da guerra um reforço extremo da exploração e da opressão dos trabalhadores, no interior do país. Apoiar a burguesia numa tal guerra é trair os interesses do país e a classe operária internacional.

Porquê, enfim, representa a construção do Partido sobre a base do centralismo democrático, uma condição da unidade?

Porque só um Partido construído sobre a base do centralismo democrático pode garantir a unidade de vontade e de acção, só ele pode conduzir o proletariado à vitória sobre a burguesia, que dispõe por seu lado de uma arma tão poderosa como o aparelho de Estado centralizado. A aplicação do princípio do centralismo democrático suportou uma brilhante provação histórica na experiência do Partido bolchevique russo, do Partido de Lénine.

Sim, camaradas, nós somos a favor de um único Partido político de massas da classe operária. Daí contudo a necessidade, como diz Estáline:

> «...de um Partido combativo, de um Partido revolucionário suficientemente corajoso para levar os proletários à luta pelo poder, suficientemente experiente para se orientar nas condições complexas de uma situação revolucionária, e suficientemente flexível para contornar os escolhos de todos os tipos no caminho que conduz ao fim.»

Eis porque é necessário basearmo-nos nas condições atrás expostas, nos nossos esforços para realizar a unidade política.

Nós somos a favor da unidade política da classe operária! É por isso que estamos prontos a prestar a mais estreita colaboração a todos os sociais-democratas que se pronunciem a

favor da frente única e que sustentem sinceramente a unificação sobre as bases indicadas. É precisamente por sermos pela unificação, que lutaremos resolutamente contra os demagogos «de esquerda» que, utilizando-se da decepção dos operários sociais-democratas, criam novos Partidos socialistas ou novas Internacionais, que são dirigidas contra o movimento comunista e assim aprofundam a divisão da classe operária.

Saudamos a tendência para a frente única com os comunistas, que cresce entre os operários sociais-democratas. Vemos nela o desenvolvimento da sua consciência revolucionária e o início da liquidação da cisão da classe operária. Considerando que a unidade de acção é uma necessidade imperiosa e o caminho mais certo para a realização da unidade política do proletariado, declaramos que *a Internacional Comunista e as suas respectivas secções estão prontas a iniciar conversações com a II Internacional e suas secções, com vista a estabelecer a unidade da classe operária na luta contra a ofensiva do Capital, contra o fascismo e a ameaça de uma guerra imperilista.*

CONCLUSÃO

Camaradas! Termino aqui o meu relatório. Como vêem, ao considerarmos as modificações ocorridas na situação depois do VI Congresso e as lições da nossa luta e apoiando-nos no grau de consolidação já atingido pelos nossos Partidos, pomos hoje, de uma maneira nova, uma série de questões. Apresentamos em primeiro lugar a questão da frente única e da forma de abordar a social-democracia, os sindicatos reformistas e as outras organizações de massas.

Existem pessoas circunspectas que crêem entrever em tudo isto um recuo das nossas posições de princípio, uma certa volta à direita, em relação à linha bolchevique. Que querem! No meu país, na Bulgária, diz-se que uma galinha esfomeada sonha sempre com milho miúdo.

Deixemos as galinhas políticas pensarem o que muito bem lhes apetecer. Isto interessa-nos pouco.

O que é importante para nós, é que tanto os nossos próprios Partidos como as grandes massas do mundo inteiro compreendam de forma exacta o que queremos obter.

Não seríamos marxistas revolucionários, leninistas, dignos discípulos de Marx-Engels-Lénine, se em função de uma situação modificada e dos desdobramentos produzidos no movimento operário mundial, não *retocássemos,* de forma apropriada, a nossa política e a nossa táctica.

Não seríamos verdadeiros revolucionários se não nos instruíssemos através da nossa própria experiência e através da experiência das massas.

Queremos que os nossos Partidos, nos países capitalistas, intervenham e ajam como *verdadeiros Partidos políticos da classe operária;* que desempenhem efectivamente o papel de *factor político* na vida dos seus países; que apliquem sempre *uma política bolchevique activa de massas, em vez de se limitarem apenas à propaganda, à crítica e aos apelos à luta pela ditadura do proletariado.*

Nós somos os inimigos de toda a forma de esquematismo. Queremos considerar a situação concreta em cada momento e em cada local determinado, não queremos agir sempre e em todo o lado *de acordo com um padrão determinado,* nem esquecer que em condições *diferentes,* a posição dos comunistas não pode ser *idêntica.*

Queremos considerar tranquilamente *todas as etapas* no desdobramento da luta de classes e no desenvolvimento da consciência de classe das próprias massas, saber encontrar e resolver em cada etapa as tarefas *concretas* do movimento revolucionário que a ela correspondem.

Queremos descobrir um *idioma comum* com as grandes massas, visando a luta contra o inimigo de classe; encontrar os caminhos e os meios de superar definitivamente o *isolamento da vanguarda revolucionária* em relação às massas do proletariado e de todos os trabalhadores, bem como superar o fatal *isolamento* da própria *classe operária,* em relação aos seus aliados naturais, na luta contra a burguesia, contra o fascismo.

Queremos trazer connosco massas cada vez mais numerosas para a luta de classe revolucionária e conduzi-las à revolução proletária, *partindo dos seus interesses e das suas necessidades urgentes e sobre a base da sua própria experiência.*

Queremos, segundo o exemplo dos nossos gloriosos bolche-

viques russos, do Partido dirigente da Internacional Comunista, do Partido Comunista da União Soviética, conjugar o *heroísmo revolucionário* dos comunistas alemães, espanhóis, austríacos e outros, *com um realismo revolucionário autêntico,* e terminar com os últimos restos da barafunda escolástica em redor dos graves problemas políticos.

Queremos armar os nossos Partidos em todos os campos, visando a solução dos encargos políticos complexos que se lhes deparam. Com este fim é necessário elevar cada vez mais alto o seu *nível teórico,* educá-los dentro do espírito de um marxismo-leninismo vivo, e não de um doutrinarismo morto.

Queremos desenraizar das nossas fileiras o *sectarismo pleno de bazófia* que nos bloqueia em primeiro lugar o caminho das massas e impede a realização de uma autêntica política bolchevique de massas. Queremos reforçar por todos os meios de luta contra todas as manifestações concretas do *oportunismo de direita,* considerando o facto que, desse lado, o perigo aumentará justamente ao longo da realização prática da nossa política e da nossa luta de massas.

Queremos que, em cada país, os comunistas disparem na altura oportuna e utilizem *todas as informações* da sua própria experiência, como vanguarda revolucionária do proletariado. *Queremos que eles aprendam o mais depressa possível a nadar nas águas impetuosas da luta de classes,* em vez de se manterem à margem, como observadores, registando as ondas que passam, na expectativa do bom tempo.

Eis o que queremos!

Queremos tudo isto, porque só assim é que a classe operária, à testa de todos os trabalhadores, unida num exército revolucionário fortalecido por milhões de homens, conduzida pela Internacional Comunista, poderá desempenhar-se de forma segura da sua missão histórica: varrer da face da terra o fascismo e, com ele, o capitalismo!

(Texto abreviado.)

PELA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA CONTRA O FASCISMO

DISCURSO DE ENCERRAMENTO, PRONUNCIADO NO VII CONGRESSO MUNDIAL DA INTERNACIONAL COMUNISTA, A 13 DE AGOSTO DE 1935

(Extractos)

Camaradas! Os debates circunstanciados desenrolados com base no meu relatório, testemunham o enorme interesse que o Congresso manifestou pelos principais problemas e tarefas tácticas da luta da classe operária contra a ofensiva do capital e do fascismo, contra a ameaça da guerra imperialista.

Se fizermos neste momento uma apreciação dos oito dias de discussão, constataremos que o Congresso aprovou unanimemente todas as teses essenciais do relatório. Nem um só orador sequer levantou qualquer objecção contra as teses de táctica por nós formuladas e contra a resolução proposta pelo Congresso.

Podemos afirmar sem hesitação que nunca se manifestou, em qualquer dos Congressos precedentes da Internacional Comunista, uma tão grande coesão ideológica e política. A unanimidade total do Congresso é o indício de se ter adquirido, nas nossas fileiras, a consciência perfeita da necessidade de se reconstruir a nossa política e a nossa táctica, em conformidade com a situação modificada e assente sobre a base da experiência, particularmente rica e instrutiva, dos últimos anos.

Esta unanimidade, podemos considerá-la incontestavelmente como uma das mais importantes condições para a resolução da mais imediata e principal missão do movimento internacional do proletariado — *realizar a unidade de acção de todos os destacamentos da classe operária, na luta contra o fascismo.*

Para se realizar com sucesso esta missão, torna-se necessário para nós, *primeiramente* que os comunistas saibam manejar habilmente a arma da *análise marxista-leninista,* estudando cuidadosamente a situação concreta e a relação das forças de classe, no processo do seu desenvolvimento, traçando nesse sentido os planos de acção e de luta. Torna-se necessário extirpar da mais implacável forma esse apego, demasiado frequente nos comunistas, pelos esquemas factícios, pelas fórmulas inviáveis, pelos estereótipos já prontos. É preciso acabar com a situação em que os comunistas, desprovidos de conhecimentos ou de aptidões necessárias para a execução de uma análise marxista-leninista, substituem essa análise por frases e palavras de ordem genéricas, como «saída revolucionária da crise», sem experimentarem explicar seriamente em que condições, sobre que relação das forças de classe, em que grau de maturidade revolucionária do proletariado e das massas trabalhadores, a que nível de influência do Partido Comunista, uma tal saída revolucionária da crise se torna possível. Na falta de uma tal análise todas as palavras de ordem desse tipo não passam de frases ocas, propostas no ar que comprometem as nossas actuais missões. Sem uma análise marxista-leninista concreta nunca saberemos apresentar e resolver judiciosamente nem a questão do fascismo, nem a questão da frente única proletária e da frente nacional, nem a da nossa atitude para com a democracia burguesa, nem a do governo da frente única, nem a dos processos que se desenvolvem no seio da classe operária, e, em particular, entre os operários sociais-democratas, nem tão-pouco outros numerosos problemas, novos e complexos, apresentados pela própria vida e pelo desenvolvimento da luta de classes.

Em *segundo lugar,* precisamos de *homens muito activos,* de homens que procedam das massas operárias, da sua luta quotidiana e da acção de combate, dedicados sem quaisquer reservas à causa do proletariado, de homens que possam trabalhar, com a sua energia e com as suas próprias mãos, na realização das decisões do nosso congresso. Sem quadros bolcheviques, leninistas, não resolveremos as enormes tarefas que se deparam aos trabalhadores, na luta contra o fascismo.

Em *terceiro lugar,* são-nos necessários homens esclarecidos pela *bússola da teoria marxista-leninista,* visto que, sem o

hábil manuseamento dessa bússola, os homens caem num estreito «praticismo» sem horizontes, apenas encontrando soluções para o dia a dia, perdendo de vista a larga perspectiva de luta que aponta às massas para onde vamos e porquê, e para onde conduzimos os trabalhadores.

Em quarto lugar, é-nos necessária uma *organização das massas,* a fim de se converterem em actos as nossas decisões. A nossa influência ideológica e política por si só não chega. Devemos terminar com a orientação para a *espontaneidade do movimento,* uma das nossas principais fraquezas. Devemos recordar-nos que, sem um trabalho de organização, obstinado, longo, paciente, embora parecendo por vezes ingrato, as massas não se aproximarão do terreno comunista. Para se saber organizar as massas é preciso aprender a arte leninista de fazer com que as nossas decisões aproveitem não só aos comunistas, como também às largas massas de trabalhadores. É preciso aprender a falar às massas não a linguagem das fórmulas livrescas, mas sim a dos maiores lutadores da causa das massas, em que cada palavra, cada ideia, reflita o pensamento e os sentimentos de milhões de trabalhadores.

É sobre estes pontos que eu gostaria de insistir no meu discurso de encerramento.

Camaradas, o Congresso acolheu as novas teses tácticas unanimemente e com grande entusiasmo. Não há dúvida que o entusiasmo e a unanimidade são por si só excelentes factores, mas melhor ainda é o fazerem-se acompanhar por um exame profundamente reflectido e crítico das tarefas que se nos apresentam, de uma assimilação completa das decisões tomadas e de uma real compreensão dos meios e métodos necessários à aplicação dessas decisões à situação concreta de cada país.

Anteriormente, também adoptávamos por unanimidade decisões que não eram más. O pior é que as adoptávamos muitas vezes apenas na forma, não as tornando conhecidas, na maior parte das vezes, senão de uma vanguarda pouco numerosa da classe operária. As nossas decisões não se tornavam na carne e sangue das grandes massas, não se transformavam num guia de acção de milhões de homens.

Será que se pode afirmar que nos livrámos definitivamente dessa atitude formal para com as resoluções adoptadas? Não.

É preciso dizer que mesmo neste Congresso se manifestam, nas intervenções de certos delegados, vestígios de formalismo, que se sente por vezes a tendência para substituir a análise concreta da realidade e experiência viva por um novo esquema qualquer, uma nova fórmula simplificada, não viável, bem como a tendência para apresentar como uma *realidade,* como uma coisa *existente,* aquilo que *desejamos,* mas que *não existe* de facto.

A LUTA CONTRA O FASCISMO DEVE SER CONCRETA

Não existe nenhuma característica geral do fascismo, mesmo parecendo por si só acertada, que nos dispense a necessidade de estudarmos concretamente e de considerarmos as particularidades do desenvolvimento do fascismo e as diversas formas da ditadura fascista nos diversos países e nas várias etapas. Torna-se necessário em cada país investigar, estudar e descobrir o que o fascismo possui de especificamente nacional, estabelecendo em conformidade os métodos e as formas eficazes de luta contra o fascismo.

Lénine prevenia-nos insistentemente contra a «estandardização, o nivelamento mecânico, a identificação das regras de táctica, das regras de luta». Esta observação é especialmente verdadeira quando se trata da luta contra um inimigo que explora de tão requintada forma, com tanto jesuitismo, os sentimentos e preconceitos nacionais das massas, bem como o seu estado de espírito anticapitalista, em proveito dos interesses do grande capital. *É necessário conhecer perfeitamente e sob todas as suas formas um tal inimigo.* Devemos reagir, sem perda de tempo, contra as suas inúmeras manobras, denunciar os seus movimentos secretos, estar prontos para ripostar em qualquer ocasião e em qualquer campo. Não devemos hesitar em *extrair uma lição* do próprio inimigo, se isso nos servir para lhe torcer o pescoço com maior rapidez e segurança.

Seria erro grosseiro o estabelecer-se um esquema geral do desenvolvimento do fascismo, aplicável a todos os países e a todos os povos. Um tal esquema não nos seria útil, impedindo-nos, pelo contrário, de estabelecer a verdadeira luta, impelindo para o campo do fascismo diversas camadas da população que, desde que abordadas de forma judiciosa, podem ser integradas, numa determinada fase de desenvolvimento, na luta contra o fascismo ou, pelo menos, neutralizadas.

Tomemos como exemplo o desenvolvimento do fascismo em França e na Alemanha. Alguns camaradas calculam que o fascismo não pode geralmente desenvolver-se em França com a mesma facilidade que na Alemanha. Que existe de errado e de exacto nesta afirmação? É exacto que as tradições democráticas não estavam tão profundamente enraizadas na Alemanha como o estão em França, país que conheceu, nos séculos XVIII e XIX, diversas revoluções. É certo que a França é um país que ganhou a guerra e impôs o Pacto de Versalhes aos outros países; é certo que não existe nas massas francesas esse sentimento nacional ferido que desempenhou na Alemanha um tão importante papel. É certo que a maioria das massas camponesas se anima em França de um estado de espírito republicano, antifascista, sobretudo no Midi, diferentemente da Alemanha onde, logo a partir da chegada do fascismo ao poder, uma considerável parte do campesinato se encontrava sob a influência dos Partidos reaccionários.

Contudo, e apesar das diferenças existentes no desenvolvimento do movimento fascista em França e na Alemanha, apesar das circunstâncias que entravam a ofensiva do fascismo em França, seria cegueira o não se ver o crescimento ininterrupto, nesse país, do perigo fascista e de se subestimar a possibilidade de um golpe de Estado fascista. Existem em França numerosos factores que favorecem por outro lado o desenvolvimento do fascismo. Não esqueçam que a crise económica, que teve início em França depois dos outros países capitalistas, continua a aprofundar-se e agravar-se, facilitando de forma singular o desencadeamento da demagogia fascista. O fascismo francês possui no exército, entre os oficiais, posições mais sólidas do que os nacionais-socialistas na Reichswehr, antes da sua chegada ao poder. Por outro lado, não existe talvez nenhum outro país onde a corrupção do regime parlamentar tenha tomado proporções tão monstruosas e onde tenha provocado uma tão grande indignação por parte das massas como em França. É baseando-se nestes factos que, como se sabe, os fascistas franceses especulam de forma demagógica na sua luta

contra a democracia burguesa. Não esqueçam tão-pouco que o receio que a burguesia francesa tem de perder a sua hegemonia política e militar na Europa favorece igualmente o desenvolvimento do fascismo.

Daí resulta que o sucesso do movimento antifascista em França, de que Thorez e Cachin aqui nos falaram e de que muito nos alegramos sinceramente, não poderá ser ainda considerado, nem por sombras, como um indício de as massas trabalhadoras terem conseguido travar definitivamente a marcha ao fascismo. É preciso salientar uma vez mais com insistência todo o alcance da importância das tarefas da classe operária francesa na luta contra o fascismo, tarefas essas que eu já indiquei no meu relatório.

É também perigoso iludirmo-nos sobre a fraqueza do fascismo noutros países onde se não apoia numa sólida base das grandes massas. Temos exemplos como os da Bulgária, da Jugoslávia, da Finlândia, onde o fascismo, embora desprovido de uma base suficientemente grande para se apoiar, não deixou de ascender ao poder, apoiando-se nas forças armadas do Estado, e onde procurou seguidamente alargar a sua base, servindo-se do aparelho de Estado.

Dutt tinha razão ao afirmar que existia nas nossas fileiras uma certa tendência para considerar o fascismo em geral, sem levar em conta as particularidades concretas dos movimentos fascistas nos diversos países e classificando erradamente de fascismo todas as medidas reaccionárias da burguesia, qualificando mesmo de fascismo todo o campo não comunista. Longe de reforçar a luta contra o fascismo, pelo contrário, tudo isso a enfraqueceu.

Existem contudo ainda hoje vestígios da atitude esquemática para com o fascismo. Não será uma manifestação dessa atitude esquemática a afirmação de alguns camaradas ao assegurarem que a «nova era» de Roosevelt representa uma forma ainda mais clara, mais aguda, da evolução da burguesia para o fascismo do que, por exemplo, o «governo nacional» da Inglaterra? É preciso ter-se cegado por uma considerável dose de esquematismo para se não ver que são precisamente os círculos mais reaccionários do capital financeiro americano que atacam Roosevelt, que representam, acima de tudo, a força que estimula e organiza o movimento fascista nos Estados Unidos. O não se ver o fascismo real nascer nos Estados Unidos sob as frases hipócritas desses círculos a favor da «defesa dos direitos democráticos dos cidadãos americanos», é desorientar a classe operária na luta contra o seu pior inimigo.

Nos países coloniais e semicoloniais desenvolvem-se igualmente, como se assinalou na discussão, certos grupos fascistas; não se trata, evidentemente, do mesmo tipo de fascismo como o que conhecemos na Alemanha, na Itália e nos outros países capitalistas. É necessário nesses casos estudar e pesar as condições económicas, políticas e históricas absolutamente específicas, que fizeram e farão tomar ao fascismo formas inéditas.

Alguns camaradas, preguiçosos de espírito, que não sabem encarar concretamente os fenómenos da realidade viva, substituem o estudo minucioso e profundo da situação *concreta* e da correlação das forças de classe, por *fórmulas* gerais que nada dizem. Assemelham-se, não aos *atiradores de elite* que atiram directamente ao alvo, mas a esses «hábeis» atiradores que atiram sistemática e infalivelmente *ao lado do alvo,* com tiros que tanto podem visar mais alto ou mais baixo, mais longe ou mais perto do próprio alvo. Nós, camaradas, nós queremos, como militantes comunistas do movimento operário, como vanguarda revolucionária da classe operária, ser atiradores de elite que atiram efectivamente e sem falhar o alvo.

FRENTE ÚNICA DO PROLETARIADO OU FRENTE POPULAR ANTIFASCISTA

Alguns camaradas dão tratos à imaginação sobre a forma por onde deverão começar: *pela frente única do proletariado ou pela frente popular antifascista?*

Uns dizem: não seria possível montar uma frente popular antifascista sem se estabelecer antes uma sólida frente única do proletariado.

Mas, raciocinam outros, como o estabelecimento da frente única do proletariado depara em inúmeros países com a resistência da ala reaccionária da social-democracia, seria me-

lhor começar pela frente popular, desenvolvendo seguidamente sobre esta simples e única base, a frente única da classe operária.

Tanto uns como outros não compreendem evidentemente que a frente única do proletariado e a frente popular antifascista estão intimamente ligadas uma à outra pela *dialéctica viva da luta,* que se penetram reciprocamente, se transformam uma no outra durante a luta prática contra o fascismo e estão longe de serem separadas por uma espécie de grande muralha.

Não se pode seriamente conceber a realização da frente popular antifascista sem se estabelecer a unidade de acção da própria classe operária, *força dirigente* dessa frente popular. Por outro lado, o desenvolvimento ulterior da frente única proletária depende, em grande medida, da sua transformação numa frente popular contra o fascismo.

Imaginem, camaradas, o amador de esquemas que, posto perante a nossa resolução, constrói o seu esquema com o zelo de um verdadeiro exegeta:

Primeiramente, a frente única do proletariado como base à escala local;

Depois a frente única como base, à escala regional;

Em seguida a frente única por cima, passando pelos mesmos graus;

Depois disso, a unidade do movimento sindical;

Seguidamente, a ligação dos outros Partidos antifascistas depois, a frente popular desenvolvida tanto na base como no cimo;

Depois de tudo isto, será conveniente elevar o movimento a um grau superior, politizá-lo, revolucioná-lo, etc., e assim diante.

Dir-me-ão, camaradas, que isto é pura tolice. Estou de acordo convosco. Mas a infelicidade é que, apesar do nosso vivo repúdio, uma tal tolice sectária se encontra ainda nas nossas fileiras.

Como se põe, na realidade, a questão? Devemos evidentemente trabalhar por todo o lado no sentido de se criar uma vasta frente popular geral de luta contra o fascismo. Não sairemos, contudo, num grande número de países, das conversações gerais sobre a frente popular, se não soubermos quebrar, através da mobilização das massas operárias, a resistência do sector reaccionário da social-democracia para com a frente única de luta do proletariado. É este o caso, em primeiro lugar, da Inglaterra, onde a classe operária forma a maioria da população, onde as «trade-unions» inglesas e o Partido Trabalhista têm a apoiá-los as grandes massas da classe operária. É este o caso na Bélgica, nos Países Escandinavos, onde se opõem, contra Partidos comunistas numericamente fracos, poderosos sindicatos de massas e Partidos sociais-democratas numericamente fortes.

Os comunistas cometeriam sem dúvida nestes países um erro político extremamente grave se se furtassem à luta pelo estabelecimento da frente única do proletariado, atrás de fórmulas gerais sobre a frente popular a qual não pode estabelecer-se sem a participação das organizações de massas da classe operária. A fim de se efectuar nesses países uma verdadeira frente popular, os comunistas devem realizar um enorme trabalho político e organizativo no seio das massas operárias. Devem dominar os preconceitos dessas massas que consideram as suas organizações reformistas de massas como a encarnação já real da unidade proletária; devem convencer essas massas que o estabelecimento da frente única com os comunistas significa apenas a sua transferência para as posições da luta de classe e que só essa passagem, e apenas ela, é que poderá garantir o sucesso da luta contra a ofensiva do capital e do fascismo. Não é incumbindo-nos nesses países de tarefas de maior âmbito que venceríamos as dificuldades com que deparamos. É, ao contrário, lutando pelo desaparecimento dessas dificuldades que prepararemos, não com palavras mas com factos, a formação de uma verdadeira frente popular de luta contra o fascismo, contra a ofensiva do capital, contra a ameaça de guerra imperialista.

A questão apresenta-se de forma diferente nos países como a Polónia, onde a par do movimento operário se desenvolve um poderoso movimento camponês, onde as massas camponesas possuem as suas próprias organizações que se radicalizam sob a influência da crise agrária, onde a opressão nacional suscita a maior indignação entre as minorias nacionais. O desenvolvimento da frente popular de luta efectuar-se-á aí de forma paralela ao desenvolvimento da frente única proletária,

e, por vezes nestes países, o movimento da frente popular pode mesmo anteceder o movimento da frente operária.

Consideremos um país como a Espanha, que atravessa um processo de revolução democrática burguesa. Poder-se-á dizer, neste caso, que a dispersão do proletariado, sob o ponto de vista de organização, exige o estabelecimento da completa unidade de luta da classe operária, antes da formação de uma frente operária e camponesa contra Leroux ([14]) e Gil Robles ([15])? Ao apresentar-se desta forma o assunto, isolamos o proletariado do campesinato, abandonamos com efeito a palavra de ordem da revolução agrária, facilitamos aos inimigos do povo a possibilidade de dividir o proletariado e o campesinato e de opor o campesinato à classe operária. Foi esta, como se sabe, uma das principais causas da derrota da classe operária das Astúrias aquando das batalhas de Outubro de 1934.

Existe contudo um ponto que não deve ser esquecido: torna-se necessário, em todos os países onde o proletariado é relativamente pouco numeroso, onde o campesinato e as camadas da pequena-burguesia da cidade predominam, efectuar todos os esforços a fim de se estabelecer uma sólida frente única da própria classe operária, a fim de esta poder ocupar o seu lugar como factor dirigente em relação a todos os trabalhadores.

É assim, camaradas, que se não pode, em relação à solução do problema da frente proletária e da frente popular, fornecer receitas universais para todos os casos da vida, para todos os países e para todos os povos. O universalismo nestes aspectos, a aplicação das únicas e mesmas receitas para com todos os países equivaleria, deixem-me dizer-vos, à ignorância. Ora a ignorância, devemos combatê-la mesmo e sobretudo quando se manifesta sob a fachada de esquemas universais.

O PAPEL DA SOCIAL-DEMOCRACIA E A SUA ATITUDE PARA COM A FRENTE ÚNICA DO PROLETARIDO

Camaradas! É muito importante, sob o ponto de vista das nossas tarefas tácticas, dar uma resposta acertada à questão

de se saber se é verdade e onde é que a social-democracia continua a ser, no momento presente, o principal apoio da burguesia.

Alguns dos delegados que intervieram nos debates — Florin, Dutt — abordaram ao de leve o assunto; contudo, e em face da importância de que se reveste, torna-se necessário dar-lhe uma resposta mais completa. Trata-se de uma questão que põem, e não podem deixar de pôr, os operários de todas as tendências e sobretudo os operários sociais-democratas.

É preciso ter em conta que em muitos países a situação da social-democracia no Estado burguês, bem como a atitude da social-democracia para com a burguesia, modificaram-se ou estão em vias de modificação.

Primeiramente, a crise abalou profundamente a situação das camadas mais seguras da classe operária, do que denominamos aristocracia operária, sobre quem se apoia, principalmente, como sabemos a social-democracia. Essas camadas revêem cada vez mais as suas antigas opiniões sobre a utilidade da política de colaboração de classes com a burguesia.

Em segundo lugar, num certo número de países, tal como indiquei no meu relatório, a burguesia é a própria a ver-se obrigada a renunciar à democracia burguesa e a recorrer à forma terrorista da sua ditadura, privando a social-democracia não só da sua antiga posição no sistema estatal do capital financeiro, como até da sua existência legal em certas condições determinadas, submetendo-a a perseguições, até a esmagar completamente.

Em terceiro lugar, sob a influência, por um lado, dos ensinamentos da derrota dos operários da Alemanha, da Áustria e da Espanha ([16]), derrota essa que resultou principalmente da política social-democrata de colaboração de classes com a burguesia, e, por outro lado, sob a influência da vitória do socialismo na União Sovitética, devida à política bolchevique e à aplicação do marxismo revolucionário — os operários sociais-democratas adoptam um estado de espírito revolucionário, iniciam uma viragem para a luta de classes contra a burguesia.

O conjunto destas causas torna mais difícil e nalguns países completamente impossível para a social-democracia a continuação do seu antigo papel de suporte da burguesia.

A incompreensão deste facto torna-se especialmente perniciosa nos países onde a ditadura fascista arrebatou à social-democracia a sua legalidade. Neste aspecto, os delegados alemães, que frisaram nos seus discursos a necessidade de se deixar de levar à letra fórmulas e decisões já ultrapassadas sobre a social-democracia e de se deixar de desconhecer as mudanças ocorridas na situação, estavam absolutamente certos na sua autocrítica. É bem claro que um tal desconhecimento conduz à deformação da nossa linha orientada para o estabelecimento da unidade da classe operária e facilita aos elementos reaccionários da social-democracia a sua sabotagem da frente única.

Contudo, o processo de impulso revolucionário no seio dos Partidos sociais-democratas, de momento em realização em todos os países, desenvolve-se de forma desigual. Não se compreende como os operários sociais-democratas que se encontram no processo de aquisição de um estado de espírito revolucionário, passariam *subitamente* e em massa para as posições da luta de classe consequente e, sem atravessarem qualquer etapa intermédia, se uniriam *directamente* aos comunistas. Será em muitos países um processo mais ou menos complicado e prolongado que dependerá essencialmente da justeza da nossa política e da nossa táctica. Devemos mesmo contar com a possibilidade de certos Partidos e organizações sociais-democratas, que passarão das posições de colaboração de classe para as posições de luta de classe contra a burguesia, continuarem a subsistir durante ainda algum tempo como organizações e Partidos independentes. Nesses casos não há dúvida que se deveriam considerar tais Partidos ou organizações sociais-democratas como um apoio da burguesia.

Não é de esperar que os operários sociais-democratas que se encontram debaixo da influência da ideologia de colaboração de classe com a burguesia, ideologia essa que lhes é inculcada desde há dezenas de anos, iriam renunciar por sua própria iniciativa a essa mesma ideologia, apenas sob a acção das causas objectivas. Não. Compete-nos a nós, comunistas, ajudá-los a libertarem-se da dominação da ideologia reformista. A explicação dos princípios e do programa do comunismo deve ser pacientemente prosseguida, com toda a camaradagem e considerando o nível de desenvolvimento político de cada

operário social-democrata. A nossa crítica da social-democracia deve tornar-se mais concreta e mais sistemática. Deve basear-se na experiência das próprias massas sociais-democratas. Não se deve deixar de ter em mente que é sobretudo sobre a base da experiência da luta comum, feita de mãos dadas com os comunistas contra o inimigo de classe, que se poderá e se deverá facilitar e acelerar o desenvolvimento revolucionário dos operários sociais-democratas. Não existe meio mais eficaz de vencer as hesitações e as dúvidas dos operários sociais-democratas do que a participação na frente única proletária.

Faremos tudo ao nosso alcance para facilitar o trabalho comum connosco e a luta comum contra o inimigo de classe, não só aos operários sociais-democratas mas também àqueles militantes dos Partidos e organizações sociais-democratas que desejam sinceramente passar para a posição da classe revolucionária. Mas, simultaneamente, declaramos: os dirigentes socialistas, os simples militantes ou operários que continuam a apoiar o papel divisionista dos chefes reaccionários da social-democracia e a erguerem-se contra a frente única, tomam por isso mesmo perante a classe operária uma responsabilidade em nada inferior à responsabilidade histórica dos que apoiaram a política social-democrática de colaboração de classe, política essa que causou, numa série de países europeus, a perda da revolução de 1918 e possibilitou o avanço do fascismo.

É esta também a atitude para com a frente única que funciona como linha de demarcação entre a parte reaccionária da social-democracia e as camadas em vias de adquirirem um estado de espírito revolucionário. O nosso auxílio a favor dessas camadas será tanto mais eficaz quanto mais forte for a nossa luta contra o campo reaccionário da social-democracia, coligado com a burguesia. Assistir-se-á, no seio da facção de esquerda da social-democracia, a uma autodefinição dos seus diversos elementos, tanto mais rápida quanto mais resolutamente lutarem os comunistas pela frente única com os Partidos sociais-democratas. A experiência na luta de classes e a participação dos sociais-democratas no movimento da frente única farão ver quem, neste campo, se diz «da esquerda» em palavras, e quem é efectivamente da esquerda.

Deste modo, a atitude da social-democracia para com a realização prática da frente única do proletariado é em geral, e em cada país, o principal índice que nos permite verificar se o antigo papel do Partido Social-Democrata ou de determinados destacamentos seus no Estado burguês se modificou e em que medida; teremos, contudo, um indício particularmente explícito na *atitude da social-democracia sobre a questão do governo da frente única.*

No caso desta questão de formação de um governo de frente única figurar na ordem do dia como uma tarefa prática imediata, seria essa mesma questão que se tornaria decisiva, que serviria de pedra de toque para a política da social--democracia desse mesmo país: quer com a burguesia em processo de fascização contra a classe operária ou com o proletariado revolucionário contra o fascismo e a reacção, não em palavras, mas por actos; é deste modo que será apresentada a questão inevitável na altura da formação do governo de frente única, bem como durante o tempo em que o poder seja exercido por esse mesmo governo.

Quanto ao carácter e às condições da formação de um governo de frente única ou de frente popular antifascista, parece-me bem, camaradas, ter já dito no meu relatório tudo o necessário à orientação táctica geral. Pretender que fixemos ainda todas as formas possíveis e todas as condições de formação de um tal governo, seria entregarmo-nos a conjecturas estéreis.

Gostaria de vos pôr de sobreaviso contra todas as simplificações e esquematizações sobre este assunto. A vida é mais complexa do que todos os esquemas. Está errado, por exemplo, o apresentarem-se as coisas como se o governo da frente única *fosse uma etapa indispensável* no processo da instauração da ditadura do proletariado. É tão errado como o era antigamente, ao apresentarem-se as coisas como se não existisse nos países fascistas qualquer *etapa intermédia,* sendo a ditadura fascista *obrigatória e directamente* substituída pela ditadura do proletariado.

O fundo da questão consiste em saber se o próprio proletariado se encontrará pronto, no momento decisivo, para derrubar imediatamente a burguesia e instaurar o seu poder, com a possibilidade nesse caso de assegurar o apoio dos seus aliados, ou se, pelo contrário, é o movimento da frente única que se encontrará simplesmente à altura, no momento próprio, para esmagar ou derrubar o fascismo, sem passar imediatamente à liquidação da ditadura da burguesia. No último caso, o renunciar a criar e apoiar o governo da frente única ou de frente popular por essa única razão seria um inadmissível exemplo de miopia política e não uma política revolucionária séria.

Não é tão-pouco difícil compreender que a formação de um governo da frente única nos países em que o fascismo ainda não está no poder, *é um assunto completamente diferente* do dos países com ditadura fascista. Nestes últimos, a formação de um tal tipo de governo é apenas possível *no decurso* do processo de derrubamento do poder fascista. Nos países em que a *revolução democrática burguesa* se desenvolve, um governo de frente popular poder-se-ia transformar no governo da ditadura democrática da classe operária e do campesinato.

Tal como indiquei já no meu relatório, os comunistas apoiarão, por todos os meios, o governo da frente única, na medida em que este combata efectivamente os inimigos do povo e deixe a liberdade de acção ao Partido Comunista e à classe operária. Quanto ao problema da participação dos comunistas no governo, depende exclusivamente da situação concreta. As questões deste tipo serão resolvidas em cada caso particular. É impossível, neste aspecto, apresentar uma receita já feita.

SOBRE A ATITUDE PARA COM A DEMOCRACIA BURGUESA

No seu discurso, o camarada Lenski diz que no seio do Partido polaco que mobiliza as massas contra os ataques do fascismo de que são objecto os direitos dos trabalhadores, «existia, contudo, o medo de formular positivamente reivindicações democráticas, a fim de não se criarem ilusões democráticas entre as massas». Este medo de formular positiva-

mente reivindicações democráticas não existe apenas, quer de uma ou de outra maneira, no Partido polaco.

De onde virá este medo? Da maneira errada, não dialéctica, de apresentar a questão da atitude para com a democracia burguesa. Nós, comunistas, somos os partidários irredutíveis da democracia soviética, de que a ditadura proletária forneceu um grande exemplo na União Soviética, onde — na mesma altura em que se liquidam, nos países capitalistas, os restos da democracia burguesa — o VII Congresso dos Sovietes proclamou a introdução do sufrágio universal directo e secreto. Esta democracia soviética pressupõe a vitória da revolução proletária, a transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade pública, a passagem da maioria esmagadora do povo para o caminho do socialismo. Esta democracia não constitui tão-pouco uma obra acabada; desenvolve-se e continua a desenvolver-se a par com os sucessos ulteriores da edificação socialista, da criação da sociedade sem classes e do desaparecimento dos restos do capitalismo na economia e na consciência dos homens.

Hoje, contudo, o problema para os milhões de trabalhadores que vivem sob as condições do capitalismo, é determinar a sua atitude para com as *formas* de que se reveste o domínio da burguesia nos vários países. Não somos anarquistas nem somos de forma nenhuma indiferentes à questão de se saber qual o regime político existente neste ou naquele país: a ditadura burguesa sob a forma da democracia burguesa, mesmo com os direitos ou as liberdades democráticas o mais reduzidos possível, ou a ditadura burguesa sob a forma declaradamente fascista? Partidários da democracia soviética, *defenderemos cada pedaço das conquistas democráticas arrancadas pela classe operária ao longo de largos anos de luta obstinada e lutaremos resolutamente pela sua extensão.*

Quantos sacrifícios teve de aceitar a classe operária da Inglaterra, até conquistar o direito à greve, a existência legal das suas «trade-unions», a liberdade de reunião, a liberdade de imprensa, a extensão do direito de sufrágio, etc.! Quantas dezenas de milhares de operários deram a vida nos combates revolucionários travados em França no século XIX, a fim de conquistarem os direitos elementares e as possibilidades legais de organizarem as suas forças para a luta contra os exploradores! O proletariado de todos os países verteu muito sangue para conquistar as liberdades democráticas burguesas, pelo que se compreende que queira lutar com todas as suas forças para as conservar.

A nossa atitude para com a democracia burguesa não é sempre igual em todas as condições. Durante a Revolução de Outubro, os bolcheviques russos travaram um combate mortal contra todos os Partidos políticos que, sob a bandeira da defesa da democracia burguesa, se erguiam contra a instauração da ditadura do proletariado. Os bolcheviques combatiam esses Partidos, visto o estandarte da democracia burguesa se ter então transformado na bandeira sob a qual todas as forças contra-revolucionárias se mobilizavam para a luta contra a vitória do proletariado. A situação dos países capitalistas é hoje completamente diferente. Actualmente, é a contra-revolução fascista que ataca a democracia burguesa, no seu esforço em submeter os trabalhadores ao mais bárbaro regime de exploração e de esmagamento. Hoje em dia, numa série de países capitalistas, as massas trabalhadoras têm a escolher concretamente — e para o momento actual — não entre a ditadura do proletariado e a democracia burguesa, mas sim entre a democracia burguesa e o fascismo.

A situação actual difere além disso da existente, por exemplo, na época da estabilização do capitalismo. Não existia então um perigo fascista tão acentuado como no momento presente. Por isso os operários revolucionários de uma série de países tinham perante eles a ditadura burguesa sob a forma da democracia burguesa, pelo que era contra ela que concentravam principalmente o ataque. Na Alemanha combatiam a República de Weimar, não na sua qualidade de República, mas por se tratar de uma República *burguesa* que reprimira o movimento revolucionário do proletariado, especialmente nos anos de 1918-1920 e em 1923.

Será no entanto que os comunistas poderiam manter-se nesta posição, mesmo no momento em que o movimento fascista começava a soerguer-se, ou em que, por exemplo, na Alemanha em 1932, os fascistas organizavam e armavam as suas tropas de assalto com centenas de milhares de homens, contra a classe operária? Evidentemente que não. O erro dos comunistas numa série de países e especialmente na

Alemanha foi que, desconhecendo as mudanças produzidas, continuavam a repetir as antigas palavras de ordem e a manterem-se nas posições tácticas que estavam certas vários anos antes, sobretudo no momento em que a luta pela ditadura do proletariado se revestia de um carácter actual e em que se agrupara, sob a bandeira da República de Weimar, toda a contra-revolução alemã, como foi o caso em 1918-1920.

Além disso, o facto de sermos obrigados, ainda hoje, a constatar nas nossas fileiras o receio de se formularem reivindicações democráticas positivas, prova muito simplesmente quão longe os comunistas ainda se encontram de ter assimilado o método marxista-leninista, quando abordam tão importantes questões da nossa táctica. Alguns dizem que a luta pelos direitos democráticos pode desviar os operários da luta pela ditadura do proletariado. Não é inútil relembrar o que disse Lénine a este respeito:

> «Seria um erro radical o acreditar-se que a luta pela democracia é susceptível de desviar o proletariado da revolução socialista, ou de a mascarar, de a velar, etc. Pelo contrário, da mesma forma que o socialismo vitorioso é impossível sem a realização da democracia completa, da mesma forma o proletariado se não pode preparar para vencer a burguesia sem travar uma luta detalhada, consequente e revolucionária pela democracia.» (*)

Todos os comunistas devem gravar bem na memória estas palavras, tendo em conta que é de movimentos sem grande amplitude pela defesa dos direitos elementares da classe operária que saíram, no decorrer da história, as grandes revoluções. Mas para se saber ligar a luta a favor dos direitos democráticos à luta da classe operária pelo socialismo, torna-se indispensável, primeiro que tudo, renunciar à forma esquemática de abordar a questão da defesa da democracia burguesa.

(*) V. I. Lénine, *Obras*, t. XXII, p. 133.

NÃO BASTA AINDA O POSSUIR-SE UMA LINHA JUSTA

Camaradas, a elaboração de uma linha justa é, como se depreende, o essencial para a Internacional Comunista e para cada uma das suas secções. Contudo, a linha justa não é por si própria suficiente para dirigir concretamente a luta de classe.

Para tal, torna-se necessário preencher um determinado número de condições e, acima de todas, as seguintes:

A primeira condição, é a de *assegurar pelas medidas de organização* a aplicação das resoluções adoptadas no trabalho prático e de transpor resolutamente todos os obstáculos postos nesse caminho.

O que o camarada Estáline disse no XVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética (bolchevique), sobre as condições que ditam a linha do Partido pode e deve ser inteiramente aplicado também nas decisões que estão a ser tomadas pelo nosso Congresso:

«Alguns julgam — dizia o camarada Estáline — que basta elaborar-se uma linha justa do Partido, de a tornar conhecida de todos, de a expor sob a forma de teses e de resoluções gerais e de a votar por unanimidade, para que a vitória surja por si só, pela força das circunstâncias. Isto não está, evidentemente, certo. Há aí um grande erro. Apenas assim pensarão os incuráveis democratas e mangas de alpaca... As boas resoluções e declarações a favor da linha geral do Partido não passam ainda dos preliminares do trabalho, visto significarem apenas a vontade de vencer, mas não ainda a própria vitória. Depois da linha justa ser traçada, depois da justa solução da questão ter sido encontrada, o sucesso da obra depende do trabalho de organização, da organização da luta pela realização da linha do Partido, da adequada escolha de homens, do controle da execução das decisões por parte dos órgãos dirigentes. Sem isso, a linha justa do Partido e as boas decisões arriscam-se a ser seriamente infringidas. Melhor ainda: depois da linha política justa ter sido traçada, é o trabalho de organização que tudo decide, incluindo o destino da própria linha política — a sua realização ou os seus reveses.»

Torna-se desnecessário acrescentar seja o que for a estas exigências, que se devem transformar no princípio directivo de todo o trabalho do nosso Partido.

A outra condição é a de saber transformar as decisões da Internacional Comunista e das suas secções, nas decisões das próprias massas. Isto torna-se ainda mais necessário agora, quando nos encontramos perante o trabalho de criar a frente única do proletariado e de arrastarmos as grandes massas populares para a frente popular antifascista. Onde o génio político e táctico de Lénine surge com maior evidência e esplendor, é na sua mestria em conduzir as massas, através da sua própria experiência, para a compreensão da linha justa e das palavras de ordem do Partido. Se seguirmos toda a história do bolchevismo, esse incomparável tesouro da estratégia e da táctica política do movimento operário revolucionário poder-nos-emos convencer que os bolcheviques nunca substituíram os métodos de direcção das massas pelos métodos de direcção do Partido.

O camarada Estáline indicava que uma das particularidades da táctica dos bolcheviques russos, no período de preparação da Revolução de Outubro, era conseguirem determinar com exactidão os caminhos e viragens que ligariam naturalmente as massas às palavras de ordem do Partido, que as levariam «ao próprio limiar da revolução», ajudando-as a ver, a verificar, a discernir pela sua própria experiência a exactidão das palavras de ordem, e a não confundirem sequer a direcção do Partido com a direcção das massas, bem como a compreenderem claramente a diferença entre o primeiro e o segundo tipo de direcção, elaborando dessa forma a táctica, não só como ciência da direcção do Partido, mas também da direcção das massas de milhões de trabalhadores.

É necessário em seguida tomar em conta o facto de a *assimilação das nossas decisões por parte das grandes massas se tornar impossível se não aprendermos a falar uma língua por elas inteligível.* Nem sempre sabemos falar com simplicidade e concretamente, servindo-nos de imagens familiares e compreensíveis das massas. Não sabemos ainda renunciar às fórmulas abstractas e aprendidas de cor. Observem mais atentamente os nossos panfletos, os nossos jornais, as nossas resoluções e as nossas teses e verão que são quase sempre redigidos

numa linguagem de tal forma compacta, que se mesmo aos nossos próprios militantes custa compreender, que dizer dos simples operários.

Se pensarmos, camaradas, que os operários que divulgam e lêem esses panfletos, sobretudo nos países fascistas, arriscam as próprias vidas, melhor compreenderemos a necessidade de escrevermos para as massas numa linguagem compreensível, a fim de que os sacrifícios feitos não resultem em pura perda.

Este reparo aplica-se da mesma forma à nossa agitação e à nossa propaganda orais. É necessário reconhecer, a este respeito, e com toda a sinceridade, que os fascistas são muitas vezes mais hábeis e mais maleáveis que muitos dos nossos camaradas.

Recordo-me, por exemplo, de uma reunião de desempregados efectuada em Berlim antes da subida de Hitler ao poder. Isto passava-se durante o processo dos famosos açambarcadores e especuladores, os irmãos Sklarek, processo esse que se prolongava há já vários meses. O orador nacional--socialista que falava nessa reunião utilizou esse processo com fins demagógicos. Citou os especuladores, os negócios de corrupção e outros crimes cometidos pelos irmãos Sklarek; salientou que o processo contra eles intentado se arrastava desde há vários meses; calculava quantas centenas de milhares de marcos esse processo já tinha custado ao povo alemão e, perante os vivos aplausos dos assistentes, declarou que se tornava necessário fuzilar sem mais demora bandidos como os Sklarek, revertendo em proveito dos desempregados o dinheiro despendido no processo.

Um comunista levantou-se e pediu a palavra. O presidente recusou primeiro, mas sob a pressão dos assistentes que queriam ouvi-lo, obteve enfim o direito à palavra. Quando o comunista subiu à tribuna, todos os assistentes escutaram atentamente, na expectativa do que iria dizer. Pois bem, o que disse ele?

> «Camaradas — declarou numa voz forte e firme — a Assembleia Plenária da Internacional Comunista terminou os seus trabalhos. Indicou o caminho da salvação para a classe operária. A principal tarefa de que os incumbe, camaradas, é a *conquista da maioria da classe*

operária. A Assembleia plenária indicou ser necessário "politizar" o movimento dos desempregados. A Assembleia plenária convida-vos a elevar esse movimento a um *grau superior*...»

O autor prosseguiu deste modo, aparentemente convencido de que «explicava» as autênticas decisões da Assembleia plenária.

Será que um tal discurso poderia sensibilizar os desempregados? Será que poderiam considerar-se satisfeitos por se prepararem primeiramente para os politizar, depois para os revolucionar e seguidamente para os mobilizar a fim de se elevar o seu movimento a um grau superior?

Sentado a um canto, eu observava amargamente os desempregados presentes, que depois de tanto terem desejado ouvir o comunista a fim de com ele aprenderem o que lhes era efectivamente necessário fazer, começavam a bocejar e a demonstrar uma decepção bem evidente. Não me admirei absolutamente nada por, no final, o presidente retirar brutalmente a palavra ao nosso orador, sem qualquer espécie de protesto por parte da assembleia...

Infelizmente, este caso não é o único na nossa agitação. Tem sido possível observar casos semelhantes sem ser na Alemanha. Proceder a este tipo de agitação, é efectuar a agitação contra nós próprios. Chegou a altura de se acabar de uma vez para sempre com tais métodos de agitação que classifico de infantis, para não empregar uma expressão mais forte.

Durante o meu relatório, o presidente da sessão, Kuusinen, recebeu na sala do Congresso uma carta bem característica que me era endereçada. Vou lê-la:

> «No decorrer da sua intervenção no Congresso, peço-lhe para abordar a seguinte questão: que de futuro, todas as decisões e resoluções da Internacional Comunista sejam escritas de forma que não só os comunistas instruídos as possam entender, como qualquer trabalhador sem qualquer preparação possa, logo à primeira vista e ao ler os documentos da Internacional Comunista, compreender o que pretendem os comunistas e

> qual a utilidade do comunismo para a humanidade. Certos dirigentes do Partido esquecem-se deste aspecto. É preciso lembrar-lho, e com insistência. A agitação a favor do comunismo deverá igualmente ser feita numa linguagem compreensível.»

Não sei efectivamente quem é o autor desta carta, mas não tenho a menor dúvida que este comunista exprimiu na sua mensagem a opinião e o desejo de milhões de operários. Muitos de entre os nossos camaradas crêem que quanto mais empregarem palavras bombásticas e fórmulas e teses incompreensíveis para as massas, maior será a sua agitação e propaganda, esquecendo que foi precisamente o maior chefe e teórico da classe operária da nossa época — Lénine — quem sempre falou e escreveu numa linguagem absolutamente compreensível às grandes massas.

Cada um de nós deve assimilar firmemente, como uma lei, como uma lei bolchevique, a seguinte regra elementar:

Quando falares ou escreveres, deves sempre ter em mente o operário que te deverá entender, aderir ao teu apelo e estar pronto a seguir-te. É preciso pensar naquele para quem escreves, naquele a quem falas.

SOBRE OS QUADROS

Camaradas, as nossas maiores decisões não passarão de letra morta se não tivermos homens que as saibam executar. Ora, sou forçado a constatar que infelizmente uma das principais questões, a questão dos *quadros*, foi incluída no nosso Congresso sem quase chamar a atenção.

O relatório sobre a actividade do Comité Executivo da Internacional Comunista foi discutido durante sete dias; tomaram a palavra uma quantidade de oradores de diversos países, tendo apenas alguns isoladamente aflorado, de passagem, esse assunto extremamente importante para os nossos Partidos comunistas e para o movimento operário. Na sua prática, os nossos Partidos ainda não se consciencializaram, nem sequer de longe, *que são os homens, os quadros, que tudo decidem.*

A atitude de desdém perante o problema dos quadros é

tanto mais inadmissível, quanto perdemos incessantemente no decorrer da luta uma parte dos nossos mais valiosos quadros. Isto porque não somos uma sociedade científica, mas sim um movimento combativo constantemente situado na linha de fogo.

Entre nós, são os elementos mais enérgicos, mais corajosos e mais conscientes que se encontram nas primeiras fileiras. São precisamente esses elementos, esses combatentes avançados, que o inimigo persegue; assassina-os, atira-os para as prisões, para os campos de concentração; fá-los passar pelos piores suplícios, sobretudo nos países fascistas. Daí a mais premente necessidade de completar, treinar e educar de forma permanente novos quadros, bem como a de se conservar cuidadosamente os quadros existentes.

O problema dos quadros adquire ainda uma acuidade especial, visto ser sob a nossa influência que se desenvolve um vasto movimento de frente única, que forma milhares e milhares de novos militantes proletários. Por outro lado, não afluem às fileiras dos nossos Partidos unicamente jovens elementos revolucionários e operários de espírito cada vez mais revolucionários, embora não tendo participado até à data no movimento político; juntam-se-nos, amiúde, antigos aderentes e militantes dos Partidos sociais-democratas. Esses novos quadros requerem uma atenção especial, sobretudo nos Partidos ilegais, tanto mais que esses quadros, pobremente preparados sob o ponto de vista teórico, se encontram, já frequentemente perante os mais sérios problemas políticos no decorrer do seu trabalho prático, problemas esses que têm de resolver por si próprios.

A questão de uma *acertada política dos quadros* é, para os nossos Partidos, bem como para as Juventudes comunistas e todas as organizações de massas, para o conjunto do movimento operário revolucionário, o mais actual problema.

Em que consiste uma acertada política dos quadros?

Primeiramente, torna-se necessário conhecer os homens. Em regra geral, não se procede nos nossos Partidos ao estudo sistemático dos quadros. É apenas desde há pouco tempo que os Partidos Comunistas da França e da Polónia e, no Extremo Oriente, o Partido Comunista Chinês, obtiveram algum sucesso neste sentido. Antes de existir na ilegalidade

o Partido Comunista Alemão tinha também, a seu tempo, abordado o estudo dos seus quadros. A experiência desses Partidos demonstrou que, desde que se iniciou o estudo dos homens, se começaram a descobrir militantes em que não tínhamos anteriormente reparado; por outro lado, os Partidos começaram a depurar os elementos que lhes eram estranhos, nocivos sob o ponto de vista ideológico e político. Basta-nos recordar o exemplo de Celor e Barbé em França que, ao serem examinados ao microscópio bolchevique, se revelaram agentes do inimigo de classe, pelo que foram expulsos do Partido. Na Hungria, a verificação dos quadros facilitou a localização de ninhos de provocadores, de agentes do inimigo cuidadosamente camuflados.

Em segundo lugar, torna-se necessário proceder à *promoção dos quadros de forma judiciosa.* Esta promoção não deve ser feita ao acaso, devendo-se pelo contrário transformá-la numa das funções normais do Partido. É errado proceder-se às promoções sem se ter em linha de conta se o comunista promovido está ou não ligado às massas. Deve-se efectuar a promoção dos militantes tanto sobre a base da sua aptidão para esta ou aquela função no Partido, como sobre a base da popularidade de que gozam junto das massas. Temos nos nossos Partidos exemplos de promoções que deram excelentes resultados. Na presidência do nosso Congresso figura, por exemplo, uma comunista espanhola, Dolores. Apenas há dois anos atrás, trabalhava ainda na base. Quando dos primeiros conflitos com o inimigo de classe, revelou-se uma excelente agitadora e militante. Eleita em seguida para a direcção do Partido, manifestou-se como um dos elementos mais merecedores dessa escolha.

Poderia citar um certo número de casos análogos noutros países.

Contudo, e na maioria dos casos, a promoção faz-se de forma não organizada, acidental e, por consequência, nem sempre feliz. Acontece confiarem-se cargos dirigentes a argumentadores, faladores, tagarelas que prejudicam directamente a causa.

Em *terceiro lugar,* torna-se necessário *utilizar judiciosamente os quadros.* É preciso saber encontrar e utilizar as preciosas qualidades de cada militante. Não existem homens per-

feitos; é preciso aproveitá-los tal qual são, corrigindo as suas fraquezas e defeitos. Temos nos nossos Partidos exemplos flagrantes da má utilização de bons e honestos comunistas que se poderiam tornar de grande utilidade se tivessem sido incumbidos de um trabalho que melhor se lhes coadunasse.

Em quarto lugar, torna-se necessário repartir judiciosamente os quadros. É necessário, acima de tudo, colocarem-se nos escalões máximos do movimento homens decididos, ligados às massas, oriundos do seu seio, plenos de iniciativa e seguros; é necessário existir nos grandes centros um número suficiente de tais militantes. Nos países capitalistas, a transferência dos quadros de um para outro local não é coisa fácil. Deparam-se-lhe todo o género de obstáculos e de dificuldades, entre outras as questões de ordem material, familiar, etc., dificuldades essas que é necessário considerar e resolver através de uma solução apropriada, o que não se costuma de forma nenhuma praticar entre nós.

Em quinto lugar, é necessário fornecer aos quadros um auxílio sistemático. Essa ajuda deve consistir em escrupulosas instruções, num controle fraternal, na correcção das imperfeições e erros, numa direcção concreta dos quadros, dia após dia.

Em sexto lugar, é necessário velar pela conservação dos quadros. É preciso saber afastar na altura própria os quadros, substituindo-os por outros novos, se as circunstâncias o exigirem. Devemos exigir, sobretudo nos Partidos ilegais, a maior responsabilidade por parte da direcção na conservação dos quadros. A correcta conservação dos quadros pressupõe também a mais séria organização do trabalho clandestino no Partido. Em alguns dos nossos Partidos, são numerosos os comunistas que julgam que os Partidos estão preparados para a ilegalidade apenas por terem sido reorganizados a partir de um esquema puramente formal. Tivemos de pagar bem caro o facto de apenas termos iniciado a reorganização efectiva depois da passagem à ilegalidade, sob os dolorosos golpes directamente desfechados pelo inimigo. Recordem-se o preço que nos custou a passagem à ilegalidade do Partido Comunista da Alemanha! Este exemplo deve servir de sério aviso para aqueles de entre os nossos Partidos que, embora legais, podem amanhã ser forçados a trabalhar na clandestinidade.

Só uma acertada política dos quadros é que permitirá aos nossos Partidos desenvolver e utilizar ao máximo as forças dos quadros existentes e extrair do imenso reservatório do movimento de massas onde constantemente se renovam os melhores elementos activos.

Qual será o *critério essencial* que nos deve inspirar na escolha dos quadros?

Primeiramente: a mais profunda dedicação à causa da classe operária, à *fidelidade ao Partido* verificada nos combates, nas prisões, perante os tribunais, frente a frente com o inimigo de classe.

Em segundo lugar: a mais estreita ligação com as massas: viver no interesse das massas, auscultar as massas, o seu estado de espírito e aspirações. A autoridade dos dirigentes das nossas organizações do Partido deve fundar-se, acima de tudo, sobre o facto de as massas verem neles os seus chefes, convencendo-se através da sua própria experiência das suas aptidões como chefe, da sua determinação e do seu espírito de abnegação na luta.

Em terceiro lugar: a capacidade em *se orientar* por si próprio *em todas as situações* e não temer o *responsabilizar-se pelas suas próprias decisões.* Quem tem medo de tomar responsabilidades não é um verdadeiro chefe. Quem não sabe demonstrar iniciativa, quem apenas raciocina da seguinte forma: «Apenas farei o que me disserem», não é um verdadeiro bolchevique. O verdadeiro bolchevique é aquele que não perde o ânimo no momento da derrota, que se não torna presunçoso no momento da vitória, que demonstra uma firmeza inabalável na aplicação das suas decisões. É na altura em que são postos perante a necessidade de resolverem por si próprios as missões concretas da luta e que sentem sobre eles o peso de toda a responsabilidade, que os quadros mais se desenvolvem e maiores se tornam.

Em quarto lugar: o espírito de disciplina e a *têmpera bolchevique,* tanto na luta contra o inimigo de classes como na intransigência para com todos os desvios da linha bolchevique.

Devemos aqui frisar a necessidade destas condições para uma judiciosa escolha dos quadros com tanto mais insistência quanto se verifica que na prática se prefere muitas vezes um

comunista que sabe por exemplo escrever de forma literária, que fala bem, mas que não é um homem de acção e que não convém à luta, a um outro camarada que não sabe talvez escrever e falar tão bem mas que é um camarada firme, com iniciativa, ligado às massas, capaz de avançar no combate e apto a conduzir os outros à luta. Não são raros os casos em que um sectário, um doutrinador, um argumentador, se sobrepõe a um dirigente de massas dedicado, a um verdadeiro chefe operário.

Os nossos quadros dirigentes devem aliar o conhecimento do que têm a fazer com a *firmeza bolchevique, o carácter revolucionário* e a *vontade necessária para tudo isso transformar em actos.*

A respeito do problema dos quadros, permitam-me alongar-me sobre o imenso papel desempenhado pelo Socorro Vermelho Internacional para com os quadros do movimento operário. O auxílio material e moral prestado pelas organizações do S. V. I. aos detidos e suas famílias, aos emigrantes políticos e aos revolucionários e antifascistas perseguidos, salvou já a vida, conservou as forças e a combatividade de milhares e milhares de preciosos combatentes da classe operária em diversos países. De entre nós, todos os que estivemos detidos em prisões, tivemos a oportunidade de apreciar por nós próprios a grande importância da actividade do S. V. I.

O Socorro Vermelho Internacional soube ganhar, através da sua actividade, a simpatia e profunda gratidão de centenas de milhares de proletários e de elementos revolucionários camponeses e intelectuais.

Nas presentes condições e face à reacção burguesa crescente, ao fascismo desenfreado e ao agravamento da luta de classes, o papel do Socorro Vermelho Internacional tem aumentado consideravelmente. Resta-lhe agora a missão de se transformar numa verdadeira organização de massas de trabalhadores em todos os países capitalistas (e especialmente nos países fascistas, adaptando-se às condições próprias a esses mesmos países). Deverá tornar-se, por assim dizer, numa espécie de «Cruz Vermelha» da frente única do proletariado e da frente popular antifascista, englobando milhões de trabalhadores — uma «Cruz Vermelha» do exército das classes trabalhadoras em luta contra o fascismo, pela paz e pelo socialismo. Para que o Socorro Vermelho Internacional possa desempenhar com sucesso o papel que lhe cabe, torna-se necessário criar-lhe o seu próprio corpo de militantes reforçado com milhares de homens, os seus próprios quadros numerosos, os *quadros do Socorro Vermelho Internacional,* respondendo através do seu próprio carácter e aptidões à *especial missão* dessa tão importante organização.

Aqui, torna-se necessário ainda afirmar de forma clara e categórica: se a burocracia, a atitude indiferente para com os homens são repugnantes no movimento operário em geral, tornam-se, no domínio da actividade do Socorro Vermelho Internacional, um mal que atinge o foro do *crime.* Os combatentes da classe operária, as vítimas da reacção e do fascismo que apodrecem nas masmorras e nos campos de concentração, os emigrantes políticos e suas famílias devem ser alvo da maior atenção e solicitude por parte das organizações e dos militantes do Socorro Vermelho Internacional. O Socorro Vermelho Internacional deverá melhor compreender e melhor cumprir ainda o seu dever na organização do auxílio aos combatentes do movimento proletário e antifascista e em especial, no que diz respeito à salvaguarda física e moral dos quadros do movimento operário. Os comunistas e operários revolucionários que participam no Socorro Vermelho Internacional deverão compenetrar-se, em cada momento que passa, da enorme responsabilidade que sobre si recai, perante a classe operária e perante a Internacional Comunista, para a boa execução do papel e das tarefas do Socorro Vermelho Internacional.

É já sabido, camaradas, que a melhor educação dos quadros é a adquirida *no decorrer da luta,* nos esforços feitos para superar as dificuldades e as provas, bem como através de exemplos *positivos e negativos.* Temos centenas de casos de condutas exemplares durante as greves e manifestações, nas prisões, no decorrer de processos. Temos milhares de heróis mas registamos, infelizmente, bastantes exemplos de timidez, de falta de firmeza e até de deserção. Esquecemos muitas vezes, porém, os exemplos tanto de um como de outro tipo, não os utilizando com fins educativos, não se apontando *o que é* necessário imitar, *o que é* necessário rejeitar. É preciso estudar a conduta dos comunistas e dos militantes operá-

rios durante os conflitos de classes, quando dos interrogatórios da polícia, nas prisões e nos campos de concentração, perante os tribunais, etc. É necessário extrair de todas essas condutas o que de positivo existe; é preciso mostrar os exemplos a imitar e rejeitar o que houver de podre, de não bolchevique, de pequeno-burguês. Desde o processo de Leipzig que possuímos um considerável número de declarações de comunistas, feitas perante os tribunais burgueses e fascistas, bem demonstrativos de como são numerosos os quadros, que entre nós aumentam, com uma magnífica compreensão do que significa a atitude bolchevique perante o tribunal.

Mas são numerosos, entre vós, delegados ao Congresso, aqueles que têm conhecimento pormenorizado do processo dos ferroviários da Roménia, do processo de Fiete Schultz decapitado pelos fascistas na Alemanha, do processo do nosso corajoso camarada japonês Itsikava, do dos soldados revolucionários búlgaros, bem como de um grande número de outros processos onde vimos manifestarem-se os mais dignos exemplos de heroísmo proletário?

Esses dignos exemplos de heroísmo proletário, é necessário torná-los populares e opô-los à pusilanimidade, ao espírito pequeno-burguês, à podridão e fraqueza de todos os tipos que se manifestam nas nossas fileiras, bem como nas da classe operária. Torna-se necessário utilizar estes exemplos da forma mais completa, a fim de educar os quadros do movimento operário.

Camaradas, entre nós, os dirigentes do Partido lamentam-se amiúde da *falta de homens,* de não possuírem suficientes homens para a agitação-propaganda, nem para o jornal, nem para os sindicatos ou para o trabalho a realizar entre a juventude, entre as mulheres. Faltam homens sempre e em todo o lado. Poderíamos responder a este problema com as seguintes palavras de Lénine, tão velhas mas tão eternamente novas:

> «*Falta de homens, e contudo tantos homens!* Tantos homens, visto a classe operária e as camadas cada vez mais diversas da sociedade fornecerem em cada ano que passa um número cada vez maior de descontentes, prontos a protestar... E, simultaneamente, falta de homens, visto não existirem talentos capazes de organizar um trabalho tão vasto quão condensado, harmonioso, permitindo utilizar-se todas as forças, mesmo as mais insignificantes.»

Estas palavras de Lénine devem penetrar profundamente os nossos Partidos, que as deverão aplicar como uma directiva quotidiana. Existem muitos homens; é apenas necessário descobri-los nas nossas próprias organizações, durante as greves e as manifestações, nas diversas organizações operárias de massas, nos organismos da frente única; é necessário ajudá-los a desenvolverem-se no desenrolar do trabalho e da luta; é necessário colocá-los numa situação tal, que possam tornar-se úteis à causa operária.

Camaradas, nós, comunistas, somos homens de acção. Temos por missão lutar contra a ofensiva do capital, contra o fascismo e a ameaça de guerra imperialista, lutar pelo derrube do capitalismo. É precisamente essa tarefa *prática* que impõe aos quadros comunistas a necessidade de se armarem da *teoria revolucionária.* Isto porque a teoria confere aos homens práticos a força da orientação, a clareza da perspectiva, a segurança no trabalho, a fé na vitória da nossa causa.

A teoria verdadeiramente revolucionária é contudo inimiga intransigente de toda a vã mania de teorizar, de todo o jogo estéril com definições abstractas. «A nossa teoria não é um dogma, mas sim um guia para a acção», disse repetidas vezes Lénine. É *esta* a teoria necessária aos nossos quadros, tão necessária como o pão de todos os dias, como o ar, como a água.

Quem quiser verdadeiramente banir do nosso trabalho a esquematização inerte, a escolástica perniciosa, deve destruí-las a ferro e fogo — não só por meio de uma luta eficaz, travada em comum com as massas e à frente das massas, como também através de um *trabalho incansável* com o fito de se assimilar a vigorosa, fecunda, todo-poderosa doutrina de Marx-Engels-Lénine.

Gostaria a este respeito de chamar a vossa especial atenção para o trabalho das nossas *escolas do Partido.* Não são exegetas, argumentadores e mestres de citação que elas devem formar. Não! Delas deverão sair combatentes práticos de vanguarda da causa da classe operária. Combatentes de van-

guarda não somente pela sua coragem, prontidão no sacrifício, mas também por verem um pouco mais longe e conhecerem melhor do que os operários das fileiras o caminho da libertação dos trabalhadores. Todas as secções da Internacional Comunista devem ocupar-se seriamente e com prontidão da organização das escolas do Partido, a fim de as transformarem noutras tantas *forjas* desses quadros de combatentes.

Parece-me que a essencial tarefa das nossas escolas do Partido consiste em ensinar aos membros do Partido e aos jovens comunistas que seguem os cursos, como aplicar o método marxista-leninista à situação concreta de cada país, a determinadas condições, à luta não contra o inimigo «em geral», mas sim contra o inimigo concreto. É preciso, para tal, não estudar à letra a teoria do leninismo, mas sim o seu espírito vivo, revolucionário.

Existem duas formas de preparar os quadros, nas nossas escolas do Partido:

A primeira é a seguinte: preparam-se as pessoas de uma forma teórica e abstracta. Esforçamo-nos por lhes fornecer o maior quociente de conhecimentos áridos; fazemo-los redigir de forma literária teses e resoluções, aflorando apenas os problemas de países específicos, o seu movimento operário, a sua história, as suas tradições e a experiência do Partido Comunista de cada país. Estes assuntos são apenas tratados muito superficialmente.

A segunda forma é a seguinte: a administração de um curso teórico onde a assimilação dos princípios essenciais do marxismo-leninismo se baseia sobre o estudo prático, feito individualmente por cada aluno, das fundamentais questões da luta do proletariado no seu próprio país de tal forma que, ao regressar ao trabalho prático, ele esteja apto a orientar-se por si só, *transformando-se num organizador prático, independente, um dirigente capaz de conduzir as massas ao combate contra o inimigo de classe.*

Nem todos os que saíram das nossas escolas revelaram estar à altura. Existe um excesso de frases, de palavreado, de abstracções, de conhecimentos livrescos e superficiais. Ora nós necessitamos, pelo contrário, de verdadeiros organizadores e de verdadeiros dirigentes de massas, verdadeiros bolcheviques. É disto que necessitamos em absoluto, custe o que custar.

Pouco importa que um determinado auditor não seja capaz de redigir boas teses, embora isto nos seja também necessário, mas é preciso acima de tudo que ela saiba organizar e dirigir, sem recuar perante as dificuldades; é preciso que ele saiba superar essas mesmas dificuldades.

A teoria revolucionária extrai da própria experiência um total de generalidades acerca do movimento revolucionário; os comunistas devem utilizar cuidadosamente nos seus respectivos países não só a experiência do passado, como também a que resulta da presente luta dos restantes destacamentos do movimento operário internacional. A utilização racional da experiência não significa contudo, de forma nenhuma, a *transposição automática* e simples das formas e métodos de luta, de determinadas condições para outras, de um país para outro, como acontece muitas vezes nos nossos Partidos. A imitação pura, a pura e simples cópia dos métodos e formas de trabalho, mesmo os do Partido Comunista da U. R. S. S., para os países onde ainda domina o capitalismo pode, apesar de todas as boas intenções, tornar-se préjudicial em vez de útil, como se tem já observado com frequência. É precisamente através do exemplo dos bolcheviques russos que deveremos aprender a aplicar de forma viva e concreta as particularidades de cada país, a *linha internacional única* na luta contra o capital, que deveremos aprender a perseguir impiedosamente, estigmatizando, ridicularizando perante as massas populares as *frases*, os *estereótipos*, o *pedantismo* e o *doutrinarismo*.

★

Torna-se indispensável, camaradas, estudar incessantemente no processo da luta, quer livres, quer encarcerados. Estudar e lutar — lutar e estudar.

Camaradas! Nunca a opinião pública mundial manifestou um tão vivo interesse por qualquer congresso internacional de comunistas, como o que manifestam hoje para com o nosso. Pode-se dizer, sem qualquer exagero, que não existe um só jornal importante, um só Partido político, um só homem político e público de destaque que não siga atentamente o desenrolar do congresso.

Os olhares de milhões de homens, operários, camponeses, pessoas simples das cidades, empregados e intelectuais, povos colonizados e nações oprimidas, estão postos neste momento em Moscovo, na capital do *primeiro* mas não do *último* Estado do proletariado internacional. Vemos assim a confirmação da enorme importância e da grande actualidade das questões estudadas pelo congresso e das suas consequentes decisões.

Os gritos furiosos dos fascistas de todos os países, em especial do fascismo alemão em demência, apenas confirmam o facto de termos, através das nossas decisões, acertado em cheio no alvo.

Na noite escura da reacção burguesa e do fascismo, em que o inimigo de classes se esforça por manter as massas trabalhadoras dos países capitalistas, a Internacional Comunista — Partido mundial dos bolcheviques — ergue-se como um farol que aponta a toda a humanidade a única via segura para a libertação do jugo do capital, da barbárie fascista e dos horrores da guerra imperialista.

O estabelecimento da unidade de acção da classe operária é uma etapa *decisiva* nessa via. Sim, a unidade de acção das organizações da classe operária de todas as tendências, a reunião das forças da classe operária em todos os ramos da sua actividade e em todos os sectores da luta de classes.

A classe operária deve *obter a unidade dos seus sindicatos.* É em vão que determinados dirigentes sindicais reformistas tentam assustar os operários, agitando os espectros da destruição da democracia sindical em consequência da ingerência do Partido Comunista nos assuntos dos sindicatos unificados, em consequência da existência de fracções comunistas no interior dos sindicatos. Apresentarem-nos, a nós comunistas, como adversários da democracia sindical, é pura tolice. Nós defendemos e reivindicamos de uma forma consequente o direito dos sindicatos resolverem por si próprios os seus assuntos. Estamos prontos até a renunciar à criação de fracções comunistas nos sindicatos, se isso se tornar necessário no interesse da unidade sindical. Estamos prontos a acordar sobre a independência dos sindicatos unificados em relação a todos os Partidos políticos. Somos no entanto resolutamente contra toda a *dependência* dos sindicatos para com a burguesia e não renunciamos, de forma nenhuma, ao nosso ponto de vista de

princípio, que não admite a neutralidade dos sindicatos perante a luta de classes entre o proletariado e a burguesia.

A classe operária deve trabalhar no sentido de realizar a *união* de todas as forças da juventude operária e de todas as organizações da juventude antifascista e conquistar o sector da juventude trabalhadora que tenha caído sob a influência nefasta do fascismo e dos outros inimigos do povo.

A classe operária deve impor e imporá sem dúvida a unidade de acção em todos os aspectos do movimento operário. Isto efectuar-se-á com tanta mais rapidez quanto nós, comunistas, e os operários revolucionários de todos os países capitalistas, aplicarmos de facto da maneira mais decidida e firme, a nova orientação táctica adoptada pelo congresso para os principais problemas de actualidade do movimento operário internacional.

Sabemos que se nos depararão muitas dificuldades no nosso caminho. O nosso caminho não é uma estrada asfaltada, não é de forma nenhuma um mar-de-rosas. Não, a classe operária terá de ultrapassar bastantes obstáculos, alguns deles mesmo no seu próprio meio: terá em primeiro lugar de tornar inofensivas as manobras cisionistas dos elementos reaccionários da social-democracia. São numerosas nas suas fileiras as vítimas que caem sob os golpes da reacção burguesa e do fascismo. O seu barco revolucionário deverá navegar por entre numerosos escolhos, antes de alcançar as margens da salvação.

Hoje contudo, a classe operária dos países capitalistas não é a mesma de 1914, no início da guerra imperialista, nem tão-pouco a de 1918, do final da guerra. A classe operária arrasta consigo a rica experiência de vinte anos de luta e de provações revolucionárias, as amargas lições de numerosas derrotas, especialmente na Alemanha, na Áustria e em Espanha.

A classe operária tem perante si o exemplo exaltante da União Soviética, país do socialismo vitorioso, exemplo da forma de vencer o inimigo de classe, de instaurar o seu próprio poder e de edificar a sociedade socialista.

A burguesia já não domina *sem compartilhar* o mundo. Uma sexta parte do mundo é já governada pela *classe operária*

vitoriosa. Os Sovietes reinam sobre uma parte do território do grande país que é a China.

A classe operária possui uma vanguarda revolucionária forte e compacta, a Internacional Comunista.

Todo o processo histórico se desenvolve a favor da classe operária. É em vão que os reaccionários, os fascistas de todos os tipos, a burguesia mundial na sua totalidade, se esforçam por fazer recuar a roda da história. Não, essa roda gira e girará sempre até ao advento da União mundial das Repúblicas socialistas soviéticas, até à vitória defintiva do socialismo no mundo inteiro.

Há apenas uma coisa que ainda falta à classe operária dos países capitalistas: a unidade das suas próprias fileiras.

Possa pois, desta tribuna, ressoar com tanta ou mais força no mundo inteiro o apelo de combate da Internacional Comunista, o apelo de Marx, Engels e de Lénine:

Proletários de todos os países, uni-vos!

UNIR TODAS AS FORÇAS DA JUVENTUDE ANTIFASCISTA

DISCURSO PRONUNCIADO NA ABERTURA DO SEXTO CONGRESSO DA INTERNACIONAL DAS JUVENTUDES COMUNISTAS, A 25 DE SETEMBRO DE 1935

Camaradas! Transmito-vos as calorosas saudações de combate do Comité Executivo da Internacional Comunista.

Nem os perigos por que passaram durante a vossa longa e difícil viagem, nem os cordões fascistas e policiais lograram impedir-vos de vos reunir na capital vermelha do proletariado, a fim de poderem examinar no seio da família internacional, fraternal e unida, as tarefas que respeitam a união das forças da jovem geração de trabalhadores.

Vocês são o congresso das juventudes revolucionárias, o da força e do júbilo. Os melhores e mais exemplares combatentes da causa da juventude trabalhadora vieram em grande número ao vosso congresso.

É com orgulho e afeição que eu saúdo em vós, em nome da geração mais velha, a gloriosa jovem guarda das classes trabalhadoras de todos os países do mundo!

Camaradas! Foi nesta mesma sala onde vos reunis hoje que se encerraram há um mês os trabalhos do VII Congresso Mundial da Internacional Comunista.

Guiando-se pela genial doutrina de Marx-Engels-Lénine, o Congresso da Internacional Comunista examinou a fundo todos os problemas principais respeitantes ao movimento operário internacional e traçou o caminho a seguir para superar

a desunião nas nossas fileiras e realizar a união das forças dos trabalhadores na luta contra os exploradores e os opressores, contra o fascismo e a guerra. O Congresso da Internacional Comunista prestou uma atenção muito especial ao movimento da Juventude, como sendo um dos mais importantes problemas do movimento revolucionário internacional, e sabendo bem que a vitória da luta de classes dos trabalhadores depende acima de tudo do sucesso do desenvolvimento da Juventude, bem como da sua envergadura.

Ao suprimir ferozmente os melhores combatentes da juventude revolucionária, o fascismo tenta simultaneamente e por todos os meios adaptar a sua demagoria pervertida às aspirações das grandes massas de jovens, bem como tirar partido da combatividade crescente dos jovens, a fim de atingir os seus próprios fins reaccionários e transformar a juventude em ponto de apoio do capitalismo moribundo.

Ao privar a jovem geração de trabalhadores de todos os direitos, o fascismo militariza inteiramente toda a juventude e tenta transformá-la em dóceis escravos do capital financeiro, a fim de servir as necessidades da guerra tanto civil como imperialista.

Que poderemos opor ao fascismo e ao perigo de guerra imperialista, sobretudo aumentado após a agressão que o fascismo italiano prepara contra a Etiópia, bem como após a agressividade crescente do fascismo alemão?

Podemos e devemos opor-lhe a união de todas as forças antifascistas e em primeiro lugar a união das forças da jovem geração de trabalhadores, a um nível cem vezes mais elevado do papel e da actvidade dos jovens na luta da classe operária para a defesa dos seus interesses e da sua causa.

Que todos os trabalhos do congresso da Internacional das Juventudes Comunistas sejam consagrados à realização desta principal missão, de toda a mais imediata!

Esperamos que, fortalecidos pela experiência que já têm vindo a obter e tomando como ponto de partida as decisões do VII Congresso da Internacional Comunista, saibam encontrar o caminho certo ao cumprimento da mais importante tarefa do vosso movimento — realizar a união das forças de toda a juventude não fascista e em primeiro lugar das

forças da juventude operária e a união com a juventude socialista.

Não estariam contudo em condições de atingir este fim, se as Uniões das Juventudes comunistas tendessem, como no passado, a erigirem-se em *Partidos* comunistas da juventude, e se se contentassem, como no passado, em levar uma vida sectária, fechada, isolada das massas.

Toda a juventude antifascista se interessa pela união e pela organização das suas forças. É por essa razão, camaradas, que deveriam encontrar as vias, as formas e os métodos de trabalho susceptíveis de assegurarem a formação, nos países capitalistas, de organizações de massas da juventude de um *novo tipo,* a que não seriam estranhos os interesses vitais da juventude trabalhadora e que, sem copiarem o Partido, lutariam por *todos* os interesses da juventude, educando-a dentro de um espírito de luta de classes, de internacionalismo proletário, no espírito do marxismo-leninismo.

Tudo isto impõe ao Congresso um *exame* extremamente sério e uma *apreciação* da actividade das Uniões das Juventudes Comunistas, a fim de poderem ser *efectivamente* reorganizadas, sendo afastado tudo aquilo que possa entravar a extensão da actividade de massas, a criação da frente única e a união da juventude.

Esperamos da Internacional das Juventudes comunistas que dirija toda a sua actividade de forma a poder cerrar e unir todas as organizações da juventude trabalhadora de ordem sindical, cultural, educativa e desportiva; todas as organizações de jovens — revolucionárias, nacionais-revolucionárias, de libertação nacional, bem como as organizações antifascistas da juventude pela luta contra o fascismo e a guerra, e as de defesa dos direitos da jovem geração.

Notamos com grande alegria que os nossos jovens camaradas de França e dos Estados Unidos se introduziram activamente no movimento de massas, a favor de uma frente única da juventude. Este movimento espalha-se com sucesso e os nossos camaradas obtiveram já resultados muito prometedores neste campo. Todas as secções da Internacional das Juventudes comunistas deveriam tirar partido da experiência adquirida pelos camaradas franceses e americanos.

Assiste-se em vários países a uma aproximação cada vez mais estreita entre a juventude comunista e a juventude socialista de que testemunha, de forma eloquente, a presença no actual congresso da Internacional das Juventudes comunistas de representantes de jovens comunistas e de jovens socialistas de Espanha.

Portanto, camaradas, segui corajosamente o caminho da união com a juventude socialista com vista à criação, em conjunto com ela, de organizações comuns. Segui corajosamente o caminho da união de todas as forças da juventude antifascista.

O Comité Executivo da Internacional Comunista encorajará e apoiará com todas as suas forças as vossas iniciativas e actividades na luta pela união, na luta pela defesa dos interesses vitais da juventude trabalhadora.

Os milhões de rapazes e de raparigas a quem a sociedade capitalista cria condições de existência impossíveis e que, não pertencendo a qualquer organização ou sendo membros de organizações dirigidas pelo inimigo de classe, são vossos irmãos e irmãs que devereis trazer para o socialismo.

Não espereis até que seja estabelecida a unidade entre os Partidos comunistas e socialistas, bem como entre as outras organizações da classe operária.

Sede corajosos, independentes e plenos de iniciativa!

Vós sois o congresso do sector da jovem geração mais cheio de iniciativa, mais penetrado de abnegação. Não seríeis capazes de ficar fora do movimento pela unidade, que alastra e se fortifica no seio da classe operária. Não tendes de esperar, como a Internacional da Juventude Socialista, uma autorização vinda «de cima», a fim de poderem apoiar o movimento a favor de uma frente única, a favor da união da juventude trabalhadora numa só organização.

Em nome do Comité Executivo da Internacional Comunista, declaro que a juventude unida nas fileiras da Internacional das Juventudes comunistas tem e terá sempre a inteira possibilidade de desenvolver de forma autónoma o seu movimento revolucionário, bem como de resolver os seus problemas.

Os comunistas no seio das organizações da juventude deveriam saber agir de forma a convencer os seus membros e não

a influenciar as decisões dessas organizações por meio de ordens que lhes seriam dirigidas em nome do Partido.

Gostaria de evocar as palavras do grande Lénine, que servem de base às relações entre a Internacional Comunista, por um lado, e a juventude e suas organizações, por outro:

> «Acontece muitas vezes que os representantes da geração dos adultos e das pessoas mais velhas *não sabem agir*, como deveria ser, para com os jovens, que são necessariamente levados a aproximarem-se do socialismo, *não da mesma maneira, pelos mesmos meios, de acordo com as mesmas formas e nas mesmas condições* que os seus pais. É por esta, entre outras razões, que devemos insistir na *autonomia de organização* da união da juventude, e isso *não só unicamente* por os oportunistas recearem essa autonomia, mas em função da própria natureza das coisas. Sem uma completa autonomia, a juventude não seria capaz de fornecer bons especialistas, nem de fazer avançar o socialismo.» (*)

Camaradas, devemos *aprender*, aprender combatendo!

Deveis unir a vossa actividade prática do dia a dia ao estudo profundo das fontes do marxismo-leninismo pois que sem a teoria revolucionária não poderá existir prática revolucionária.

Sede combatentes exemplares, firmes e corajosos, contra o fascismo, o capitalismo!

Elevai bem alto o estandarte da libertação da humanidade do jugo capitalista, o estandarte da Internacional Comunista!

Juntai em redor desse estandarte a jovem geração trabalhadora do mundo inteiro! Esse estandarte das grandes vitórias flutua já numa sexta parte do globo e triunfará sem dúvida no mundo inteiro!

(*) V. I. Lénine, A Internacional da Juventude, *Obras*, t. XIX, p. 295.

«A ORDEM JURÍDICA» DO FASCISMO ALEMÃO

(Resposta ao Sr. von Ribbentrop)

ENTREVISTA CONCEDIDA AOS REPRESENTANTES DA IMPRENSA, A 8 DE JANEIRO DE 1936

No jornal fascista *Voelkischer Beobachter* de 18 de Dezembro de 1935, o «plenipotenciário especial» de Hitler sobre as questões de política estrangeira, von Ribbentrop, publicou uma carta dirigida ao homem político inglês lorde Allen of Hartwood, em resposta a um pedido que este apresentou pessoalmente a Hitler, em nome de um grupo de juristas ingleses, solicitando a libertação do advogado alemão Hans Liethen.

Nessa carta Ribbentrop expõe uma série de teses: a primeira é que o regime alemão actual constituiria uma ordem jurídica especial, respondendo ao «espírito» e aos «sentimentos naturais» do povo alemão; a segunda, que a subida ao poder dos fascistas alemães, em 30 de Janeiro de 1933, foi uma «revolução»; a terceira, que a missão histórica do fascismo alemão consistiria em salvar a civilização e finalmente a quarta, que ele próprio, Ribbentrop, tinha contribuído para a libertação de Dimitrov, o que presentemente lamentava com amargura.

Ribbentrop exprime o seu desgosto por o governo alemão ter feito prova de «generosidade», libertando na altura Dimitrov.

Referindo-se ao relatório do camarada Dimitrov apresentado no VII Congresso da Internacional Comunista, desnaturando-o de forma ignominiosa, Ribbentrop escreve: «Esse programa, cuidadosamente elaborado, é o resultado da liber-

tação de Dimitrov, isto é, o resultado da concepção britânica liberal e da bondade e magnanimidade alemãs!»

Publicamos a seguir as respostas do camarada Dimitrov às perguntas feitas pelos representantes da imprensa.

Pergunta: Qual é a sua opinião sobre a carta dirigida pelo diplomacia hitleriano Ribbentrop ao lorde inglês Allen, carta essa publicada pelo órgão oficial do governo alemão, o *Voelkischer Beobachter*, de 18 de Dezembro, em resposta ao pedido pessoalmente feito a Hitler solicitando a libertação do advogado alemão Liethen?

Dimitrov: O senhor von Ribbentrop não fala em seu próprio nome. As opiniões pessoais de Ribbentrop têm pouco valor. A carta de Ribbentrop é uma declaração oficial do governo alemão esforçando-se por justificar os crimes monstruosos que fizeram erguer-se uma vaga de protesto em todo o mundo civilizado. Pela boca de Ribbentrop fala o fascismo alemão desenfreado, que luta pelo apoio da opinião pública em Inglaterra, não só no que se refere à sua forma de actuação para com os adversários políticos do fascismo, como também no respeitante aos seus aventurosos planos militares. Não é por acaso que esta carta foi publicada na altura em que as pessoas honestas do mundo inteiro se ergueram de indignação aquando da cobarde execução do comunista alemão Klaus e, simultaneamente, perante a catástrofe representada pela fome a que o fascismo votou as massas trabalhadoras alemãs, os fascistas alemães reforçam de uma forma excepcional o terror em todo o país. Ao tomar abertamente a defesa dos carrascos autores da execução, o seu cúmplice, vestindo luvas brancas de diplomata, atira-se sem dúvida, através da sua carta, a toda a opinião pública mundial.

Pergunta: Que pensa a respeito da afirmação de Ribbentrop, de que o regime alemão actual constituiria uma ordem jurídica especial, respondendo ao «espírito» e às «necessidades naturais do povo alemão»?

Dimitrov: Essa afirmação de Ribbentrop é sem dúvida o maior insulto dirigido ao povo alemão. É preciso ter-se um grande cinismo e um desprezo «nietzschiano» para com os homens a quem se dirige directamente essa carta de von Ribbentrop, para se fazer uma tal afirmação! O fascismo e o sistema jurídico são duas coisas absolutamente incompatíveis.

O fascismo é a negação de toda a ordem jurídica. O fascismo é, no fundo, a arbitrariedade.

É a arbitrariedade de um bando armado de mercenários do grande capital, escravizando a enorme maioria do povo, no interesse não só da minoria que o explora, mas também no dos mais ávidos exploradores.

Que sistema jurídico é esse, tido por responder ao «espírito» e aos «sentimentos naturais» do povo alemão, que priva de direitos políticos elementares nove décimos desse mesmo povo? Que sistema jurídico é esse que deixa apodrecer nas prisões e nos campos de concentração a fina flor do povo alemão? Que ordem jurídica é essa que, seguindo as próprias palavras de Ribbentrop, mantém na prisão pessoas absolutamente inocentes, como Liethen, unicamente por possuírem um «ponto de vista espiritual» diferente do de Ribbentrop? Ribbentrop clama para a necessidade de revogação do antigo sistema jurídico na Alemanha, salientando, segundo as suas próprias palavras, que mesmo «Adolf Hitler poderia ser julgado em virtude dos mesmos artigos do código penal, tal como os restantes mortais». Mas um tal sistema, em que todo e qualquer assassino fascista não está sujeito ao procedimento judicial, não afectando, pelos seus crimes, qualquer parágrafo, é precisamente a arbitrariedade. Trata-se de um regime encabeçado por criminosos de direito comum.

Não é exagero dizer-se que o «sistema jurídico especial» de Ribbentrop está mais perto do «sistema» dos «gangsters» americanos, que semeiam o terror entre a população dos Estados Unidos da América, do que qualquer outro sistema jurídico vigente. Em que sistema jurídico se poderá incluir, por exemplo, o incêndio como acto de provocação feito pelos fascistas alemães no Reichstag? Que a Academia jurídica alemã unificada, de que o Sr. von Ribbentrop promete enviar a lorde Allen os materiais a título de advertência, tente justificar sob o ponto de vista do direito esse acto de provocação que serviu, de acordo com os planos dos seus autores, de pretexto para toda uma série de noites de S. Bartolomeu. Nenhum dos «sistemas jurídicos» de Ribbentrop e dos seus adeptos poderia justificar um acto como a prisão de pessoas que nada tinham a ver com esse assunto e a sua incriminação por terem incendiado o Reichstag, quando toda a gente sabe que o

Reichstag foi incendiado por ordem e sob a direcção dos governantes fascistas.

Que a Academia alemã de direito tente apoiar juridicamente os assassínios fascistas por emboscada, tantas vezes executados pelos fascistas, ou os numerosos casos de assassínios ocorridos em pretensas «tentativas de evasão», ou as condenações à morte de antifascistas, baseados em documentos falsificados e em falsos testemunhos. Que tente justificar o sistema de torturas e de inquisição, a que os carrascos fascistas submetem os comunistas encarcerados, os sociais-democratas e outros antifascistas. Que o senhor von Ribbentrop explique pois as normas do sistema jurídico que preconizam actos como o assassínio do professor alemão Lessing, perpetrado por um fascista em território checoslovaco, o banho de sangue de 30 de Junho, o assassínio do general von Schleicher e da sua mulher, a execução de dezenas de homens das tropas de assalto. E que dizer dos progroms anti-semitas e das perseguições de católicos, que evocam as mais negras páginas da época da inquisição, dos tempos dos huguenotes. E a esterilização? Sob que sistema jurídico é que tão repugnantes actos poderiam ser admissíveis? E o bacanal do auto-de-fé das obras imortais do pensamento e do génio humano?

Não há dúvida que um tal «sistema jurídico especial» teve já precedentes na história, durante a obscura Idade Média; suscita ainda nos nossos dias o horror daqueles que se debruçam sobre a história das torturas, das fogueiras, dos autos-de-fé de «heréticos», o auto-de-fé de Giordano Bruno, a feroz «diba» (*), onde içavam os desventurados na época de Ivan, o Terrível. Existiam nessa altura carrascos que erguiam o machado nos locais de execução, cortando as cabeças; existiam nessa altura também vários Ribbentrop, louvando um tal «sistema jurídico especial». É notório, no entanto, que os povos tenham demolido esse sistema; perseguiram sem piedade os promotores de um tal sistema. Foi necessário chegar à degeneração espiritual da sociedade burguesa e a toda a podridão espiritual do capitalismo em decomposição, para que esse sistema ressuscitasse, cobrindo de infâmia o país que ofereceu ao mundo Marx e Engels, Goethe, Schiller, Wagner e Heine. O tribunal da História não será mais clemente para com aqueles que erigiram como símbolos da Idade Média contemporânea a potência e o machado, numa época em que cintila já numa sexta parte do nosso planeta a estrela de cinco pontas, tendo por emblema a foice e o martelo.

(*) Polé. — *(N. do T.)*

Pergunta: Como aprecia a declaração de Ribbentrop, que «as revoluções se não decidem através dos órgãos judiciais e em conformidade com as normas jurídicas usuais»?

Dimitrov: Está absolutamente certo que as revoluções se não decidem nas salas dos tribunais, nem baseando-se nas normas jurídicas usuais. Contudo, o sr. von Ribbentrop esqueceu um «detalhe», quando pensou ter encontrado assim a chave que permite justificar os crimes do fascismo alemão. O facto é que a subida ao poder dos fascistas alemães, a 30 de Janeiro de 1933, não é de forma nenhuma uma revolução. Sabe-se que uma verdadeira revolução significa a passagem do poder das mãos de uma classe para as de outra. Ora, na Alemanha, a burguesia encontrava-se no poder, tal como se encontra ainda agora. O sistema capitalista continuou são e salvo. O que mudou foi que os meios mais reaccionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro, que reforçaram ao extremo a exploração e a opressão capitalistas, se transformaram nos senhores absolutos. A falsificação política está longe de auxiliar Ribbentrop. Ele pensa que colando sobre a fúria fascista reaccionária a etiqueta «revolução nacional-socialista», está a justificar o terror fascista. O diplomata fascista não faz a menor ideia de que as verdadeiras revoluções, mesmo as mais violentas, não necessitam de justificação, visto elevarem o povo que as fez e consequentemente toda a humanidade a um mais elevado nível de civilização. Ora, o sangrento bacanal fascista não pode ser justificado por quem quer que seja, visto rebaixar o grande povo alemão ao nível da barbárie.

A lenda fascista de revolução nacional-socialista era sobretudo utilizada até à data para servir as necessidades do consumo interior, destinada a enganar as massas e a substituir as comidas gordas, a carne e os ovos que lhe faltam. De momento, o caixeiro-viajante hitleriano Ribbentrop tenta lançar essa mercadoria podre no mercado europeu. Recomenda, da

forma mais séria possível, a fúria fascista como «um modelo de revolução» para todos os outros povos.

É impossível ler-se sem sorrir as afirmações de Ribbentrop, como aquela de que os famosos métodos da revolução nacional-socialista «são sem precedentes na história» e «se encontram em flagrante contradição com os cruéis métodos bárbaros utilizados na execução das revoluções nos outros povos do mundo civilizado», que serviriam a causa «da salvaguarda dos princípios éticos e morais do povo». Tudo isto são desassombradas mentiras, a que nem vale a pena responder. Trata-se verdadeiramente de um «modelo» fascista de impudência sem limites.

Pergunta: Qual é a sua atitude para com a declaração de Ribbentrop, que a missão histórica do fascismo alemão seria de salvar a civilização?

Dimitrov: Da mesma forma como eu consideraria uma declaração dos «gangsters» americanos, se se atribuíssem a missão de salvar do banditismo a humanidade. É notório que os fascistas alemães dirigem os seus golpes contra tudo o que possui a marca do progresso humano, do pensamento livre, da criação independente, contra todos os que não são fascistas. Não poderia, aliás, ser de outra forma, dado que o fascismo é o pior inimigo do progresso humano e da civilização; é a encarnação do mais selvagem e desenfreado obscurantismo. Dirige os seus ataques em primeiro lugar contra o movimento operário e sobretudo contra o comunismo, visto o comunismo representar a vanguarda do movimento operário mundial e ser o portador da nova civilização.

Este papel do comunismo atinge uma especial clareza à luz das grandiosas realizações no domínio da edificação comunista na U. R. S. S. Milhões de pessoas — operários, camponeses, intelectuais, sábios, engenheiros e técnicos do mundo capitalista — convencem-se cada vez mais que o socialismo na U. R. S. S. é o poderoso crescimento das forças produtivas, é o bem-estar melhorado das largas massas populares, o incremento sem precedentes da sua cultura, o desenvolvimento da pessoa humana em todos os campos, o nascimento do homem novo, de um novo modo de vida, de uma nova psicologia. O socialismo é a paz e a fraternidade dos povos. É por isso que todo o que é honesto, independente e livre entre a humanidade estabelece, apesar de todas as dificuldades, uma frente única com a classe operária contra o fascismo, essa peste actual da humanidade.

Pergunta: Que gostaria de dizer a respeito da afirmação de Ribbentrop, que ele teria contribuído para a sua libertação?

Dimitrov: Ao fazer uma afirmação dessas, o mínimo que se pode dizer é que Ribbentrop subestima a imagem da sua pessoa na história. Como todos sabem, fui libertado porque mesmo o tribunal fascista não podia deixar de me absolver. Ora absolveu-me porque se provou irrefutavelmente no processo de Leipzig que o Reichstag não tinha sido incendiado pelos comunistas, mas sim pelos fascistas alemães. Libertaram-nos, visto a vaga de indignação contra os crimes do fascismo alemão se ter elevado de tal forma em todo o mundo, sofrendo o fascismo uma tal ignomínia e um tal opróbrio em Leipzig, que não podia fazer outra coisa senão libertar-nos. O que é que o senhor von Ribbentrop tem a ver com este assunto? Se os Ribbentrop tivessem podido despedaçar-me em Leipzig, tê-lo-iam certamente feito com o mais vivo prazer, mas isso não lhes foi possível. O bandido que liberta a sua vítima, por as pessoas que a vêm socorrer lhe quererem torcer os braços, não pode certamente vangloriar-se da sua magnanimidade.

Ribbentrop esforça-se por descrever o programa da frente comum de luta contra a ofensiva do capital, do fascismo e da guerra, claramente exposto no VII Congresso, como uma conspiração terrorista mundial não só contra a Alemanha fascista, como também contra toda a Europa e especialmente contra o Império Britânico. Verifica-se que esta terrível desgraça teria ocorrido em consequência «da concepção liberal inglesa e da bondade de espírito e da generosidade alemãs», que, tal como nos afirma Ribbentrop, teriam provocado a minha libertação. Todo este arrazoado mentiroso é necessário a Ribbentrop, a fim de convencer a opinião pública inglesa a não repetir «erros» como a minha libertação; esta atitude é-lhe necessária, a fim de deixar o campo livre ao fascismo alemão na sua actuação contra Thaelmann e outros prisioneiros das masmorras alemãs. Ribbentrop desnatura cientemente as decisões do VII Congresso, a fim de desviar a atenção dos verdadeiros conspiradores e terroristas, que tentam agora

fazer com que o mundo mergulhe na catástrofe de uma nova guerra imperialista. O resumo estenografado do meu relatório foi publicado; assim como os operários de todos os países o leram, os lordes ingleses podem lê-lo também. No meu relatório e de acordo com o programa e com a táctica da Internacional Comunista, não só não me declarei um adepto do terrorismo individual, como lutei, com todo o meu entusiasmo de comunista militante, contra aqueles que transformaram a arma do terrorismo político individual num método principal para a realização dos seus fins antipopulares. Tenho em mente, acima de tudo, os fascistas alemães.

Não há dúvida que paira um perigo sobre a vida de Thaelmann e das dezenas de milhares de comunistas, de sociais-democratas e de outros antifascistas, atirados para as prisões e campos de concentração alemães, perigo esse mais sério do que em qualquer outra ocasião. Estão na ordem do dia novos crimes do fascismo. A mão dos carrascos fascistas deve ser afastada. Cabe agora a palavra aos milhões de operários e a todas as pessoas honestas.

A FRENTE ÚNICA DE LUTA PELA PAZ

Desde 1914 que a ameaça de guerra mundial não era tão grande como hoje. Nunca foi tão grande a necessidade urgente de mobilizar todas as forças, a fim de evitar a catástrofe que ameaça toda a humanidade. É necessário para tal e primeiro que tudo, que se compreenda claramente de onde vem o perigo, quais os seus agentes, quais os países que se preparam para assaltar.

Seria errado pensar que a guerra que se aproxima ameaça unicamente a União Soviética, ou pelo menos que a ameaça em primeiro lugar. Não é um facto que a ocupação da zona do Reno, feita pelo exército de Hitler, cria uma ameaça directa à França, à Bélgica e a outros países europeus? É também um facto os planos de Hitler para o futuro próximo visarem a conquista de territórios que pertencem a Estados vizinhos, onde se encontra uma população alemã.

Se Hitler fala hoje da «soberania da Alemanha», falará sem dúvida amanhã da «soberania de todos os alemães». Tentará, ao abrigo desta palavra de ordem, realizar a anexação da Áustria, a destruição da Checoslováquia como Estado independente, a ocupação da Alsácia-Lorena, de Dantzig, da parte meridional da Dinamarca, de Memel, etc. E isto é perfeitamente compreensível: é muito mais fácil ao fascismo alemão enviar primeiramente um exército à conquista dos territórios pertencentes a Estados vizinhos, sob a palavra de ordem de «União nacional de todos os alemães», só depois iniciando a guerra contra o poderoso país dos Sovietes. O fascismo alemão, que se reforça de momento no Reno, constitui

igualmente, embora os actuais governantes da Polónia com ele mantenham relações de aliança, uma ameaça à independência do povo polaco.

No que se refere ao Extremo Oriente, não restam dúvidas que o *golpe imediato* é dirigido contra o povo *chinês*, embora a soldadesca fascista do Japão prepare a guerra contra a União Soviética e se tenha entendido com Berlim quanto a essa eventualidade. O Japão ocupou já a Manchúria, apoderando-se agora, uma após outra, das províncias da China. O imperialismo japonês procura, além disso, submeter todos os povos da Ásia, compreendendo a Índia, apoderar-se das Filipinas e da Austrália. Prepara-se para o ajuste de contas decisivas com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

É pois evidente que os povos do Ocidente viriam a cometer um erro fatal se se deixassem embalar pela ilusão de não serem ameaçados pelos promotores fascistas de guerras na Europa e no Extremo Oriente. Os povos dos países vizinhos da Alemanha são especialmente chamados a reflectir seriamente sobre a defesa da sua independência e da sua liberdade.

A causa principal das guerras imperialistas reside, como se sabe, no próprio capitalismo, nos seus desígnios de conquista. Contudo, e na conjuntura concreta internacional de hoje, o instigador da guerra que se aproxima é *o fascismo*, o punho de ferro das mais agressivas e belicosas forças do imperialismo.

Se o perigo de guerra se tornou tão directamente ameaçador, é por se não ter vedado a tempo o caminho do poder ao fascismo alemão. Depois de ter instaurado a sua dominação através da guerra interior contra as massas populares do seu próprio país, o fascismo transformou-se numa ameaça de guerra para todos os povos do mundo. Depois de ter escravizado o seu povo passa, com o facho da guerra em punho, à ofensiva contra os outros povos.

O perigo de guerra agravou-se ainda extremamente, a partir do facto de se ter criado um estado de impunidade para o agressor fascista. A preparação do fascismo alemão para a guerra (introdução do serviço militar obrigatório, armamentos aéreos e navais) efectuou-se com a complacência sistemática das potências capitalistas e a participação directa dos meios dirigentes ingleses. A passividade e as hesitações

da Sociedade das Nações para com a ofensiva do Japão contra a China e a agressão italiana na Abissínia encorajaram a insolência do agressor.

Contudo, a agressividade crescente do fascismo alemão e da camarilha militar japonesa são, antes de mais e sobretudo, a consequência do facto de o *proletariado internacional não ter conseguido reagir unanimemente, desenvolvendo todas as suas forças gigantescas, a fim de reunir à sua volta todos os trabalhadores e todos os amigos da paz, numa poderosa frente contra a guerra.* A resistência da parte reaccionária dos chefes da Internacional Socialista e da Federação Sindical Internacional para com a frente única de luta não foi ainda quebrada. E a rejeição das acções independentes e unidas do proletariado contra a guerra, por parte desses dirigentes reaccionários que apoiam a política imperialista da sua burguesia, o entorpecimento das massas através da ilusão que a sociedade das Nações tudo fará para a manutenção da paz, serviram de travão à luta do proletariado contra a guerra e paralisaram a sua pressão sobre os governos capitalistas.

A par dos dirigentes deliberadamente reaccionários que sabotam a unidade de acção do proletariado internacional pela defesa da paz, vemos erguerem-se também os fraseadores de «esquerda» que pregam ideias fatalistas sobre a *impossibilidade* de se evitar a guerra e a impossibilidade de se manter a paz. Desde que a causa essencial da guerra é o capitalismo, dizem eles, não é possível evitar a guerra enquanto ele existir, e é absurdo e estéril lutar pela manutenção da paz. Tais pessoas são grosseiros doutrinários, senão puros e simples charlatães. Vêem por todo o lado desencadeadas as forças da guerra, mas não reparam de forma nenhuma nos poderosos factores da paz.

A União Soviética — o Estado do proletariado vitorioso — é, com a sua resoluta e consequente política de paz, um desses factores da própria paz. Um outro factor de paz é o proletariado dos países capitalistas. São estas as forças dirigentes da defesa da paz contra os promotores de guerra. As massas do campesinato, todos os trabalhadores, as grandes massas populares em todos os países capitalistas, são igualmente a favor da manutenção da paz. Um certo número de Estados capitalistas estão neste momento interessados na conservação

da paz. Mesmo nos países onde reina o fascismo, como naqueles em que os governantes favorecem os instigadores de uma nova carnificina, os povos não querem a guerra.

Os doutrinários fraseadores, nomeadamente os do Independente Partido Trabalhista de Inglaterra, apresentam a situação como se a questão da guerra e da paz dependesse exclusivamente dos governantes capitalistas. Seria efectivamente deste modo se as massas populares desempenhassem o papel de simples piões entre as mãos dos governos e não *lutassem* pela manutenção de paz, mau grado os seus governantes. É precisamente essa forma de considerar as massas populares como simples marionetes postas nas mãos do governo que é absolutamente falsa. Se essas massas, sem as quais se torna impossível fazer a guerra, intervierem *resolutamente e a tempo* contra as intenções militares dos governos, poderão obrigá-los a renunciar à guerra e a usarem de indulgência para com aqueles que a conspiram. *Tudo depende de se organizar e conduzir essa luta todos os dias e em todo o lado contra os promotores fascistas da guerra e seus acólitos.*

Torna-se necessária uma frente única de paz que agrupe não só a classe operária, o campesinato, os intelectuais trabalhadores e os outros trabalhadores, como também as nações oprimidas e os povos dos países cuja independência se encontra ameaçada pelos promotores da guerra. O que se torna necessário é uma frente de paz que se estenda a todas as partes do mundo, de Tóquio a Londres, de Nova Iorque a Berlim, uma frente de paz que actue com coesão contra os promotores da guerra, contra o fascismo alemão na Europa, contra a pandilha militar japonesa no Extremo Oriente. Essa frente de paz tornar-se-á então poderosa e invencível se desenvolver acções práticas de massas e se não se limitar a protestos, resoluções e declarações.

É necessário, com o auxílio de medidas económicas e políticas, colocar os promotores da guerra nas condições de um verdadeiro *estado de sítio*. É necessário encurralá-los, a fim de lhes retirar os meios de realizarem os seus intuitos criminosos. É necessário circundar o globo com uma rede de organizações dos amigos da paz de tal maneira densa, com um movimento de solidariedade internacional de tal forma poderoso, de medidas que exaltem uma política internacional única do proletariado no interesse da manutenção da paz de tal forma eficazes, que as mãos criminosas dos promotores da guerra fiquem algemadas.

É preciso fazer sentir de forma enérgica ao agressor fascista que há milhares de homens a seguir cada um dos seus passos em atenta vigilância e que todas as tentativas da sua parte para atacar outros povos terão de enfrentar a resoluta resistência do proletariado e dos trabalhadores do mundo inteiro.

Só o proletariado, ao realizar a unidade nas suas fileiras, poderá ser o organizador de uma tal frente de paz, só ele se pode transformar na sua força motriz, na sua ossatura. *É esta precisamente agora a missão central de todo o proletariado.* Do sucesso da sua realização dependem também os sucessos da luta contra o próprio fascismo.

II

Não basta *desejar* a paz. É necessário lutar-se pela paz. É absolutamente insuficiente desenvolver-se uma propaganda geral contra a guerra. A propaganda contra a guerra «em geral» não impede de forma nenhuma os conspiradores que residem em Berlim ou Tóquio de urdirem o seu pérfido projecto; ficariam sem dúvida cheios de contentamento se a classe operária não passasse para além de uma propaganda geral desse tipo.

Para que a luta pela manutenção da paz seja coroada de êxito, torna-se absolutamente necessário que as acções comuns do proletariado e das grandes massas populares sejam dirigidas contra os *promotores da guerra concretos*, bem como contra as forças que, no interior do país, as favorecem directa e indirectamente. É extremamente importante, deste ponto de vista, elaborar em todo o país a linha de uma táctica justa e concreta na luta pela manutenção da paz, tendo em conta a situação do Partido e do movimento operário do país em questão, bem como a sua situação interna e internacional.

Nos países em que o fascismo se encontra no poder, a classe operária reúne todas as suas forças para conjurar a catástrofe em que o fascismo pretende precipitar o povo, colo-

cando no centro da luta contra a ditadura fascista a denúncia da demagogia chauvinista e dos preparativos de guerra. Lutando contra o poder do fascismo e contra a sua agressão militar, o proletariado e as grandes massas populares da Alemanha, de Itália e de outros países fascistas não trabalham somente para a sua própria salvação, mas também no interesse da paz, no interesse de todos os povos, da humanidade inteira.

No momento actual a atitude a tomar para com a política exterior do governo e da defesa nacional representa um ponto importante da táctica da classe operária, sobretudo nos países que se encontram directamente ameaçados pela agressão. Não é absolutamente indiferente para a classe operária e para todos os trabalhadores saber qual a política exterior do governo para com os inimigos fascistas da paz: será que essa política poderá contribuir para a consolidação da segurança colectiva ou será que lhe serve de obstáculo? Será que o governo favorece os agentes do agressor fascista ou será que toma contra eles medidas eficazes? Como se tratam os filhos do povo que se encontram nas fileiras do exército? Dentro de que espírito é que são educados? De que elementos se compõem os quadros de comando do exército? Serão esses elementos seguros no que respeita à luta contra o inimigo fascista ou serão elementos reaccionários fascistas? Como estará a população protegida contra os horrores da guerra?, etc.

Mostrar-se indiferente quanto às questões de defesa nacional, deixá-las sem controle à discrição do governo burguês, aí está uma posição que não serve de forma alguma a obra de defesa da paz. Não é por acaso que as sumidades dirigentes da burguesia sempre consideraram esse domínio como seu monopólio, como uma espécie de «santuário». É preciso pôr fim, de uma vez para sempre, a esse monopólio da burguesia.

O proletariado não poderia dispensar, nestas questões, uma política muito própria, uma política independente. Sem passar de forma nenhuma para as posições da burguesia, o Partido do proletariado deve intervir activamente com a sua plataforma, com as suas reivindicações, na política externa e nas questões de defesa nacional.

Partidário dedicado da defesa activa do seu povo e do seu país contra a servidão fascista, o proletariado deve ligar da

mais estreita forma as questões de defesa nacional às reivindicações que visam alargar os direitos democráticos dos operários e camponeses e defender os seus interesses vitais, partindo do facto de que apenas a democratização do regime no país, a democratização do exército, a sua depuração dos elementos fascistas e de outros elementos reaccionários e a satisfação das mais urgentes reivindicações das massas operárias e camponesas estão à altura de reforçar a capacidade de defesa do povo contra a agressão fascista.

Em cada uma das situações concretas, os representantes da classe operária pronunciam-se a favor de propostas deste tipo e tentam fazer com que sejam tomadas medidas que permitam às grandes massas do povo exercer a máxima pressão sobre a política externa do governo, bem como um controle efectivo dos seus actos nas questões de defesa nacional. Pronunciam-se igualmente a favor de todas as medidas que dificultam a capitulação dos governos burgueses perante o agressor fascista e a traição por parte desses governos da independência e da liberdade do povo.

Frisando que apenas o poder do proletariado está à altura de assegurar uma defesa efectiva do país e da sua independência, como demonstra com evidência o exemplo da União Soviética, os comunistas, nas condições de uma ameaça directa de guerra por parte de um agressor fascista, trabalham no sentido da criação de um *governo de frente popular*. Ao tomarem medidas contra o fascismo e os elementos reaccionários no país, contra os agentes e os auxiliares dos inimigos da paz, ao assegurarem o controle da defesa nacional por parte das massas organizadas, um tal governo contribuirá para o reforço da capacidade de defesa do povo contra o agressor fascista.

Na própria medida em que o poder se encontra hoje nas mãos de governos burgueses que não oferecem garantias de verdadeira defesa do país e que põem em acção as forças armadas do Estado contra os trabalhadores, o Partido da classe operária não pode assumir qualquer responsabilidade política perante as medidas de defesa desses governos; é a razão por que se pronuncia contra a política militar do governo e contra o orçamento de guerra, no seu conjunto. Isto não exclui, em casos concretos, uma abstenção motivada na altura da votação de diversas medidas de defesa nacional

necessárias para dificultar o ataque do agressor fascista (por exemplo, a fortificação das fronteiras), bem como o voto e intervenção a favor das medidas ditadas pelos interesses da defesa da população contra os horrores da guerra (abrigos contra os *gases*, máscaras de gás, socorros sanitários, etc.).

Já lá vai o tempo em que a classe operária não participava de uma *forma independente e activa* na determinação de questões vitais como a guerra e apaz. A diferença entre os comunistas e os reformistas, entre os homens políticos revolucionários e os homens políticos reaccionários do movimento operário, não consiste de forma alguma no facto destes últimos participarem na resolução destas questões, enquanto que nós, os revolucionários, nòs devemos manter a distância. Não. A diferença reside no facto de os reformistas defenderem, tanto nestas questões como em outras, os interesses dos capitalistas e os revolucionários, os dos trabalhadores, os do povo.

Esta táctica flexível bolchevique, que é a aplicação a uma questão distinta das concepções tácticas gerais fornecidas pelo VII Congresso da I. C., resulta necessariamente de toda a presente situação internacional e, em especial, da existência de determinados agressores fascistas.

É verdadeiramente cómico ver os fraseadores de «esquerda» de todas as índoles erguerem-se contra esta táctica, armando-se em revolucionários intransigentes! Se lhes déssemos ouvidos, acreditaríamos que todos os governos são agressores. Referem-se mesmo a Lénine, que durante a guerra imperialista de 1914-1918 rejeitou com razão o argumento dos sociais-chauvinistas: «Atacaram-nos, nós defendemo-nos.» Nessa altura, contudo, o mundo estava dividido em duas coligações imperialistas beligerantes que procuravam estabelecer, de forma idêntica, a sua hegemonia mundial e que tinham preparado e provocado dentro de uma igual medida a guerra imperialista. Não existia então um só país onde o proletariado fosse o vendedor, nem tão-pouco um país de ditadura fascista.

Mas a situação é agora diferente. Existe actualmente: 1. Um Estado proletário que é o mais forte baluarte da paz; 2. Agressores fascistas determinados; 3. Um grande número de países que se encontram sob a ameaça imediata de um ataque feito pelos agressores fascistas e da perda da sua

independência, como Estado e Nação; 4. Outros Estados capitalistas que, neste momento, estão interessados na manutenção da paz.

É portanto absolutamente falso o apresentarem-se agora *todos* os Estados como agressores. Só os homens que procuram encobrir os verdadeiros agressores podem desfigurar de tal modo os factos.

III

A paz existente é uma má paz. Esta má paz é contudo preferível à guerra. A cada partidário consequente da paz apresenta-se por si mesma a necessidade de apoiar todas as medidas que possam contribuir para a sua manutenção, incluindo as medidas da Sociedade das Nações e particularmente as suas sanções. As sanções podem fornecer um meio de acção eficaz contra o agressor.

Se as sanções adoptadas pela Sociedade das Nações não impediram a Itália de prosseguir a guerra contra a Abissínia, isto não serve de forma alguma de argumento contra as sanções, mas sim contra as potências que sabotaram a sua aplicação.

Se o fascismo alemão lança hoje um desafio aos povos do mundo inteiro, é precisamente porque conta com a impunidade, por as sanções não terem sido aplicadas para com o Japão, por as sanções contra a Itália terem sido anuladas pelos Estados capitalistas, porque Hitler, em suma, ao dirigir as suas tropas em direcção às fronteiras da França e da Bélgica, estava de antemão convencido que as sanções contra ele decididas seriam sabotadas pela burguesia inglesa.

Diz-se que a aplicação das sanções acresce o perigo de guerra, conduzindo a essa mesma guerra. É falso. Pelo contrário, é a *impunidade do agressor* que acresce o perigo de guerra. Quanto maior número de sanções de ordem financeira e económica forem resolutamente aplicadas contra o agressor fascista (total recusa de créditos, cessação do comércio e dos fornecimentos de matérias-primas), menos o fascismo alemão se resolverá a desencadear a guerra, visto o risco ser, dessa forma, muito maior para ele.

É preciso criticar-se impiedosamente a Sociedade das Nações pelas suas hesitações, a sua passividade, a sua inconsequência. A classe operária deve lutar intransigentemente contra os governos, de entre os dos Estados imperialistas membros da Sociedade das Nações, que, movidos por cúpidos interesses, auxiliam o agressor, sabotam as medidas de manutenção da paz e sacrificam os interesses dos pequenos povos em proveito das grandes potências imperialistas. Não resulta daí que se deva, de forma genérica, adoptar uma atitude negativa para com a Sociedade das Nações. Qual será o interesse do proletariado em se prestar ao jogo dos promotores da guerra, que hoje se encontram todos contra a Sociedade das Nações? São precisamente os principais instigadores da guerra, a Alemanha e o Japão, que abandonaram a S. D. N. A União Soviética que, com todo o seu peso a nível internacional, defende a causa da paz e da segurança colectiva, encontra-se na Sociedade das Nações. Fazem igualmente parte da Sociedade das Nações alguns outros Estados que não querem permitir aos agressores fascistas o ataque a outros povos. Quem não saiba fazer a distinção entre a Sociedade das Nações de outrora e a Sociedade das Nações de hoje, quem não saiba diferenciar a sua atitude para com os diversos membros da Sociedade das Nações, quem renunciar a utilizar a pressão das massas sobre a Sociedade das Nações e sobre os diversos governos capitalistas em proveito das medidas pela manutenção da paz, esse sim, é um mexeriqueiro e não um revolucionário, não um homem político do proletariado.

A classe operária deve apoiar as medidas da Sociedade das Nações e dos diversos Estados que tendem efectivamente para a manutenção da paz (pactos de não-agressão, de assistência mútua contra o agressor, pactos de segurança colectiva, sanções financeiras e económicas). Não deverá apenas apoiá-las, como também obrigar a Sociedade das Nações, através de um poderoso movimento antiguerra de massas, e os governos de diversos países capitalistas a tomarem sérias medidas quanto à defesa da paz.

É errado pretender-se que a política de constantes concessões às exigências dos promotores de guerra fascistas, tanto por parte da Sociedade das Nações como por parte dos diversos Estados (Inglaterra, França, Bélgica, etc.) pode contribuir

para a manutenção da paz. Os operários não esqueceram que, no seu tempo, na política interna da Alemanha, foi precisamente o espírito de compromisso e de capitulação perante a ofensiva do fascismo que abriu a este o caminho do poder. Na arena internacional, uma semelhante política de capitulação deixa aos beligerantes fascistas campo livre para o ataque.

É igualmente errado pretender-se que a causa da paz viria a ganhar se tentássemos apresentar hoje a questão de uma nova repartição das fontes de matérias-primas, das colónias e dos territórios sob mandato, como tentam fazer os dirigentes sociais-democratas reaccionários. Apenas se age assim, no fundo, para desviar a atenção das massas da luta concreta contra os promotores da guerra. Por outro lado, uma tal proposta esconde bem o desejo de conceder colónias aos fascismo alemão, o que apenas reforçaria as suas posições de guerra. Não compete ao proletariado pronunciar-se a favor desta ou daquela repartição das colónias e dos mandatos coloniais entre os imperialistas. A sua missão é de apoiar a luta dos povos coloniais pelos seus interesses e direitos, pela libertação definitiva desses povos do jugo imperialista.

IV

Ao exigir à Sociedade das Nações e aos governos burgueses medidas eficazes contra a agressividade dos instigadores fascistas da guerra, o proletariado não deve deixar de ter em mente, um só instante sequer, que o *principal ponto,* quando se trata da manutenção da paz, *que o ponto fundamental, decisivo, são as acções independentes das grandes massas pela defesa da paz contra os próprios promotores da guerra.*

Não resta a menor dúvida que, se o proletariado internacional, com as suas organizações de massas e em especial com os seus sindicatos, tivesse intervido de forma unânime, e se tivesse, através de greves e de outras medidas, impedido a partida de cada navio, de cada comboio, tanto de Itália como com destino a Itália, o fascismo italiano teria sido obrigado desde há muito a cessar a guerra de rapina contra o povo abissínio.

Contudo, a criação de uma frente popular de paz, verdadeiramente extensa e suficientemente poderosa, para conseguir travar uma tal luta contra o fascismo belicista, só será possível na condição de possuir a *unidade de acção do próprio proletariado*. É precisamente o estabelecimento da unidade de acção da classe operária que permitiu ao proletariado francês e espanhol formar uma poderosa frente popular antifascista.

A conferência de Londres da Internacional Operária Socialista e da Federação Sindical Internacional de Amsterdão, desfeita pelas suas contradições internas, iludiu, sob pressão da sua ala reaccionária, a questão da necessidade de se realizar imediatamente a unidade de acção do proletariado à escala nacional e internacional. Não atraiu as massas operárias para acções independentes, limitando-se a convidá-las a confiar inteiramente na Sociedade das Nações. Não interveio na defesa do povo chinês atacado pelo Japão. Não condenou de forma alguma aqueles de entre os chefes trabalhistas e sociais-democratas que se apresentam como defensores da política agressiva do fascismo alemão, a coberto de frases sobre «a manutenção da paz».

Simultaneamente, nas fileiras da Internacional Operária Socialista e da Federação Sindical Internacional, desenvolve-se desde há algum tempo com enorme rapidez um movimento a favor da frente única da classe operária. Os interesses vitais de todo o proletariado internacional exigem que essas forças tomem a dianteira e que vençam a resistência dos adversários da frente única.

A passagem do fascismo à ofensiva militar, que utiliza a desunião dentro dos Partidos e das organizações da classe operária dos diversos países, reclama insistentemente uma *política internacional única da classe operária, no interesse da manutenção da paz*.

Em resumo, a realização desta política internacional única do proletariado é possível sobre as seguintes bases:

Primeiramente, restabelecimento e consolidação da verdadeira solidariedade proletária internacional, para a defesa dos interesses das vastas massas trabalhadoras, ruptura decisiva dos Partidos sociais-democratas para com os interesses imperialistas da sua respectiva burguesia.

Em segundo lugar, o mais amplo apoio à política de paz da União Soviética, ao Estado proletário que, com uma inabalável persistência, executa a guarda da paz entre os povos. Isto implica, acima de tudo, a luta decisiva dos Partidos operários contra as tentativas contra-revolucionárias de identificar a política exterior da União Soviética com a política dos Estados imperialistas, de identificar o Exército Vermelho, bastião da paz, aos exércitos dos Estados imperialistas, tentativas essas que se prestam ao jogo dos instigadores fascistas da guerra.

Em terceiro lugar, dirigir e concentrar em cada momento o ataque sobre a agressão fascista, tomar uma atitude bem precisa para com o agressor, por um lado, e para com as vítimas da sua agressão, por outro; denunciar todas as tentativas feitas no sentido de reduzir a diferença entre os Estados fascistas e os não fascistas.

Em quarto lugar, luta autónoma do proletariado pela manutenção da paz, não dependendo nem dos governos capitalistas, nem da Sociedade das Nações, o que exclui a subordinação do movimento operário às intrigas de bastidores dos governos imperialistas aderentes à Sociedade das Nações.

A luta pela manutenção da paz é, nas actuais condições, uma *luta* contra o *fascismo*; uma luta *revolucionária*, na realidade.

A manutenção da paz é um perigo mortal para o fascismo visto que, ao aumentar as suas dificuldades internas, acaba por sapar a ditadura fascista da burguesia; a manutenção da paz favorece o aumento das forças do proletariado, das forças da revolução; permite superar a cisão nas fileiras do movimento operário; ajuda o proletariado a tornar-se a classe dirigente na luta de todos os trabalhadores contra o capitalismo; mina os alicerces do regime capitalista; acelera a vitória do socialismo.

★

«A guerra pode estalar de um modo inesperado. Hoje em dia já se não declara a guerra. Desencadeia-se, pura e simplesmente» (Estáline). Isto obriga os comunistas a compreender

claramente as proporções e o carácter do perigo de guerra, a encararem os caminhos e meios de a evitar.

O passo decisivo para o estabelecimento da unidade de acção do proletariado internacional contra os instigadores da guerra reside hoje no desenvolvimento, por parte do Partido Comunista, em cada país, em todos os sectores da vida social e política, de uma das mais activas, perseverantes e extensas campanhas, a favor da manutenção da paz. Os comunistas desenvolvem esta campanha sem aguardarem a conclusão de pactos de unidade de acção com a direcção do Partido Social-Democrata, mas desenvolvem-na sob o signo da luta pelo estabelecimento da unidade de acção do Partido Comunista com o Partido Social-Democrata. Os comunistas empregam todos os seus esforços para superar a resistência dos chefes sociais-democratas reaccionários para com a frente única e para consolidarem por todos os meios os laços de luta comum estabelecidos entre operários comunistas e sociais-democratas contra o inimigo comum.

Uma campanha deste tipo, favorecendo a aproximação dos operários comunistas e sociais-democratas, contribuirá para activar e aproximar todas as forças do proletariado, não só à escala nacional, como também à escala internacional. É este o mais poderoso meio de se contribuir para a inclusão, no movimento, das outras camadas de trabalhadores das cidades e dos campos, das massas da pequena burguesia, do campesinato e dos intelectuais, de todos os partidários da paz. Tudo isto acelerará a formação de uma frente invencível de luta do proletariado internacional, de todos os trabalhadores, de todos os povos, pela manutenção da paz.

Lutar pela paz é lutar contra o fascismo, é lutar pela vitória do socialismo no mundo inteiro.

Primeiro de Maio de 1936.

A FRENTE POPULAR DE LUTA CONTRA O FASCISMO E A GUERRA

I

Proclamada pelo VII Congresso da Internacional Comunista, a política de frente popular de luta contra o fascismo e a guerra obteve grande adesão entre as massas trabalhadoras de todos os países. A prática desta política em França e em Espanha patenteou bem as *possibilidades reais* da frente popular e aumentando ainda mais a sua popularidade.

Não existe actualmente nenhum país onde a ideia da frente popular não conquiste de dia para dia um cada vez maior número de adeptos, entre todos aqueles que amam a democracia e a liberdade, entre todos os que são partidários da paz entre os povos. A tendência de formação de uma frente popular aumenta mesmo nos países como o Japão, onde a revolução democrática burguesa se encontra longe de ter pronunciado a última palavra, onde o militarismo feudal e fascista, através da sua política aventureira, da conquista de territórios chineses e dos seus actos provocatórios nas fronteiras da grande União Soviética, impele o povo japonês para o abismo das piores calamidades. Essa tendência é também crescente nos países tidos como clássicos da democracia burguesa, como a Grã-Bretanha, onde, de acordo com a tradição, apenas os dois Partidos do capital monopolista dispuseram da sorte dos povos — os liberais e os conservadores que, através da sua política reaccionária à escala nacional e internacional, preparam o enterro da democracia e da paz.

A enorme importância histórica, a justiça e a oportunidade da política da frente popular manifestaram-se de forma

bem evidente na atitude dos inimigos do proletariado, dos adversários da democracia e da paz, dos promotores de guerra fascistas, de toda a reacção internacional para com esta mesma política. Os governantes dos países capitalistas, os Partidos burgueses, os homens de Estado e os homens políticos, os órgãos da imprensa burguesa ficaram extremamente inquietos após as decisões do VII Congresso. Os reaccionários de todos os países iniciaram uma inaudita campanha de calúnias e de incitamentos contra a Internacional Comunista e contra todos os partidários da frente popular. Foi criada na Alemanha fascista uma organização especial — «Anti-Komintern» — de propaganda internacional contra a Internacional Comunista e de luta contra a política da frente popular. Quando do Congresso Nacional-Socialista em Nuremberga, Hitler, Goebbels e Rosenberg abriram uma autêntica e desenfreada canhonada contra o perigo da frente popular, que ameaça a ditadura fascista, contra a democracia em geral. Ao dirigirem o máximo dos seus ataques contra a frente popular já criada em França e em Espanha, exprimiam simultaneamente a sua inquietação e pavor perante o movimento da frente popular em vias de criação na própria Alemanha. O papa de Roma e os «santos» prelados dos diversos países trataram rapidamente de lançar epístolas e sermões, a fim de preservarem as suas ovelhas do «terrível perigo bolchevique» — a frente popular. A questão da frente popular continua a figurar nas páginas da imprensa dos países capitalistas e a prestar-se como tema das mais animadas discussões.

O inimigo de classe captou e compreendeu rapidamente o enorme perigo que representa para ele a frente popular — união de todas as forças antifascistas. Enquanto o proletariado não estiver unido, enquanto se encontrar isolado das outras camadas trabalhadoras das cidades e dos campos, enquanto não tiver estabelecido judiciosas relações mútuas e uma colaboração com as restantes forças democráticas do país, não será difícil a um punhado de magnatas financeiros e industriais, à burguesia fascista, como o prova o exemplo da Itália, da Alemanha e da Áustria, esmagar o movimento operário, obter êxito, separadamente, em diversas camadas do povo e aniquilar a democracia. Os fascistas conseguiriam aplicar o pérfido princípio já tão conhecido: «dividir para reinar».

Contudo, quando os destacamentos de proletários desunidos dão as mãos sobre a iniciativa dos comunistas com vista a uma luta comum contra o inimigo comum, quando a classe operária, lutando inteiramente unida, começa a agir em combinação com os camponeses, com a pequena burguesia e com todos os elementos democráticos, sobre a base do programa da frente popular, surgem então obstáculos insuperáveis que vêm entravar a ofensiva da burguesia fascista. Ergue-se então uma força capaz de opor uma resistência decisiva ao fascismo, de não lhe permitir o poder nos países de democracia burguesa e de derrubar a sua bárbara dominação, onde esta se tenha estabelecido.

A criação da frente popular marca, como o demonstram os exemplos dados pela França e pela Espanha, uma viragem na relação de forças do proletariado por um lado, e da burguesia fascista pelo outro, em proveito das massas de milhões de trabalhadores. A frente popular possibilita à pequena burguesia, aos camponeses, aos intelectuais democratas, não só resistir à dominação e à opressão da súcia do capital financeiro, como também de contra ele se erguerem na defesa dos seus interesses e dos seus direitos vitais, apoiando-se na colaboração de combate da classe operária à escala nacional e internacional. A frente popular mostra a saída desta situação, que se afigurava como um impasse para as camadas da pequena-burguesia, que se consideravam já de si votadas à dominação fascista. A frente popular auxilia a classe operária a evitar o isolamento político para o qual a burguesia cientemente a conduz; cria melhores condições para o desempenho do papel histórico do proletariado — colocar-se à frente da luta do seu povo contra o punhado de magnatas financeiros, de grandes capitalistas e proprietários rurais, tornar-se a vanguarda das revoluções democráticas inacabadas e de todos os movimentos para o progresso e a cultura. Desta forma, a luta de classes entre os explorados e os exploradores adquire uma base muito mais larga e um muito mais poderoso impulso.

Enquanto a desunião nas fileiras da classe operária e a ausência de unidade de acção entre ela e as restantes camadas trabalhadoras do povo aplanam o terreno ao fascismo para a sua conquista do poder, a unidade das fileiras dos prole-

tários, a criação da frente popular, asseguram a vitória da democracia sobre o fascismo, preservam o mundo dos promotores de guerra fascistas e abrem, enfim, o caminho para a vitória do trabalho sobre o capital.

Pode-se dificilmente imaginar uma maior incoerência política do que a oposição dos princípios da luta de classe à política da frente popular, como fazem alguns diligentes críticos «de esquerda» em relação às decisões do VII Congresso da Internacional Comunista. Observamos com frequência um fenómeno característico: uma série completa de socialistas de esquerda que, desiludidos com a política social-democrata de colaboração de classes com a burguesia, abandonam as posições do reformismo e inclinam-se para uma outra extremidade, tornando-se vítimas do sectarismo ou do desvio de esquerda. Confundindo a política da frente popular com a de colaboração de classes com a burguesia, declaram-se a favor da «pura política operária de classe», denunciam a luta comum da classe operária e das camadas democráticas da pequena burguesia, dos camponeses e dos intelectuais contra o fascismo, como uma renúncia às posições da luta de classes. Isto, longe de significar que a política da frente popular é idêntica à política da colaboração de classes com a burguesia, testemunha unicamente que é indispensável explicar pacientemente aos socialistas de esquerda sinceros o significado de classe da política da frente popular e de os ajudar a libertarem-se da miopia política que apenas aproveita ao fascismo e à reacção em forma geral.

II

Tal como se disse no VII Congresso da Internacional Comunista, a frente popular será criada nos diversos países de várias formas, em função das particularidades históricas, sociais e políticas e da situação concreta no respectivo país. A imitação sem discernimento e a transferência automática das formas e métodos da frente popular de um país para outro, apenas podem entravar a sua criação, a sua extensão e a sua consolidação.

Contudo, tal como demonstra a experiência, é absolutamente verídico que, para a maior parte dos países capitalistas:

Primeiramente — a criação da frente popular é possível no decurso de uma verdadeira e efectiva luta contra o fascismo;

Em segundo lugar — a frente popular será edificada tanto mais rapidamente e englobará as massas trabalhadoras tanto mais amplamente quanto mais resolutamente agir a própria classe operária em bloco, quanto mais as suas organizações e acima de tudo as uniões sindicais de massas, os Partidos comunistas e sociais-democratas, realizarem rapidamente a unidade de acção na luta contra o fascismo;

Em terceiro lugar — a frente popular estender-se-á e reforçar-se-á de acordo com a realização do seu programa de defesa da democracia e da paz contra o fascismo e os promotores de guerra fascistas;

Em quarto lugar — os êxitos da frente popular dependem inteiramente da coesão das suas fileiras, da preparação política e organizativa das massas e das organizações aderentes, que devem estar prontas por seu lado para repelir na altura própria cada golpe do fascismo, sem esperarem a sua ofensiva geral.

Nas condições do combate decisivo actual entre o povo espanhol e os arruaceiros fascistas, no momento em que o fascismo se ergue em todos os países capitalistas e sobretudo em França, na Checoslováquia e na Bélgica, é um dever supremo para a classe operária acelerar por todas as formas a edificação e consolidação da frente popular, estabelecendo a unidade de acção à escala nacional e internacional. O dever dos comunistas é de fazer tudo o imprescindível a fim de auxiliar a classe operária a desempenhar o seu papel histórico, tomando em linha de conta as condições específicas dos seus países.

Se formularmos brevemente as mais importantes missões imediatas fixadas pela actual conjuntura ao proletariado internacional, resumir-se-ão no seguinte:

Auxiliar com todas as nossas forças o povo espanhol a esmagar os arruaceiros fascistas;

Não admitir o descrédito e a derrota da frente popular em França;
Apressar sob todos os aspectos a criação de uma frente popular mundial de luta contra o fascismo e a guerra.

Todas estas tarefas encontram-se intimamente ligadas entre si. A mais urgente é contudo, no momento actual, a organização de um socorro internacional ao povo espanhol para a sua vitória sobre o fascismo.

O processo de desenvolvimento de todos os países capitalistas dependerá, num futuro próximo e sob variadíssimos aspectos, do resultado da luta do povo espanhol contra os opressores fascistas. O procedimento do fascismo em Espanha demonstrou, de uma vez para sempre, que este é não só o pior inimigo do proletariado, da União Soviética, como também o inimigo de toda a espécie de liberdade, de todo o país democrático, embora o seu regime económico e político não ultrapasse os quadros da sociedade burguesa.

O fascismo conduz à liquidação de todas as aquisições democráticas dos povos, ao reinado do obscurantismo, à destruição da cultura, semeia a discriminação racial e o ódio do homem, factores que conduzem ao desencadeamento de uma guerra de conquista. A quadrilha da Legião Estrangeira, os marroquinos seduzidos sob o comando dos generais fascistas e armados pelos dirigentes fascistas na Alemanha, em Itália ou em Portugal, bem como os corpos de exército enviados da Alemanha ou da Itália, causam agora em Espanha a morte e a destruição. Em frente dos muros de Madrid, na Catalunha, nas montanhas das Astúrias e em toda a Península, os combatentes do Exército republicano defendem contra os fomentadores de guerra fascistas, não só a liberdade e a independência da Espanha republicana, como também as conquistas democráticas de todos os povos e a causa da paz.

A especial importância de que se revestem os acontecimentos em Espanha consiste em demonstrarem a grande força da acção unida do proletariado, a força da frente popular de luta contra o fascismo. Actualmente, é absolutamente evidente para todos que se a unidade de acção não tivesse sido realizada em Espanha entre os operários comunistas, socialistas e anarquistas, e se se não tivesse criado uma vasta

frente de luta do povo espanhol, desde os comunistas até aos republicanos de esquerda, os generais fascistas teriam em breve instaurado a sua ditadura. Teriam procedido a um massacre de operários, de trabalhadores e de elementos democráticos no território espanhol. Teriam votado o seu país às orgias da reacção e da Inquisição da Idade Média, teriam transformado o seu país num objectivo de domínio incontrolado por parte dos fascistas alemães e italianos, ter-lhe-iam cedido os mais importantes pontos estratégicos do Mediterrâneo e teriam transformado a Espanha numa praça de armas para a realização dos seus planos militares de depredação.

Contudo, os arruaceiros fascistas e seus inspiradores de Berlim e de Roma depararam em Espanha com uma força que lhes barrou o caminho. Depararam com *a resistência armada da frente popular.* O povo espanhol demonstrou, pela sua heróica luta, como se deve defender a democracia contra o fascismo. Todos aqueles que não desejam a barbárie fascista no seu país, interessam-se pela vitória do povo espanhol. A sua vitória é a vitória de toda a democracia internacional, a vitória do progresso e da cultura sobre a reacção fascista, a vitória da frente de paz sobre os promotores de guerra fascistas. Consolidará a frente popular em França e desfechará um sério golpe no fascismo de todos os países.

A heróica luta do povo espanhol é um aviso — manifesto e convincente — para as tenebrosas forças dos países que fomentam golpes de Estado fascistas, demonstrando que já lá vai o tempo em que o fascismo podia explorar a desunião nas fileiras da classe operária e dos trabalhadores, em que podia colocar os povos perante o facto consumado, enganando as camadas politicamente menos evoluídas e apoderando-se do poder de Estado. Esta luta indica que é impossível, perante uma frente popular sólida e de acções internacionais solidárias da classe operária, impor a dominação fascista a um povo que esteja pronto a defender a sua liberdade e a sua independência. Desta forma, a causa da democracia e da paz na Europa, a causa de todos os que no país lutam contra o fascismo e a guerra, está indefectivelmente ligada à que defende a frente popular em Espanha, onde os militantes corajosos lutam de armas na mão, a fim de fazerem triunfar a revolução espanhola.

III

Ultimamente todos os factos e, acima de tudo, as lições dos acontecimentos de Espanha, testemunham que chegou a altura da democracia ser defendida contra a agressão fascista por todas as formas, incluindo a armada. É isto que devem ter presente os operários e trabalhadores, todos aqueles que se não querem transformar em presas do jugo fascista e de uma violência selvagem.

Isto não quer dizer que os adeptos da democracia e da paz sejam em geral entusiastas da luta armada; o facto é que o fascismo ateia a guerra civil contra o regime democrático no país, semeia a destruição e a morte, constrangendo o povo a defender a sua vida, a sua liberdade e a sua independência, com armas na mão.

É preciso compreender que se trata por agora não de um qualquer perigo longínquo por parte do fascismo, mas sim de que, tendo este estabelecido já uma ditadura terrorista em países tão grandes como a Alemanha e a Itália e tentando proceder do mesmo modo em Espanha, se prepara dia a dia para esmagar o movimento operário e destruir a democracia nos restantes países, desencadeando uma guerra imperialista mundial.

Não se deve pensar que a agressão cometida pelo fascismo contra o povo espanhol constitui um facto isolado, acidental. De forma alguma. Esta guerra é um elo da corrente de agressões do fascismo na arena internacional. Não se devem ter ilusões, pensando-se que a guerra travada pelo fascismo contra o povo espanhol é a última. O fascismo conspira contra a democracia em França, na Bélgica, na Checoslováquia, contra a democracia em Inglaterra, na Suíça, nos Países Escandinavos e em grande número de outros países. Os reaccionários fascistas, tanto no interior como no exterior, preparam febrilmente e por todo o lado insurreições e golpes de Estado fascistas, com o intuito de os realizarem no momento próprio. A fim de preparar a nova guerra imperialista, de se apoderar dos territórios estrangeiros e subjugar outros povos, de assegurar a dominação desenfreada dos elementos mais reaccionários do capital financeiro e de organizar uma «cruzada» contra a União Soviética, o fascismo necessita, como de ar e água,

de esmagar o movimento operário e destruir a democracia europeia.

Os adeptos da democracia não devem esquecer que o destino da democracia antifascista na Europa está indissoluvelmente ligado ao da classe operária, à criação da frente popular. A democracia perecerá inevitavelmente sob os golpes do fascismo em marcha, se não se apoiar na classe operária e nas grandes massas trabalhadoras, se não estiver pronta a defender-se por todas as formas contra o fascismo.

A política de retrocesso perante o fascismo, tanto à escala nacional como internacional, presta-se ao jogo do fascismo, votando os povos e a democracia à sua própria perda. Esta política é nociva tanto aos que cedem perante o fascismo no interior do país, como aos Estados que o deixam entrar na arena internacional.

Os dirigentes fascistas alemães entregam-se sistematicamente a uma política de chantagem para com os países de democracia burguesa, prestando-se os dirigentes actuais a esse jogo.

É preciso saber-se que o fascismo se torna tanto mais arrogante quanto maiores as concessões que lhe são feitas, sem se lhe opor qualquer resistência. Os fascistas agem por meio do seu método comprovado — a provocação. Na Alemanha, incendiaram o Reichstag, apregoando alto e bom som que se tratava de uma obra dos comunistas. Em Espanha, fomentaram uma sublevação contra o regime parlamentar, contra o governo republicano legítimo, clamando que a frente popular é a responsável pela guerra civil. Os fascistas ameaçam os liberais servis e os democratas amorfos, enquanto os vis comerciantes democratas tremem com medo de perder os seus benefícios e os políticos e dirigentes dos diversos Partidos liberais e democráticos, receando perder os seus macios lugares, bem como um grande número de pessoas das fileiras da Internacional Socialista e da de Amsterdão, se deixam influenciar por esta ameaça, procurando por todas as formas o caminho de uma conciliação com o fascismo. Esforçam-se por persuadir as massas que é possível prosseguir-se uma política «mediana», permitindo «saciar os lobos e salvar as ovelhas». Contudo, *os lobos fascistas não se saciam com concessões. Não poderemos contê-los com uma semelhante política. Esta, com efeito, não*

conduz senão à desmobilização das forças e da vontade das massas trabalhadoras.

Os acontecimentos de Espanha constituem neste aspecto um flagrante exemplo. É evidente para todos que os fascistas, e acima de tudo os fascistas alemães e italianos que incitaram os generais espanhóis à revolta, esperavam que o jovem poder republicano de Espanha não lhes iria opor uma grande resistência, pelo que não seria difícil submeter o país, apoderando-se dos seus recursos e das suas ilhas de importância estratégica. Tirando partido dos casos de impunidade das suas criminosas acções ocorridas num passado recente, os fascistas resolveram efectuar operações militares em Espanha. A introdução do serviço militar obrigatório na Alemanha, a militarização da Renânia, a conquista da Abissínia feita pela Itália e a conquista anteriormente efectuada pelo Japão de determinadas partes da China, tacitamente admitida pelos países de democracia burguesa e pela Sociedade das Nações, aguçaram o apetite dos fascistas insolentes e encorajaram-nos a uma nova agressão de banditismo. Os fascistas nunca teriam ousado desencadear uma guerra civil noutros países, para eles enviando armamento, aviões, tanques, frotas e finalmente, destacamentos armados, se tivessem sido seriamente postos à prova no passado. Ter-se-iam visto constrangidos a uma retirada se tivessem deparado, logo no início da sublevação fascista em Espanha, com a poderosa força do movimento operário internacional agindo em frente única, se se lhes tivesse sido oposta resistência pelos governos da democracia burguesa, ou se esses mesmos governos não tivessem, através da sua enganadora política de não-intervenção, apoiado o bloco contra a República espanhola.

Ouvimos argumentos semelhantes a pessoas que pretendem ser adeptas da democracia, dizendo que a criação da frente popular teria conduzido unicamente ao reforço da agressão fascista, ao aceleramento da acção armada do fascismo. Daí se deduz: se querem verdadeiramente evitar a bárbara dominação do fascismo, não criem uma frente popular, mas tentem pôr-se de acordo com Hitler e Mussolini, bem como com os hitlerianos e mussolinianos do vosso próprio país. Nada existe contudo de mais errado e nefasto para o proletariado e para todos os povos dos países de democracia burguesa, do que a

esperteza de semelhantes pretensos democratas. Resume-se à seguinte moral imbecil, absurda e podre: «Não irritem o monstro, se não quiserem que ele vos ataque.» Esta monstruosa moral é servida aos operários sociais-democratas precisamente após a cruel derrota dos trabalhadores na Alemanha e na Áustria! É do conhecimento geral que, na Alemanha e na Áustria, os dirigentes da social-democracia e das uniões sindicais recusaram de forma resoluta toda a acção comum com os comunistas, apresentando como justificação que a frente única com o Partido Comunista afastaria as camadas médias da classe operária, reforçaria as posições e a agressão do fascismo, tornaria mais rápida a sua ofensiva geral, levando à sua vitória e à ruína da democracia. As pesadas derrotas, seguidas pelas calamidades e os horrores que esmagaram o povo alemão e austríaco são precisamente o resultado desta política. Paralelamente, observamos que, em França, a frente popular travou o andamento ao fascismo e é justamente graças à frente popular que o povo espanhol defende heroicamente a sua liberdade a sua independência desde há mais de cinco meses. Neste duro recontro, as suas possibilidades de vitória serão tanto maiores quanto melhor a classe operária espanhola souber salvaguardar até ao final a firme unidade da frente popular, subordinar os diferendos de ordem histórica entre comunistas, socialistas e anarquistas ao supremo interesse do povo que é o de esmagar a sublevação fascista, opor uma feroz resistência às arriscadas tentativas de determinados sectários pouco perspicazes, sonhadores irreflectidos e provocadores trotskistas, que querem ultrapassar as etapas inevitáveis da revolução. Finalmente, o povo espanhol liquidará tanto mais rapidamente os arruaceiros fascistas, quanto mais rapidamente e resolutamente for ele próprio apoiado pelo proletariado internacional e por toda a humanidade progressista.

A analogia não constitui efectivamente uma prova; mas ilustra muitas vezes, e de forma bem precisa, uma determinada situação. Pode-se resolutamente afirmar que, na altura do processo de Leipzig, quando o gládio do feroz fascismo alemão estava suspenso sobre as cabeças dos comunistas, o fascismo alemão não teria aguentado uma semelhante derrota moral e política, as cabeças dos comunistas, injustamente acusadas, não teriam ficado incólumes e a noite de São Bar-

tolomeu, projectada pelos sanguinários fascistas contra os milhares de prisioneiros do fascismo nas prisões e campos de concentração, não teria sido evitada, se os antifascistas de todos os países e nós próprios perante o Tribunal, nos tivéssemos restringido a essa política demasiado «ajuizada»: «não irritar o monstro».

Não há dúvida que a política de «não irritar o monstro» é uma política que não convém. Esta política é, em todas as circunstâncias, nefasta para a classe operária, para a democracia e a paz. Pelo contrário, *o monstro fascista deve ser dominado. É preciso opor-se-lhe o punho possante e organizado da frente popular. É necessário pôr-se-lhe um açaimo de ferro para que não possa morder. É preciso agredi-lo e abatê-lo definitivamente, a fim de se salvaguardarem as conquistas democráticas dos povos e a própria paz.*

Naturalmente, isto não significa que nos devemos deixar influenciar pelas provocações dos fascistas que, ateando por todas as formas a guerra civil no país e a guerra imperialista para além das fronteiras, pretenderiam enganar as massas populares, convencendo-as que são justamente os Partidos da frente popular e os Estados que sustêm a paz os causadores da guerra civil e das complicações militares.

Na história política mais recente da Europa, temos dois instrutivos e importantes exemplos de uma atitude contra o fascismo que conduziu a resultados absolutamente contrários.

Se na Alemanha os dirigentes sociais-democratas recusavam a criação da acção única da classe operária, facilitando assim a subida dos fascistas ao poder, a França oferece-nos um exemplo bem contrário. Como consequência das lutas comuns do Partido Comunista e do Partido Socialista e graças à política de luta intransigente contra o perigo fascista, prosseguida pela frente popular, o proletariado francês conseguiu opor uma resistência decisiva ao fascismo, impedindo-o de estabelecer a sua dominação. É esta a maior vitória do proletariado e da democracia na Europa, depois da subida ao poder do fascismo na Alemanha. Os trabalhadores dos outros países capitalistas podem e devem instruir-se e inspirar-se no proletariado francês. Contudo, estes sucessos conseguidos em França são apenas os primeiros. Exigem uma consolidação e uma ofensiva ulterior contra o fascismo. Todas as tenta-

tivas feitas no sentido de desacreditar e desmantelar a frente popular deverão deparar com uma decisiva reacção por parte de todos os operários, de todos os antifascistas. A coesão das forças fascistas no país, a agressão fascista crescente nos países vizinhos, os acontecimentos de Espanha, férteis em lições, demonstram de forma eloquente ao proletariado e a todos os antifascistas que devem duplicar os seus esforços na luta contra o fascismo e forjar ainda mais sólida e firmemente a frente popular única.

Não existe qualquer razão para duvidar que esta linha venha a ser seguida com firmeza e perseverança, tratando-se da única linha justa na luta contra a crescente agressão fascista. Contudo, a conservação da frente popular em França não significa de forma alguma que a classe operária apoie incondicionalmente o actual governo. A composição do governo pode ser modificada, mas a frente popular deve permanecer e reafirmar-se incessantemente. Se o actual governo se manifestar, por qualquer razão, incapaz de prosseguir o programa da frente popular, se se decidir por ceder perante o inimigo do interior e do exterior, se a sua política conduzir ao descrédito da frente popular, enfraquecendo assim a resistência contra a pressão fascista, a classe operária esforçar-se-á então, embora não deixando de consolidar as ligações da frente popular, por substituir esse governo por um outro, capaz de travar o perigo fascista e de assegurar as liberdades democráticas do povo francês, bem como a sua defesa contra uma agressão fascista do exterior.

Paralelamente à conservação e consolidação da frente popular em França, o desenvolvimento da unidade de acção de todos os destacamentos da classe operária inglesa contra o fascismo e a guerra merece uma atenção muito especial. Como se sabe, a Inglaterra joga um papel considerável em toda a vida política internacional. A sua posição influencia toda uma série de países com regime de democracia burguesa e toda a situação internacional. A actual conjuntura apresenta de forma particularmente séria a questão do papel desempenhado pela classe operária em Inglaterra, à escala nacional e internacional. Este facto atribui-lhe excepcionais obrigações na luta contra o fascismo e pela salvaguarda da paz, bem como pela criação da unidade internacional do movimento operário.

A classe operária inglesa conquistou, antes dos trabalhadores dos outros países, liberdades democráticas. O regime democrático que soube impor confere-lhe a possibilidade de exercer sobre a política do seu país uma influência ainda maior do que a do proletariado numa série de outros países. Os operários ingleses dispõem de poderosos meios de luta pela democracia, pela preservação da paz, contra o fascismo e em especial contra os agressores fascistas em Espanha e os intervencionistas alemães, italianos e portugueses.

Não restam dúvidas que a classe operária inglesa, que herdou as gloriosas tradições do movimento cartista e no seio da qual foram criadas a Primeira Internacional de *Marx* e *Engels* e poderosas organizações sindicais unidas, encontrará suficiente força e vontade para superar todos os obstáculos na via da criação da frente popular única de luta contra o fascismo e a guerra, desempenhando dignamente as suas funções internacionais pela preservação da democracia, da cultura e da paz.

É à classe operária que pertence o papel decisivo da criação de uma frente popular poderosa. Pode e deve agrupar todos os trabalhadores, todas as forças da democracia, todos os antifascistas. No momento presente e num ambiente de furiosa agressão fascista dirigida, tal como o demonstra de forma absolutamente clara o congresso de Nuremberga dos fascistas alemães, *contra todo o tipo de democracia*, no momento em que tudo é necessário para salvar a República Democrática Espanhola, enquanto paira sobre o mundo o sinistro perigo de uma nova guerra imperialista mundial, *é não só inadmissível o desmembrarem-se as forças do proletariado, como é igualmente inadmissível e criminoso todo e qualquer atraso na criação da frente única.* Este atraso aproveita ao fascismo e pode ser o causador de novos e graves golpes desfechados no proletariado e na democracia.

A classe operária não deve tolerar uma semelhante situação, isto é, que há dirigentes da II Internacional Socialista que desejam por todas as formas aprofundar a cisão nas fileiras dos proletários, no próprio momento em que em Espanha os operários comunistas e socialistas combatem e morrem lado a lado na frente de batalha, defendendo contra a barbárie

fascista não só a liberdade e a democracia do povo espanhol, como também a democracia e cultura de toda a Europa.

Na altura em que os arruaceiros fascistas massacram em Espanha os operários socialistas e comunistas, que combatem lado a lado na frente de batalha, semeando a morte e a desolação por todo o país, os dirigentes da Internacional Socialista recusam obstinadamente organizar em conjunto com a Internacional Comunista socorros para o povo espanhol.

Existem em muitos países governos sociais-democratas ou governos de coligação, em que participam ministros sociais-democratas, dirigentes de Partidos socialistas e da Internacional Socialista. Mas esses governos, longe de se solidarizarem com o ponto de vista da União Soviética sobre a questão espanhola, respondendo unicamente aos interesses do povo espanhol e da salvaguarda da democracia e da paz, prosseguem através da sua conduta uma política hipócrita de não-intervenção e entravam efectivamente a obra da resistência eficaz contra os intervencionistas fascistas, assassinos do povo espanhol. A responsabilidade de uma semelhante política, tão nefasta sob o ponto de vista dos interesses do proletariado mundial, apenas pode recair sobre os dirigentes socialistas que a mantêm.

Negar-se-ia contudo a verdade histórica se não falássemos da responsabilidade que recai sobre todos os militantes e membros da Internacional Socialista e de Amsterdão. Os seus dirigentes falam e agem em seu nome, como seus mandatários. Desde que admitem uma tal política, *não se podem furtar à sua responsabilidade.* Devem estar conscientes do dever histórico que lhes cabe: fazer tudo ao seu alcance, conjuntamente com os comunistas, para travar o avanço do fascismo e salvaguardar a paz.

A própria frente única da classe operária nos principais países capitalistas, a acção unificada dos Partidos comunistas e socialistas, bem como a das uniões sindicais pertencentes às diversas correntes políticas e, à escala internacional, a acção conjunta das Internacionais comunista, socialista e de Amsterdão, adquirem uma excepcional importância na criação e extensão da frente popular de luta contra o fascismo e a guerra. Todos os obstáculos existentes no caminho que conduz a esta unidade de acção devem ser suprimidos o mais rapida-

mente possível. Para tal, é necessário que os Partidos comunistas, bem como todos os partidários da unidade proletária e da frente popular nas fileiras da Internacional Socialista e da Internacional de Amsterdão, procedam a um enorme trabalho, intenso e diário.

O VII Congresso da Internacional Comunista compenetrara-se já claramente de que a liquidação da cisão existente entre a classe operária não é tarefa fácil. Não se pode suprimir com um simples gesto ou com um simples desejo tudo o que os inimigos de classe e os seus agentes e lacaios acumularam durante várias décadas, com o fito de dividir as forças dos trabalhadores. Depois do Congresso, todas as experiências provaram, ainda com maior clareza, que a via que conduz à unidade de acção da classe operária numa escala nacional e internacional não é uma estrada direita, lisa e asfaltada. O caminho é por vezes árduo e sinuoso, cheio de espinhos e abrupto.

Os inimigos declarados e dissimulados da unidade não cessam de levantar diversos obstáculos e entraves. Cada etapa é conquistada à custa de grandes esforços e de um trabalho e uma luta obstinados. É preciso esclarecer e convencer pacientemente os extraviados. É preciso reanimar incessantemente a coragem dos hesitantes e dos incrédulos. É necessário desmascarar impiedosamente os sabotadores e os hipócritas. É preciso sustentar uma luta obstinada contra uma grande quantidade de sofistas manhosos, políticos subtis e demagogos tolos, que se esforçam por todas as formas em inculcar ao operário simples, inexperiente sob o ponto de vista político, que *dois e dois não são quatro mas sim três*, que a frente única popular da classe operária não acresce as suas forças, conduzindo, pretensamente, ao reforço da agressividade fascista. É ao mesmo tempo necessário não nos deixarmos seduzir pelas manobras provocatórias dos inimigos da unidade, mas sim estendermos uma mão fraterna, visando uma luta comum, a todas as organizações dos trabalhadores, mesmo nos casos em que tenham como dirigentes adversários notórios da unidade. Todo o comunista, todo o operário consciente não deverá esquecer, um só minuto sequer, que os adversários da unidade do proletariado internacional, os Citrines e todos os outros, tenham os nomes que tiverem, ficariam extremamente contentes se, em consequência das suas sabotagens e provocações, os comunistas renunciassem por sua própria iniciativa à luta pela unidade, à defesa constante da política da frente popular. Isto apenas facilitaria a tarefa cisionista desses dirigentes, protegendo-os momentaneamente do severo julgamento do povo e da história. Devemos saber prosseguir uma luta ideológica indelével contra o reformismo e as outras correntes antimarxistas nas fileiras do movimento operário e lutar, simultânea e incessantemente, pela criação da frente popular única, evitando cuidadosamente comprometer a acção durante a luta diária contra o fascismo e a guerra.

Vinte e dois anos antes, nas vésperas da guerra imperialista mundial, o grande *Lénine*, ao reunir as forças da classe operária com vista à luta próxima pelo socialismo, dizia, a respeito da enorme importância da unidade nas fileiras do proletariado:

«A unidade é efectivamente necessária aos operários. É preciso compreender, acima de tudo, que *ninguém* "dará", de fora, a unidade aos operários, senão eles próprios, *ninguém está* à altura de contribuir para a sua unidade. A unidade não pode ser "prometida"; seria uma inútil vanglória, um engano a si próprio; a unidade não pode "ser criada" por "acordo" de pequenos grupos de intelectuais — é esse o mais triste e ingénuo engano, prova da mais completa ignorância.

A unidade *deve ser conquistada*, e só os operários, os operários conscientes, por si próprios, é que se encontram à altura de a adquirir — através de um trabalho obstinado e constante.

Não há nada mais fácil do que escrever com grandes letras do tamanho de um metro a palavra "unidade", de a prometer, de se "proclamar" seu adepto. Mas, na realidade, não é possível reforçar a unidade a não ser através do trabalho e organização dos operários de vanguarda, de *todos* os operários conscientes.

... Não é fácil. Tudo isto requer trabalho, perseverança, coesão por parte de todos os operários conscientes. Contudo, sem este trabalho, torna-se mesmo inútil falar de unidade operária.» (*)

(*) V. I. Lénine, «Sobre a Unidade», *Obras*, t. 20, pp. 328-329.

Na época actual, estas notáveis palavras de *Lénine* constituem uma indicação particularmente preciosa para a classe operária de todos os países capitalistas.

★

Todo o processo de desenvolvimento dos acontecimentos ocorridos depois do VII Congresso da Internacional Comunista confirma sem qualquer contradição a necessidade vital da mais rápida realização destas palavras de ordem históricas para a unidade da classe operária e para a frente popular de luta contra o fascismo — o mais temível inimigo da humanidade. Ao apoiarem-se nas massas trabalhadoras, a Internacional Comunista e os Partidos comunistas dos diversos países não deixarão, um minuto sequer, de lutar com todas as suas forças pela realização desta unidade. Não se deixarão enrodilhar por qualquer tipo de provocação, que tenda a aprofundar a cisão entre a classe operária e a aniquilar a frente popular. Apesar da resistência dos sabotadores da Internacional Socialista e da Internacional de Amsterdão, o proletariado internacional realizará a sua unidade de combate.

Não mais palavras vãs nem desejos platónicos contra o fascismo e a guerra, mas sim actos. Para assim actuar é necessário reunir todas as forças da classe operária e aplicar com determinação a política da frente popular.

Novembro, 1936.

(Texto abreviado.)

A UNIDADE DO PROLETARIADO INTERNACIONAL — IMPERATIVO SUPREMO DO MOMENTO ACTUAL

I

Actualmente, a conjuntura internacional caracteriza-se, por um lado, pelos preparativos febris do fascismo, visando uma nova forma de repartição do mundo através de uma guerra de conquista e, por outro lado, pela realização da unidade do proletariado internacional e da união das forças dos trabalhadores, dos partidários da democracia e da paz, na luta contra o fascismo e a guerra.

Os agressores fascistas, quer de Oeste quer de Leste, esforçam-se febrilmente e de todas as formas por chegar a um acordo quanto às vias, meios e objectivos da sua agressão. Berlim, Roma e Tóquio estão mutuamente ligadas por diversos pactos e tratados militares. A intervenção de Hitler e de Mussolini em Espanha, a sua guerra contra o povo espanhol, bem como as operações de conquista na China executadas pela soldadesca japonesa, constituem de forma incontestável as etapas da preparação de uma grande guerra.

Esses instigadores da guerra, apesar das divergências de interesses que os opõem entre si, conjugam os esforços num vasto trabalho destrutivo a executar nos países não fascistas, partidários da manutenção da paz, apoiam por todos os meios os Partidos e agrupamentos reaccionários nesses mesmos países, organizam golpes de Estado dirigidos contra os governos e regimes que lhes não agradam e que se opõem aos seus planos, semeiam em todo o lado a anarquia contra-revolucionária. Esta ingerência criminosa encontra-se bem patente na

pérfida actividade de um De la Rocque e de um Doriot em França, de um Degrelle na Bélgica, de um Henlein na Checoslováquia, em todas as cabalas fascistas urdidas nos países escandinavos e balcânicos, na Hungria, na Polónia e nos países bálticos, na política dos elementos pró-nipónicos na China, bem como na actividade dos meios Hearst nos Estados Unidos.

Os agressores fascistas, possuidores de um interesse vital pelo maior enfraquecimento possível da capacidade de defesa dos povos perante a agressão fascista, pela desorganização do movimento operário e pelo abortar da constituição de uma frente popular, servem-se em todo o lado dos trotskistas como seus agentes, a fim de obterem os fins em vista. Colocaram sob a sua protecção a IV Internacional — esse bando de renegados e traidores da classe operária e de agentes de polícias secretas. O ódio dos fascistas é sobretudo canalizado para com a União Soviética, contra o grande país do socialismo, poderoso bastião da paz, da liberdade e do progresso de toda a humanidade, esse colossal obstáculo erguido sobre o caminho da agressão fascista.

Não restam dúvidas de que os governantes fascistas da Alemanha e de Itália, bem como a soldadesca fascista japonesa, teriam já ateado o incêndio de uma guerra mundial, se a paz não tivesse tido um tão poderoso defensor na União Soviética, se não tivéssemos presenciado, no seio do proletariado internacional, uma séria recrudescência da luta contra o fascismo e pela criação de uma frente popular única; se o povo espanhol não tivesse logrado repelir, com tanta bravura, os ataques do fascismo; se o proletariado francês não tivesse criado a frente popular antifascista e se o povo chinês se não tivesse encaminhado para o caminho da unificação de todas as suas forças na frente nacional contra os invasores japoneses.

Tudo isto apenas dificulta a realização dos pérfidos planos dos fascistas, promotores da guerra. Estão longe, contudo, de renunciar aos seus planos, não desistindo deles voluntariamente. Depois da derrota das tropas fascistas de Mussolini em Guadalajara, os intervencionistas estrangeiros lançam novas forças armadas contra o povo espanhol. Enquanto profere declarações pacifistas perante o líder trabalhista Lensbury, homem possuidor de uma ingenuidade infantil e atingido de

cegueira política, Hitler prepara-se febrilmente para desfechar um rude golpe na Checoslováquia, cuja neutralização como país independente é, segundo as concepções fascistas, necessárias à «pacificação da Europa». O fascismo alemão prepara-se para devorar a Áustria, fomenta golpes de Estado fascistas na Bélgica e em vários outros países. Por seu lado, a soldadesca nipónica esforça-se, por todos os meios ao seu alcance, para quebrar a oposição democrática no Japão, a fim de atacar mais encarniçadamente o povo chinês.

Sabemos, através de longa prática, que nenhuma iniciativa persuasiva é capaz de fazer parar os instigadores fascistas de guerra. Há apenas um só meio eficaz de os dominar — a luta comum e incessante das massas populares contra o fascismo, nos diversos países à escala mundial. Só a unidade de acção do proletariado internacional, reunindo todas as camadas trabalhadoras, todos os elementos progressistas e democráticos, todos os verdadeiros defensores da paz, poderá domar os fascistas insolentes e desenfreados e quebrar para sempre os seus celerados planos.

Todos os acontecimentos ocorridos nestes últimos tempos demonstram bem que onde o proletariado prossegue uma luta unânime e decidida contra o fascismo, onde as massas trabalhadoras se agrupam numa frente única antifascista, o fascismo não poderá escravizar a classe operária, subjugar um povo decidido a defender por todas as formas e com abnegação os seus direitos, a sua liberdade e a sua independência.

A luta do povo espanhol, que já desde há nove meses faz com valentia recuar a agressão armada do fascismo, os sucessos da frente popular em França, o movimento antijaponês que cresce sem cessar na China, saldaram-se já com resultados que confirmam de forma incontestável esta verdade, bem como toda a importância histórica da frente popular unificada pela luta contra o fascismo e a guerra. Os exemplos dos diversos países são actualmente convincentes para todos: o fascismo sofre derrotas onde quer que seja criada a frente popular, onde quer que as massas lhe oponham resistência e não observem a podre teoria «não irritem a fera fascista». Os sucessos da frente popular nos países não fascistas cortam o caminho ao fascismo e exercem uma forte influência sobre as massas populares nos países de ditadura fascista, minando

os seus alicerces. As primeiras sérias derrotas infligidas aos intervencionistas fascistas em Espanha e sobretudo em Guadalajara, desvendaram já a podridão existente no interior do país, as contradições e a instabilidade do regime fascista, e reforçaram os sentimentos antifascistas na Itália e Alemanha.

II

A história incumbe presentemente o proletariado internacional de uma grande missão: salvar a humanidade do fascismo, dos pavores de um novo massacre imperialista que ele prepara.

Ajudar o povo espanhol a libertar-se dos opressores e intervencionistas fascistas, auxiliar os povos alemão e italiano a quebrar as cadeias do regime fascista, apoiar o povo chinês na sua luta contra os conquistadores japoneses, ajudar as pequenas nações a defenderem a sua liberdade e independência, criar tanto a Oeste como a Leste um inexpugnável bastião que enfrente a agressão fascista, tal é, na etapa actual, a via segura do cumprimento da histórica missão do proletariado internacional. A execução desta missão é-lhe absolutamente possível, se estiver unido e organizado.

O destacamento de vanguarda do proletariado internacional — a classe operária da União Soviética — é uma força organizada pelo Estado. Encontra-se na dianteira de um poderoso Estado, que milita pela paz e liberdade de todos os povos. Depois de derrubar o governo dos grandes proprietários rurais e dos capitalistas e depois de estabelecer a ditadura do proletariado, a classe operária da U. R. S. S. fez triunfar, sob a direcção do grande Partido de Lénine, o socialismo em cerca de uma sexta parte do globo e pôs em execução os verdadeiros princípios da democracia, consagrados na nova Constituição da U. R. S. S.

Um outro heróico destacamento do proletariado internacional — a classe operária espanhola — luta nas posições de vanguarda contra o fascismo, reforçando cada vez mais as suas fileiras e as do povo espanhol, que reúne a frente popular antifascista. Na sua qualidade de força dirigente do povo armado, unido em redor do governo da frente popular, o proletariado espanhol defende não só a liberdade e independência do seu país, como também os interesses de todo o proletariado internacional, da causa comum da democracia e da paz.

A classe operária em França, que constrói a frente unida, agrupou os sindicatos numa Confederação do Trabalho unificada, englobando mais de cinco milhões de operários. A classe operária francesa criou a frente popular, que destrói todas as intrigas do fascismo francês. Os sucessos obtidos pela frente popular em França imprimem um grande impulso ao movimento das frentes populares nos restantes países.

Pela primeira vez na história da América, a classe operária dos Estados Unidos manifesta a sua independência como classe e une-se nos sindicatos de massas, lutando activamente nas primeiras fileiras das forças democráticas e progressistas do país, contra a reacção e o fascismo.

Em Inglaterra, a classe operária, que constitui a grande maioria da população, dispõe de poderosas organizações, representa em si mesma uma força considerável, cuja influência relativa no seio do movimento operário internacional é acrescida em virtude da situação particular da Inglaterra na política mundial. No caso de poder ser criada a unidade de acção e de luta de todas as forças trabalhistas e comunistas, o proletariado inglês encontrar-se-ia à altura não só de derrotar todo o tipo de reacção no seu país, como de desempenhar também um importante papel na luta internacional contra o fascismo e a guerra.

Mesmo sem falar detalhadamente de todos os outros países, poderíamos frisar, sem qualquer exagero, que o movimento pela unidade da classe operária aumenta, embora o ritmo não seja igual em todo o lado, e não só nos países ameaçados pela agessão dos países fascistas, como também naqueles onde a ditadura fascista espalha a sua destruição.

Hoje o que interessa é, embora continuando o reforço da unidade da classe operária à escala nacional, encontrar uma linguagem comum, uma plataforma comum que assegure ao proletariado a possibilidade de agir no âmbito de uma frente única à escala internacional e concentrar na altura própria as suas principais forças nos sectores da luta contra o fascismo que se revestem, em cada momento determinado, da maior importância.

O estabelecimento da unidade de acção do proletariado internacional contra o inimigo comum, o inimigo mortal de toda a humanidade — o fascismo — é *a tarefa essencial e mais urgente das organizações operárias de todo o mundo, o imperativo supremo do momento presente.*

Trata-se de uma tarefa grandiosa e árdua, que ultrapassa o âmbito das vulgares missões do movimento operário. Mas a solução dessa mesma tarefa virá a alterar completamente o seguimento dos acontecimentos políticos, conferindo-lhes uma nova orientação, favorável aos interesses dos trabalhadores; transformará a classe operária e as suas organizações numa força decisiva, que exercerá uma influência fundamental não só nos destinos do seu próprio povo, como nos destinos de toda a humanidade.

Qual é a primeira coisa a fazer para a realização desta tarefa de tão grande alcance histórico?

Em primeiro lugar, torna-se indispensável que todas as organizações operárias compreendam a necessidade de se concentrar a luta contra o *inimigo principal,* contra a facção de choque do mais reaccionário sector da grande burguesia — o *fascismo.* É indispensável que no momento da determinação da sua política todas as organizações procedam *na defesa dos interesses da sua própria classe,* e não em proveito dos interesses da burguesia. Partindo da defesa dos seus próprios interesses, a classe operária e suas organizações defenderão simultaneamente os interesses de todos os explorados, de todo o povo. É indispensável acabar-se com a política de conciliação dos interesses dos explorados e dos exploradores. Não se pode estar simultaneamente do lado dos magnatas financeiros e do lado dos trabalhadores. Não se pode servir ao mesmo tempo, como se diz, Deus e o Diabo. Não se pode caminhar junto com os generais rebeldes e com o povo espanhol. Não se pode desejar a vitória do povo espanhol e procurar compromisso com o general Franco. Não se pode simpatizar em palavras com a República espanhola e negar-lhe, na prática todos os meios de defesa, por complacência para com os conservadores ingleses. Não nos podemos declarar prontos a lutar contra o fascismo e simultaneamente incitarmos contra os comunistas, os mais consequentes combatentes contra os opressores fascistas.

Em segundo lugar, torna-se indispensável *amordaçar os inimigos da frente única* que se encontram nas fileiras do movimento operário. As massas operárias aspiram à unidade de acção. Contudo, uma atitude não-crítica para com as «sumidades», uma ligação mal compreendida às suas organizações, impedem muitas vezes os trabalhadores de se declararem contra os dirigentes que, através de manobras desonestas, se opõem à criação de uma frente única. Isto porque os dirigentes não se querem submeter à vontade suprema da classe operária, preferindo servir a burguesia, colocando, como autênticos oportunistas, os seus próprios interesses acima dos interesses da classe operária, em vez de buscarem em si próprios coragem suficiente, utilizando as vias e meios para realizar a sua vontade de unidade, apesar de todos os obstáculos.

Em terceiro lugar, é indispensável opor *uma resoluta resistência a todos os que prosseguem uma campanha de calúnias contra a U. R. S. S.* A luta contra a U. R. S. S. é a luta contra o socialismo, o grande objectivo da classe operária, inscrito no programa da grande maioria das organizações operárias de todo o mundo. A luta contra a U. R. S. S. é a luta contra a maior vitória da classe operária na história da humanidade, vitória essa que decuplica as forças de conjunto do proletariado internacional, dos trabalhadores. A luta contra a U. R. S. S. é a parte essencial do pérfido plano dos fascistas, visando a divisão das forças do proletariado internacional, a fim de mais facilmente as poderem vencer, uma após outra — esmagando o movimento operário, escravizando a classe operária e todos os trabalhadores dos países capitalistas sob o jugo da ditadura fascista. Não se pode ser simultaneamente inimigo do fascismo e combater-se a U. R. S. S., esse lugar-avançado do movimento antifascista internacional. Não se pode ser socialista ou até democrata honesto, sem se estar decidida e inteiramente do lado da União Soviética — o grande país do socialismo e da autêntica democracia popular. Efectivamente, a atitude para com a União Soviética é para todo o militante do movimento operário e para todas as organizações de trabalhadores a *pedra de toque* de dedicação aos interesses da classe operária, da fidelidade para com o socialismo.

Em quarto lugar, é indispensável, ao prosseguir-se a luta contra o fascismo, combater-se de forma implacável os *agen-*

tes trotskistas, que constituem um bando de espiões, de sabotadores, de terroristas, de provocadores ao serviço do fascismo alemão e do militarismo nipónico. Os monstros trotskistas dirigem, debaixo das ordens dos serviços de informação fascistas, a sua actividade destrutiva contra a pátria do socialismo, tudo fazem para aprofundar a cisão e não permitirem a união do movimento operário nos outros países, esforçam-se por desagregar interiormente o movimento da frente popular. Actuam em todo o lado como inimigos declarados do movimento operário, como desorganizadores da luta das massas populares contra o fascismo. A unidade do proletariado internacional contra o fascismo e a guerra é impensável e impossível sem a luta contra os agentes trotskisttas do fascismo.

São estas as *condições mais elementares* para a realização da unidade de acção do proletariado internacional contra o fascismo e a guerra. São precisamente as actuações dos dirigentes que determinam, em última instância, a política da II Internacional e da Internacional de Amsterdão, que se opõem à realização dessas condições elementares. Não só rejeitam sistematicamente todas as propostas dos Partidos comunistas e da Internacional Comunista tendentes à organização de acções comuns pela defesa do povo espanhol, como se dedicam também a abafar todas as iniciativas provenientes de organizações da II Internacional que agem de acordo com os comunistas contra o fascismo, contra os intervencionistas alemães e italianos em Espanha.

Na Conferência da II Internacional e da Internacional de Amsterdão, realizada em Londres, os delegados do Partido Socialista e da Confederação Geral do Trabalho espanhola tentaram em vão perfurar a barreira de indiferença perante a heróica luta do povo espanhol. Foi em vão que apelaram para a II Internacional e para a Internacional de Amsterdão no sentido de apoiarem, por meio de acções conjuntas de todas as organizações da classe operária, a luta da Espanha republicana. Os delegados da Espanha deixaram a Conferência profundamente desiludidos. As duas Internacionais não saíram, nas suas decisões, do âmbito das declarações e decisões aceitáveis pelos conservadores ingleses.

Os inimigos da unidade da classe operária, os dirigentes reaccionários dessas internacionais, sabotam o auxílio decisivo

dado ao povo espanhol, sob todos os aspectos, indo até mais longe. Tomam todas as medidas possíveis visando a cisão da frente popular em Espanha, urdindo intrigas, semeando a desconfiança, incitando os dirigentes socialistas contra o Partido Comunista, enfraquecendo não só o bastião da frente popular, como a capacidade defensiva da República Espanhola. Além disso, e precisamente no momento em que o exemplo do proletariado francês, que realizou a unidade de acção e resistiu ao fascismo graças à frente popular, entusiasma os operários de todos os países, os dirigentes reaccionários urdem intrigas, com o fito de semearem a desconfiança entre o Partido Socialista e o Partido Comunista em França e minarem a frente popular, preparando as condições propícias para a formação de um governo de coligação entre a burguesia e os elementos de direita do Partido Socialista, erguido contra os comunistas e o movimento da frente popular. Sacrificam desta forma os interesses da classe operária aos das camadas mais reaccionárias da burguesia. Para esses dirigentes, o principal inimigo não é o fascismo, mas sim o comunismo. O principal adversário para Citrine, Bevan, Adler, não é Franco, mas sim a heroína do povo espanhol Dolores Ibarruri, não é La Rocque e Hitler, mas Thorez e Thaelmann.

III

Seria ingénuo acreditar-se que a unidade de acção do proletariado poderia ser realizada por meio da persuasão, da exortação ou do exorcismo dos dirigentes reaccionários. A unidade do proletariado internacional apenas pode obter-se através de uma luta obstinada de todos os seus partidários contra os inimigos declarados ou camuflados dessa unidade.

Elevam-se por vezes nas fileiras dos socialistas determinadas vozes que afirmam que os comunistas dificultam, através da sua crítica aberta e intransigente da conduta dos dirigentes da II Internacional e da Internacional de Amsterdão, a criação de uma frente única. Poder-se-ia no entanto chegar à criação de uma frente única sem uma crítica obstinada de todos aqueles que se esforçam, por todas as formas, em a fazer abortar? Como poderíamos denominar-nos militantes

do movimento operário se não disséssemos abertamente toda a verdade sobre uma questão de tão grande importância para a classe operária?

Aquele que cala ou dissimula as perniciosas actividades dos dirigentes reaccionários nas fileiras do movimento operário em nada contribui para a causa da classe operária. Aquele que, sob o falacioso pretexto de servir os interesses da frente única do proletariado, abandona a luta contra os inimigos dessa unidade e se recusa a criticar o reformismo, que submete o movimento operário aos interesses da burguesia, presta um péssimo serviço à classe operária.

O VII Congresso da Internacional Comunista, ao proclamar a linha política da frente popular proletária única, na sua resolução «A ascensão do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária e contra o fascismo», afirma:

«A acção comum com os Partidos e as organizações sociais-democratas em vez de excluir, implica e torna, pelo contrário, *ainda mais necessária* a crítica profunda e argumentada do reformismo, da social-democracia, na sua qualidade de ideologia e prática de colaboração de classe com a burguesia, bem como a paciente explicação aos operários sociais-democratas dos princípios e do programa do comunismo.» (*)

Todo aquele que não siga esta directiva do VII Congresso será um mau militante da unidade da classe operária e da frente popular contra o fascismo e a guerra. Aquele que julga que a luta pela frente popular nos dispensa da necessidade de lutar pelos princípios de base e interesses fundamentais do movimento operário, contra as teorias e as concepções hostis à classe operária, comete um grave erro. A causa da frente única não seria de forma alguma prejudicada com uma luta desse tipo, tendo, pelo contrário, muito a ganhar. Além disso, essa luta constitui uma condição indispensável para a efectiva extensão e fortalecimento da frente única contra o fascismo e a guerra.

Não deveremos esquecer que é lutando obstinada e consequentemente pela criação da frente popular única, que os comunistas desenvolvem uma política de princípio e não a política de um bloco sem princípios.

(*) Resoluções do VII Congresso Mundial da Internacional Comunista, p. 16, 1935 (em russo).

Quando lutamos resolutamente pela defesa dos direitos e liberdades democráticas, contra a reacção e o fascismo, fazemo-lo como verdadeiros marxistas, como revolucionários proletários consequentes, e não como democratas ou reformistas burgueses. Quando defendemos os interesses nacionais do nosso povo, da sua independência e da sua liberdade, não agimos como nacionalistas ou patriotas burgueses, mas como revolucionários proletários, fiéis ao nosso povo. Quando defendemos a liberdade de culto, contra as perseguições fascistas dirigidas contra os crentes, não retratamos de forma alguma as nossas concepções marxistas, isentas de qualquer preconceito religioso.

Quando os comunistas adoptam a política da frente popular contra o fascismo e a guerra, empenham-se no caminho da acção conjunta com os outros Partidos e organizações dos trabalhadores contra o inimigo comum, lutando pelos seus direitos democráticos e os seus interesses essenciais, pela paz e liberdade, mantêm sempre em mente a necessidade histórica de derrubar pela via revolucionária o capitalismo, cujo fim se encontra à vista, e edificar o socialismo, portador da libertação da classe operária e de toda a humanidade.

Saibamos conjugar harmonicamente a política da frente popular com a propaganda do marxismo, o realce do nível teórico dos quadros do movimento operário com a assimilação do grande ensinamento de Marx-Engels-Lénine como princípio orientador. Devemos compenetrar-nos de dia para dia desse facto, educando neste sentido os nossos quadros e as massas populares. Não devemos permitir que «as árvores nos impeçam de ver a floresta». Não devemos permitir que a prática se separe da teoria, nem que haja uma ruptura entre a execução das missões concretas actuais e as perspectivas e fins da luta da classe operária. É preciso não esquecer que, quanto maior amplitude o movimento da frente popular tomar e mais complexos se tornarem os problemas tácticos inerentes a esse movimento, mais necessária será uma análise verdadeiramente marxista da situação e da relação das forças em presença, e mais necessário nos será ter sempre presente a bússola infalível da teoria marxista-leninista.

★

O proletariado é o combatente mais consequente pela criação e reforço da frente popular unida contra o fascismo, à escala nacional e internacional. Sem ele, seria impossível supor a frente popular. O proletariado constitui a força motriz de todo o movimento popular antifascista, de todo o movimento de massas pela democracia e a paz. Luta em conjunto com a pequena burguesia democrática, o campesinato e os intelectuais, contra o seu inimigo comum. No entanto, o proletariado deve contar acima de tudo com as suas próprias forças, com a unidade nas fileiras do movimento operário em cada país e com a unidade do movimento operário internacional. Quanto mais estreitamente unido e organizado estiver o proletariado, melhor poderá defender os seus próprios interesses de classe e assumir a sua função dirigente nas fileiras da frente popular única.

Daqui resulta que a primordial tarefa dos comunistas e de todos os operários conscientes é de se não pouparem a esforços, de não desistirem perante nenhuma dificuldade, de utilizarem todas as possibilidades — mesmo as mais ínfimas —, a fim de fazerem progredir a causa da unidade de acção da classe operária à escala nacional e internacional. Devem prosseguir esta tarefa até à realização de uma absoluta unidade do movimento sindical e à criação de um Partido único de massas do proletariado. Devemos frisar claramente que a unidade do proletariado será tanto mais depressa realizada e os sucessos obtidos na via da criação e reforço da frente popular única serão tanto maiores, quanto mais fortes sob o ponto de vista de número, organização, ideologia, forem os Partidos comunistas e quanto maior confiança e apoio gozarem junto dos melhores e mais progressistas elementos da classe operária e das massas populares. Isto, porque os comunistas são os mais resolutos e consequentes combatentes pela realização da unidade da classe operária. Já quando da própria criação do movimento comunista internacional Marx e Engels diziam no *Manifesto Comunista,* determinando o papel histórico dos comunistas no seio do proletariado internacional:

«Não possuem quaisquer interesses que os separem do conjunto do proletariado...

«Os comunistas são pois, na prática, a mais determinada fracção dos operários de todos os países, a fracção que arrasta todos os outros; teoricamente, possuem sobre o restante proletariado a vantagem de um conhecimento claro das condições, do andamento e das finalidades gerais do movimento proletário.»

Filhos fiéis da sua classe, defensores dos interesses do seu povo, libertos de toda e qualquer ligação e dependência com a burguesia, internacionalistas consequentes até ao fim, os comunistas podem, melhor do que ninguém, desempenhar o papel de *traço de união* no seio do próprio proletariado, bem como em todos os Partidos, organizações e grupos antifascistas de trabalhadores, na pequena burguesia democrática, nos camponeses e intelectuais, pela luta contra o fascismo e a guerra.

Para triunfar na luta pela unidade da classe operária, para se obter uma frente popular única, é portanto necessário trabalhar-se sem descanso no estreitamento e reforço das fileiras dos Partidos comunistas e de toda a Internacionl Comunista. Esta tarefa é ditada não só pelos interesses vitais do proletariado, como também pelos de toda a humanidade trabalhadora e progressista.

Primeiro de Maio de 1937.

O FASCISMO É A GUERRA

Há dois anos atrás, em Agosto de 1935, o VII Congresso da Internacional Comunista, ao analisar a situação internacional e procurando as vias e os meios de luta da classe operária contra a ofensiva do fascismo, demonstrou a indissolúvel ligação entre a luta contra o fascismo e a luta pela paz. *O fascismo é a guerra,* declarou o Congresso. Ao aceder ao poder, contra a vontade e os interesses do povo, o fascismo procura uma solução para as suas dificuldades internas crescentes na agressão contra outros países e outros povos, numa nova divisão do mundo através do desencadeamento de uma guerra mundial. A paz é a perda evidente para o fascismo. A manutenção da paz internacional permite às massas oprimidas dos países fascistas reunirem as suas forças e prepararem-se para derrubar a abominável ditadura fascista, deixando ao proletariado internacional a possibilidade de ganhar tempo para realizar a unidade de acção nas suas fileiras, reunir os partidários da paz e levantar uma barreira intransponível aos fomentadores de guerra.

Quando o VII Congresso caracterizou o fascismo como um fomentador de guerra, demonstrando o crescente perigo de uma nova guerra imperialista e a consequente necessidade de se criar uma poderosa frente única de luta contra o fascismo, houve um certo número de pessoas, mesmo no seio do movimento operário, que não hesitaram em nos acusar a nós, comunistas, de atribuirmos premeditadamente este papel ao fascismo, com intenções de pura propaganda e a fim de aumentar o perigo de guerra. Uns agiam conscientemente,

no interesse da classe dominante, outros devido à sua miopia política. Entretanto, estes últimos anos demonstraram suficientemente todo o absurdo de uma semelhante acusação. Os partidários e os inimigos da paz falam abertamente do perigo iminente de uma nova guerra mundial. Torna-se também difícil neste momento encontrar quem duvide que os governos fascistas são precisamente os instigadores da guerra. De facto, em certos países, existe a guerra. Há já um ano que os intervencionistas italianos e alemães desencadeiam a guerra contra o povo espanhol e isto perante o mundo inteiro. Os exército fascistas japoneses, após a conquista da Manchúria, voltam-se agora novamente contra o povo chinês, conduzindo uma nova guerra na China do Norte.

A Manchúria, a Abissínia, a Espanha, a China do Norte, são as etapas que conduzem a uma nova grande guerra de rapina por parte do fascismo. Não se trata de acções isoladas; estamos perante um bloco de agressores fascistas e de fomentadores de guerra: Berlim-Roma-Tóquio. O acordo «antikomintern» germano-japonês, de carácter militar, a que aderiu igualmente Mussolini, está já posto em prática. É sob o estandarte da luta contra a Internacional Comunista, contra o «perigo vermelho», que ladrões alemães, italianos e japoneses se esforçam, através de guerras parciais, por se apoderarem de posições estratégicas militares, dos centros de comunicações terrestres e marítimos e das fontes de matérias-primas para a indústria de guerra, a fim de continuarem a fomentar a guerra imperialista.

Não nos iludamos aguardando a declaração *formal* de guerra, a fim de acreditarmos que ela existe. O camarada Estáline disse já no decurso da sua conversa de Março de 1936 com Roy Howard, o seguinte: «A guerra pode estalar inesperadamente. Hoje em dia não se declaram guerras, desencadeiam-se.»

Os acontecimentos dos últimos anos demonstram bem claramente esta situação. O Japão, sem declarar oficialmente guerra, desencadeou operações militares contra a China e apoderou-se da Manchúria. A Itália ergueu-se contra o povo abissínio, apoderando-se da Abissínia. A Alemanha e a Itália lutam contra a República Espanhola.

Sabe-se que os povos não desejam a guerra e que vários

países não fascistas, na actual conjuntura, estão interessados na manutenção da paz. Em que confiam os fomentadores de guerra fascistas? A experiência obtida após a campanha de conquista do militarismo japonês na Manchúria e do fascismo italiano na Abissínia demonstra, sem qualquer ambiguidade, que o bloco de rapina dos governantes da Alemanha, do Japão e da Itália visa, para realizar os seus planos de guerra, o seguinte:

Primeiramente, opor-se à *unidade de acção* dos países interessados na manutenção da paz;

Em segundo lugar, não permitir a *unidade de acção* do movimento operário internacional, a criação de uma poderosa frente única mundial contra o fascismo e a guerra;

Em terceiro lugar, desenvolver uma actividade *de destruição,* de diversão e de espionagem na União Soviética, o *mais importante apoio da paz.*

É nestes três pontos que se apoiavam principalmente os intuitos dos fascistas.

Os agressores e fomentadores de guerra fascistas agem rápida e conjuntamente nestes três sentidos. Exploram os países de Ocidente ao ameaçarem os seus interesses territoriais. Preparam uma agressão contra a U. R. S. S. Aproveitam-se sobremaneira do espírito de concessão dos meios governamentais da Inglaterra, de França, dos Estados Unidos da América. Procuram ganhar a simpatia dos conservadores e de determinados chefes liberais e do Partido Trabalhista Inglês, propondo-lhes um entendimento para a pilhagem dos pequenos países, como a Espanha e a China, com o intuito de separarem a Inglaterra da França e dos restantes países democráticos.

Desenvolvem esforços inauditos a fim de se porem de acordo, através de aliciantes ofertas deste tipo, com os reaccionários franceses, para que a França renuncie ao Pacto franco-soviético, isolando-a assim da União Soviética. Os países fascistas deixaram a Sociedade das Nações, a fim de possuírem toda a liberdade de acção na organização do ataque. Aterrorizam os países fracos, ameaçando-os de agressão exterior e organizando neles conspirações e revoltas. Os fomentadores de guerra fascistas utilizam os elementos traidores e sobretudo os trotskistas, a fim de efectuarem um trabalho

de minagem e de desorganização nas fileiras do movimento operário e fazerem abortar a frente popular em Espanha e em França. O recente «putsch» de Barcelona é bem demonstrativo da forma como os sátrapas fascistas utilizam as organizações trotskistas para atingirem a frente popuplar. Os fomentadores de guerra fascistas utilizam de igual modo a actividade dos inimigos da unidade do proletariado nas fileiras da II Internacional e da União Internacional dos Sindicatos, recrutando assiduamente e um pouco por todo o lado os seus agentes.

Já por inúmeras vezes a União Soviética conseguiu, através da sua política de paz, consequente e determinada, fazer abortar os planos de guerra dos agressores fascistas. Pode-se afirmar, sem se cair em exagero, que a humanidade teria sido lançada desde há já muito tempo numa guerra, a mais horrorosa de toda a história, se a União Soviética não tivesse conduzindo com perseverança e sem rodeios uma política de paz e se não tivesse existido o seu glorioso Exército Vermelho.

Não há dúvida que os agressores fascistas encontram pela frente a firme resistência da União Soviética, que age não só no interesse do povo soviético, como também no de toda a humanidade trabalhadora; o mesmo se não pode dizer das democracias burguesas. Observa-se neste plano a assistência directa ou indirecta prestada ao bloco fascista pelos meios governamentais dos maiores Estados ocidentais não fascistas — e a ilustrá-lo claramente temos o exemplo da Espanha e da China.

O facto de se ter permitido aos militaristas japoneses conquistar a Manchúria não representará por si só uma ajuda prestada aos fomentadores de guerra fascistas? A carência de uma obstinada resistência à sangrenta campanha de Mussolini contra o povo abissínio não será um encorajamento ao agressor fascista? A não-intervenção em Espanha, essa farsa que vem a ser representada há já desde um ano, sob a direcção do governo inglês, e as conversações em curso destinadas a reconhecer Franco como «parte beligerante», não serão um encorájamento à guerra feita pelos países fascistas contra a República Espanhola? A indulgência para com aqueles que pilham insolentemente o Norte da China não será o

mais revoltante dos encorajamentos feitos ao militarismo nipónico desenfreado, que pretende submeter à escravidão o grande povo chinês? Como poderão os povos de Inglaterra, de França, dos Estados Unidos da América, bem como os das outras democracias, admitir tranquilamente estes acontecimentos? Como poderão tolerar essas sistemáticas concessões e esses encorajamentos feitos à agressão fascista, que favorecem a infame acção dos fomentadores fascistas de uma nova guerra mundial?

A tremenda responsabilidade histórica que recai sobre determinados meios e militantes da Internacional Operária Socialista e sobre a Internacional de Amsterdão, que se opõem à realização da unidade de acção do proletariado internacional, à execução de uma política única e coordenada por parte dos seus organizadores, contra os fomentadores de guerra fascistas, e à criação de uma poderosa frente internacional de paz, está bem patente nestes vários aspectos.

Quando o militarismo nipónico conquistou a Manchúria, alguns homens que se faziam passar por militantes do movimento operário tentaram persuadir os operários das suas organizações que a *Manchúria estava bem distante* e que a invasão japonesa não feria os interesses do movimento operário internacional. Quando as hordas fascistas de Mussolini dizimavam o povo abissínio, esses mesmos militantes afirmavam que os acontecimentos da Abissínia não passavam de um conflito colonial local e que o proletariado internacional nada tinha a ver com isso. Quando mais tarde os agressores fascistas, cada vez mais insolentes, atacaram a República Espanhola e desencadearam a guerra na própria Europa, os dirigentes da II Internacional consentiram, após longos meses de penosas hesitações, numa conferência comum com a delegação da Internacional Comunista em Annemasse e isto, não para estabelecer na prática a unidade de acção das organizações operárias internacionais, mas apenas para reconhecer o justo fundamento das acções comuns, «onde quer que isso seja possível».

Desde então, a intervenção fascista em Espanha reforçou-se consideravelmente. Veio juntar-se-lhe a nova agressão do militarismo nipónico no Norte da China que, de acordo com os planos do Japão, se deverá tornar numa segunda

Manchúria e numa base para o prosseguimento das suas conquistas da China.

Não será evidente que, na altura em que o povo espanhol mobiliza todas as suas forças para fazer recuar o agressor fascista e em que o povo chinês se ergue contra a agressão do militarismo nipónico, as organizações operárias internacionais devem enfim reunir todos os seus esforços e erguerem-se de forma decidida e por todos os meios, pela defesa da paz internacional?

A actual situação é de tal forma grave, que se torna necessário, para se manter a paz internacional, infligir primeiro que tudo uma derrota aos invasores fascistas em Espanha e na China. Deverão receber uma forte lição e sentir que o proletariado internacional, e com ele toda a humanidade progressista e civilizada, não tolerará as suas agressões militares e as suas acções de conquista, e que está disposto a tudo fazer para não permitir a realização dos seus infames planos que visam o desencadeamento de uma guerra mundial.

A Internacional Operária Socialista e a União Internacional dos Sindicatos contentar-se-ão hoje ainda com declarações verbais gerais e sortilégios a favor da paz, evitando na prática as acções comuns, tão necessárias no actual momento, de todas as organizações do movimento operário internacional? As acções comuns das organizações operárias internacionais em cada país e no plano internacional são contudo as únicas que poderão mobilizar as forças da humanidade progressista para a luta contra a guerra, barrando o caminho aos fomentadores de guerra e influindo sobre a política oficial dos maiores países não fascistas, a fim de chamarem à razão os desenfreados agressores fascistas.

Não é possível uma luta séria pela manutenção da paz internacional, se não se empreenderem primeiramente todas as medidas necessárias para a criação de uma frente única da classe operária em cada país e a unidade de acção das organizações operárias internacionais. Não pode haver uma luta séria pela paz se não se mobilizarem todas as forças do movimento operário e das massas populares, a fim de se expulsarem, o mais rapidamente possível, da Espanha e da China, os ladrões fascistas.

A proporção entre as forças da guerra e as forças da paz em 1937, não é a mesma que em 1914. Aconteceram, desde então, mudanças históricas sobre o plano mundial. Os imperialistas tinham conseguido arrastar para a conflagração mundial milhões de homens, na altura em que o poderoso país proletário e o seu Exército Vermelho nem sequer existiam, em que não havia frente popular em França e Espanha, em que o povo chinês não se encontrava à altura de defender a sua independência nacional, em que as massas populares ainda não tinham experimentado a guerra imperialista e a grande revolução proletária, em que a classe operária internacional não possuía uma organização mundial como a Internacional Comunista.

O movimento operário internacional dispõe de forças e de meios plenamente suficientes para acabar com a intervenção do fascismo alemão e italiano em Espanha, com a invasão do militarismo japonês na China e para assegurar a paz internacional. *Para tal, é necessário unirem-se as imensas forças e os meios do movimento operário internacional e dirigi-los para a luta firme e eficaz contra o fascismo e a guerra.*

18 de Julho de 1937.
(Texto abreviado.)

A PÁTRIA DO SOCIALISMO E A LUTA DO PROLETARIADO INTERNACIONAL

I

É celebrado este ano, pela classe operária de todo o mundo, o cinquentenário do Primeiro de Maio — Festa da Solidariedade Internacional.

O Primeiro de Maio tornou-se em 1889 no Dia da solidariedade fraterna dos operários de todos os países, o dia do balanço do combate das forças proletárias, o dia da luta do trabalho contra o capital.

Pequenos destacamentos da classe operária festejavam esse dia em diversos países. As celebrações proletárias do Primeiro de Maio aumentavam em número e alastravam de ano para ano. Os operários faziam greves, saíam à rua, organizavam poderosas manifestações, consolidavam de ano para ano os laços da sua solidariedade internacional.

Mais tarde, contudo, os *revolucionários marxistas e os reformistas* celebrariam já de forma diferente o dia Primeiro de Maio. O Partido dos bolcheviques, o grande Partido de Lénine, festejava sempre o Primeiro de Maio como um dia da luta revolucionária. Lutava pelas necessidades diárias da classe operária e preparava-se simultaneamente para os futuros combates revolucionários contra a autocracia e o capitalismo. No apelo lançado por altura do Primeiro de Maio de 1912, o Partidos dos bolcheviques proclamava de uma extremidade à outra da Rússia, então oprimida pelo jugo do czarismo:

«Deveremos dizer hoje... que juramos lutar pelo derrube da monarquia, que saudamos a revolução russa já próxima, libertadora da Rússia!...
Abaixo o capitalismo!
Viva o socialismo!»

Nada podia impedir os bolcheviques de celebrarem o Primeiro de Maio de uma forma revolucionária: nem as perseguições da polícia czarista, nem a pressão económica dos capitalistas, nem a feroz resistência dos mencheviques que se declararam contra o carácter revolucionário da celebração do Primeiro de Maio.

Os reformistas procediam à celebração do Primeiro de Maio de forma completamente diferente. Empenhavam-se em retirar a esta festa todo o seu conteúdo revolucionário. Em vez de um dia de manifestações de solidariedade proletária internacional e de balanço do combate das forças proletárias, os reformistas transformavam o Primeiro de Maio numa festa de carácter pequeno-burguesa, inofensiva para a burguesia.

É precisamente sobre esta questão, quanto ao carácter e conteúdo do dia Primeiro de Maio, que surgiu desde há dezenas de anos essa profunda diferença de princípio entre as duas vias do movimento operário internacional, a *via do bolchevismo* e a *via do reformismo*, que conduziram mais tarde a dois resultados completamente diferentes.

O *reformismo*, que divide a classe operária, que semeia a dúvida sobre a força e vitória dessa classe, que submete o movimento operário aos interesses das classes exploradoras, permite à burguesia salvar-se durante o período das grandes agitações revolucionárias, prolongar a existência do jugo do capitalismo e passar à ofensiva contra os trabalhadores. O reformismo submete a classe operária e os povos de uma série de países capitalistas ao regime fascista de barbárie e de depradação.

O *bolchevismo*, que reúne as forças da classe operária, que a mobiliza e a conduz à implacável luta contra as classes exploradoras, conduz ao triunfo da Grande Revolução Socialista de Outubro, ao estabelecimento da ditadura da classe operária, à vitória do socialismo na U. R. S. S.

À luz dos resultados dessas duas vias diferentes do movimento operário mundial, a classe operária e os povos do mundo capitalista compenetram-se cada vez mais do *perigo da via reformista* e da política de entendimento com a burguesia imperialista, do *perigo* da capitulação perante o inimigo de classe e do carácter *justo da via do bolchevismo*, traçada pelo grande continuador do marxismo, pelo guia e educador do proletariado internacional: Lénine.

Neste dia do cinquentenário do Primeiro de Maio, a classe operária e os trabalhadores de todos os países festejam com um sentimento de orgulho, de admiração e de entusiasmo, a grande vitória histórica alcançada pela classe operária que criou a sociedade socialista numa sexta parte do globo. A vitória do socialismo na U. R. S. S. testemunha a poderosa força criadora da classe operária. Realça, através do exemplo do colossal país situado no centro do mundo, a força vitoriosa do proletariado, chamado a libertar a humanidade do jugo do capitalismo e a criar a sociedade socialista livre, feliz, sem classes. O proletariado internacional festeja a vitória do socialismo na U. R. S. S. como a maior de todas as suas conquistas. Esta vitória é o triunfo da solidariedade proletária internacional, base e fonte de inspiração da classe operária na sua luta posterior. A solidariedade fraterna internacional dos operários de todos os países do mundo, sob cujo estandarte se reúnem para celebrar o Primeiro de Maio, possui na U. R. S. S. uma base material indestrutível.

Durante as jornadas do histórico XVIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da U. R. S. S., a pátria do socialismo ergueu-se, perante os olhos de toda a humanidade, com todo o esplendor do seu poder, das suas riquezas incessantemente renovadas, do desenvolvimento das forças criadoras do trabalho libertado. O povo soviético e com ele os trabalhadores de todos os países registaram um poderoso impulso em todos os campos da indústria, da agricultura, da ciência, da cultura, da arte.

Realizou-se, assente sobre a base da vitória do socialismo, uma unidade moral e política do povo soviético, sem precedentes. A classe operária, os camponeses e os intelectuais uniram-se numa frente poderosa e única, num compacto exército de construtores do comunismo.

Na altura em que os Estados capitalistas são desfeitos por profundas contradições internas e se encontram à mercê da guerra, de crises económicas e de convulsões, o país soviético não conhece perturbações, mantendo-se uma força monolítica e indestrutível.

Se no mundo capitalista reinam crises que condenam milhões de trabalhadores à miséria, à fome e à degenerescência, aqui, pelo contrário, na pátria do socialismo, é o desenvolvimento económico sem precedentes, que oferece aos homens o bem-estar geral, o caminho livre e feliz. Se no mundo capitalista se desencadeia uma luta de classes encarniçada devido à estrutura capitalista da sociedade, aqui, na pátria do socialismo, a classe operária, os camponeses e os intelectuais desconhecem entre si conflitos de classe, unidos como estão numa aliança inalterável.

Se se exalta, no mundo capitalista, o nacionalismo brutal e se cultiva o ódio de certas nações para com outras, na pátria do socialismo, pelo contrário, reina a amizade entre os povos, uma comunidade, sem precedentes na história, de uma multiplicidade de nações, notável encarnação do internacionalismo.

Se no mundo capitalista se desencadeiam sangrentas guerras, se as feras fascistas atacam os povos pacíficos, aqui, no Estado socialista, todo o grande povo soviético guarda as fronteiras da pátria do proletariado internacional, defende a causa da paz, correspondendo aos interesses dos povos. O grande país soviético declara, pela boca do camarada Estáline, que apoia os povos vítimas de agressão, que lutam pela independência do seu país.

O XVIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da U. R. S. S. provou uma vez mais, perante o mundo inteiro, que nem as intrigas, nem as perfídias dos inimigos conseguiram abalar o indestrutível poder da pátria do socialismo e a forte união de todo o povo soviético em redor do Partido de Lénine.

Depois de cumprir com brilho os dois primeiros planos quinquenais, o povo soviético realiza com firmeza e segurança o terceiro aprovado pelo Congresso. O Partido dos bolcheviques, que assegurou a vitória do socialismo, traçou novas perspectivas, grandiosas e infinitas. O fim da edificação da sociedade socialista e a passagem gradual do socialismo para o comunismo é a tarefa prática na ordem do dia. A palavra de ordem do comunismo, que significa a realização do grande princípio «de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades», inspira o povo soviético na luta por novas vitórias, servindo simultaneamente como fonte do grande entusiasmo da classe operária, dos trabalhadores do mundo inteiro.

Para os operários de todos os países, os sucessos da construção socialista na U. R. S. S. significam a vitória da sua própria causa. Esses sucessos, a consolidação e o desenvolvimento posterior do país socialista são para eles de um interesse vital. O destino do proletariado internacional e a obra da libertação do proletariado deles dependem. A classe operária dos países capitalistas vê no progresso e consolidação da União Soviética uma fonte vivificante que fortalece a sua fé nas suas próprias forças e na sua libertação do jugo do capitalismo.

II

A classe operária dos países capitalistas acolhe o *cinquentenário do Primeiro de Maio* na conjuntura de uma nova guerra imperialista, nas condições de crise económica e de agravamento da luta contra o fascismo agressivo, com as forças do movimento antifascista que contra ele se unem.

Há já dois anos que a guerra imperialista continua a espalhar a desolação em três continentes, semeando a morte e a destruição nos campos da China e de Espanha, da Abissínia e da Albânia, na Europa Central e na Ásia. Os meios dirigentes da Grã-Bretanha e de França que possuem, na base da segurança colectiva, as forças e a possibilidade de oporem uma resistência firme aos agressores fascistas e de prevenir a guerra, lançaram, pela sua política e pela de Munique, os povos no sangrento turbilhão da exterminação de milhões de homens. Esforçando-se por incitar à mais criminosa guerra contra-revolucionária, à guerra anti-soviética, e excitar a fera fascista contra a pátria do socialismo, os imperialistas ingleses e franceses permitiram aos fascistas o entregarem-se à pilhagem no centro da Europa, desvastando e roubando os países estrangeiros, subjugando os pequenos povos e recortando inso-

lentemente o mapa da Europa através da força brutal. A cobiça dos agressores fascistas encorajados por esta política cresce de dia para dia. Depois de conquistar a Áustria e a Checoslováquia, depois de desfechar um duro golpe na Espanha, o fascismo apoderou-se de Memel, ocupou a Albânia. Ameaça directamente a Polónia. Estende a sua mão de rapina para os países da península dos Balcãs, procurando para si próprio fontes de matérias-primas e de reabastecimento, abrindo caminho a Leste. Exerce pressão sobre a Holanda, a Suíça e a Bélgica, sobre os países escandinavos e urde intrigas nos países da América Latina. Os fascistas erguem fortificações nos pontos estratégicos do Mar Mediterrâneo, preparam-se para se apoderar de Gibraltar, das colónias francesas de África, do caminho para as possessões inglesas do ultramar e tomar conta das colónias da Grã-Bretanha.

No Extremo Oriente, os militaristas japoneses, encorajados por esta mesma política de não-ingerência das grandes potências imperialistas, conduzem uma guerra de conquista contra o povo chinês.

A nova guerra imperialista, desencadeada pelos Estados fascistas agressivos em consequência da incúria criminosa da burguesia reaccionária em Inglaterra e em França, ameaça transformar-se em guerra mundial.

A política de guerra imperialista e de incúria criminosa para com a pilhagem fascista na arena internacional, por parte dos meios dirigentes da burguesia inglesa e francesa, está indissoluvelmente ligada à política reaccionária pró-fascista nos seus próprios países.

Em Inglaterra e em França, a burguesia viu no movimento antifascista ascendente a força que poderia rejeitar os amigos pró-fascistas do fascismo alemão e italiano, fazer naufragar o seu entendimento com os agressores fascistas. Os sucessos obtidos pela Frente Popular em França, a crescente união do proletariado francês, os importantes sucessos do movimento operário e democrático em Inglaterra, nos E. U. A. e noutros países, a luta heróica do povo espanhol e a poderosa campanha de solidariedade antifascista internacional em redor dessa mesma luta e, sobretudo, o reforço da solidariedade internacional fraterna, bem como os laços entre a classe operária dos países capitalistas e o grande povo soviético, tudo

isso suscita uma extraordinária inquietude e no seio da burguesia. É por isso que ela reforçou a sua ofensiva contra a classe operária e iniciou uma campanha contra as conquistas sociais do proletariado e as liberdades democráticas. Pôs em prática todo o género de processos com o fito de sabotar a realização da unidade dentro das fileiras do proletariado, as acções internacionais unidas da classe operária, o movimento da Frente popular antifascista e, em primeiro lugar, da Frente popular em França e em Espanha.

A burguesia reaccionária tudo fez para abafar a República Espanhola. Não hesitou em desfechar um golpe mortal nas costas do povo espanhol, organizando a conspiração contra-revolucionária Casado [17], Besteiro [18], Miaja [19] em Madrid, no momento mais decisivo da luta que o povo conduzia pela defesa da pátria. Não há crime contra a paz, a liberdade e a independência dos povos a que os imperialistas ingleses e franceses não recorram, a fim de obterem um entendimento com os agressores fascistas, pagarem o tributo das pretensões coloniais do fascismo e transformar este último no polícia da reacção mundial contra a luta de libertação da classe operária internacional e da grande pátria do socialismo.

Mas os reaccionários ingleses e franceses calcularam mal. Desencadearam forças que lhes é difícil agora refrear.

Torna-se cada vez mais evidente agora para todos que o aspecto decisivo da agressão fascista se dirige hoje, em primeiro lugar, contra os Estados da Europa Ocidental. A esperança da burguesia reaccionária inglesa e francesa em lançar as feras fascistas contra a União Soviética não foi justificada. Não se justificou, não por o fascismo renunciar em geral a tais planos, mas sim porque a *noz soviética* é demasiado dura para os doentes fascistas. O fascismo não só tem medo de ficar sem dentes, como também de quebrar a cabeça, pelo que prefere que a sua agressão siga a linha da menor resistência.

O fracasso da política de «pacificação» [20] de Munique é de tal forma evidente e indiscutível que ninguém, incluindo os seus criadores, ousa hoje em dia contestá-la. Os seus autores apenas apontam uma justificação: que a perfídia, a hipocrisia e a mentira por parte dos seus parceiros fascistas teria sido para eles, imaginem, uma grande surpresa.

Desta forma, os acontecimentos que se seguiram em Munique demonstraram com pertinência que o acordo de Munique, longe de conduzir à paz, contribuiu sob todos os aspectos para a ulterior extensão da agressão e, em vez de superar as contradições imperialistas, acarretou um novo agravamento dessas contradições.

A nova guerra imperialista, a barbárie do fascismo e a criminosa política de não-ingerência levantam uma nova onda de sentimentos antifascistas e de ódio para com o fascismo e os seus acólitos em todos os países do mundo.

Esse movimento encontra a sua maior expressão na crescente resistência oposta pelas massas populares à política de Munique, na resistência cada vez mais forte oposta pela classe operária à ofensiva da burguesia reaccionária no plano interno, às eleições parlamentares, tal como aconteceu recentemente nos Países-Baixos e na Bélgica, onde os fascistas sofreram uma derrota retumbante. Milhões de homens enganados abandonam a sua apreensão. As ilusões pacifistas desmoronam-se. Os inimigos camuflados e todos aqueles que abusam habilmente dos trabalhadores são denunciados. Aumenta o ódio das massas para com eles. As massas, ainda ontem indiferentes, são conduzidas para a vida e a luta activas. Aumenta a influência daqueles que mostravam aos povos o perigo da política de Munique.

Só os agentes fascistas e aqueles que enganam a classe operária é que podem espalhar lendas sobre o «grande poder» do fascismo e só os capitulacionistas aterrorizados ou os políticos cobardes poderão acreditar em tais lendas. A fúria dos dirigentes fascistas, a sua insolência sem limites e os seus bárbaros excessos estão longe de representarem o sinal da solidez das forças interiores do fascismo. A burguesia recorre ao fascismo não por um excedente de forças, mas sim por estar consciente que o seu domínio se encontra ameaçado. Perante as crises económicas e a crescente onda de indignação dos trabalhadores, a burguesia passou ao regime de ditadura fascista, com o intuito de vencer dessa forma as contradições internas e externas do capitalismo.

Mas o que aconteceu na realidade?

O fascismo vangloriava-se de poder terminar com a anarquia e as crises da economia capitalista. Mas isso verificou-se

estar acima das suas forças. Não obstante, conseguiu, através da mais cruel exploração e espoliação das massas populares, aumentar os benefícios dos grandes tubarões capitalistas. Mas a anarquia continua a corroer a economia capitalista. A famosa economia «planificada» anunciada pelos fascistas limitou-se pura e simplesmente, a colocar a economia do país sobre os carris da economia de guerra. Longe de poder afastar a crise económica crescente, prepara uma crise ainda mais profunda e mais destrutiva. Aumentam de dia para dia, perante todo o mundo, as dificuldades económicas dos países fascistas.

O fascismo falava com demagogia da supressão das contradições de classe e do estabelecimento de uma «comunidade de interesses de todo o povo». Conduziram, contudo, a um resultado absolutamente oposto. Empenhando-se, através de um terror feroz, em suprimir as manifestações da luta de classes, o fascismo abafa o descontentamento das massas, atiçando simultaneamente e ainda mais as contradições de classe. Em vez da «união do trabalho e do capital», estamos perante um agravamento do antagonismo de classes. Nos países fascistas o abismo entre exploradores e explorados é maior do que em qualquer outro país. O fascismo suprimiu as organizações operárias legais, mas surgiram em sua substituição organizações ilegais. Empenhando-se, através de violência, em quebrar e esmagar as fileiras do movimento operário, incitou contra a sua própria vontade os operários a uma união numa frente proletária única. Roubando e oprimindo os camponeses e a pequena burguesia das cidades, o fascismo impele essas mesmas camadas a uma união com o proletariado, à criação de uma frente popular antifascista.

A burguesia viu no regime fascista um meio de suprimir o movimento comunista e de afastar o perigo da revolução. Contudo, as próprias confissões dos governantes fascistas, a mobilização de todo o aparelho de Estado contra «o perigo comunista» e o movimento da frente popular atestam que as forças revolucionárias crescem sem cessar, que a classe operária não interrompe a sua luta, e que o povo trabalhador demonstra pelo comunismo uma simpatia maior que nunca.

O fascismo criou enormes exércitos destinados às guerras de conquista; mas existem nesses exércitos centenas de milha-

res de homens armados cheios de ódio pelo fascismo. A sua própria retaguarda constitui para ele um terrível perigo, em caso de conflito.

Em consequência da criminosa indiferença da burguesia reaccionária na Grã-Bretanha e em França, o fascismo conseguiu apoderar-se de territórios estrangeiros, erguendo contudo contra si próprio novos milhões de homens dos povos que subjugou, aumentando assim consideravelmente o exército dos seus inimigos mortais.

Tudo isto é prova evidente que por detrás da fachada da ditadura fascista amadurecem processos profundos de uma imensa força revolucionária. Tudo isto prova a falta de solidez e a fragilidade do regime fascista. O chão arde sob os pés dos bandidos fascistas, o fogo do vulcão mina, mas a lava ardente destruirá a ditadura fascista e, depois dela, o próprio capitalismo.

III

Todavia, o fascismo não se desmoronará por si só.

Não renunciará a fomentar a guerra no futuro. A burguesia reaccionária não alterará de boa vontade a sua linha política. Só a luta decidida dos milhões de homens da classe operária e dos trabalhadores poderá obstruir o caminho à agressão fascista, fazer abortar a guerra, abater a reacção.

Porque será que os agressores fascistas podem ainda avançar e entregar-se a excessos? Porque a agressão fascista e o planeamento de uma nova guerra imperialista, efectuados com a criminosa indiferença dos meios dirigentes dos países de democracia burguesa, não deparam com a necessária oposição por parte das massas populares. Isto, porque a classe operária dos países capitalistas não consegue superar a divisão das suas fileiras, edificando uma frente única e conquistando para ela os seus aliados: os camponeses e os trabalhadores da cidade.

A Internacional Comunista demonstrou já por mais de uma vez que, se a unidade de acção da classe operária não pôde ser até agora realizada, é porque os dirigentes reaccionários dos Partidos socialistas e dos sindicatos espalham sistematicamente o ópio da superstição a respeito da solidez do

regime burguês, da impossibilidade de conduzir com sucesso a luta contra os agressores fascistas, semeando a incredulidade nas forças da classe operária e sabotando e fazendo abortar, sob todos os pretextos, a união das fileiras do proletariado. Intimamente ligados às classes dirigentes dos seus países, esses dirigentes reaccionários receiam tanto como elas a vitória da classe operária, formando uma causa comum com a burguesia sobre todas as questões fundamentais da política internacional e interna.

Esses mesmos dirigentes especulam habilmente sobre as tendência pacifistas das massas, especulam sobre as ilusões legalistas criadas durante grande número de decénios, aproveitam-se da ligação dos operários às suas antigas organizações, ameaçando dividir essas organizações no caso de ser estabelecida uma frente unida com os comunistas.

O apelo lançado pela II Internacional, no Primeiro de Maio, é uma flagrante demonstração da linha de capitulação e de cisão desses dirigentes.

Na altura em que o incêndio da guerra imperialista ameaça pôr em chamas todo o mundo, em que o fascismo prepara novos ataques, novas conquistas, novos crimes, em que a reacção se levanta por todo o lado contra a classe operária, o apelo da II Internacional silencia a questão da necessidade de união das forças da classe operária para a luta contra o fascismo e a guerra.

Nada se diz nesse apelo sobre as grandes aquisições da classe operária de todos os países, sobre a vitória do socialismo na União Soviética. Por outro lado e ao lar o apelo da II Internacional o leitor, atónito, ficará a saber os êxitos obtidos pelo socialismo... na Nova Zelândia e nos países escandinavos. Os desastrados autores do apelo pensam sem dúvida que é através desse «socialismo escandinavo», inventado para fazer rir os tolos, que poderão abalar a aspiração dos milhões de operários do mundo inteiro para com a grande pátria do socialismo. Gente estranha, deplorável e ridícula!

As massas operárias perguntam, e com razão: que espécie de socialistas são esses, que se pronunciam contra o verdadeiro socialismo, o socialismo real?

Que espécie de militantes do movimento operário são esses que, longe de demonstrarem através do exemplo da U. R. S. S. a grande força criadora e a vitória da classe operária, se esforçam obstinadamente por diminuir de todas as formas a importância dessa vitória aos olhos dos operários de todos os países?

Que partidários da paz são esses, que espécie de defensores dos interesses dos povos ameaçados pela agressão fascista são esses, que auxiliam os fascistas e os seus acólitos das quadrilhas imperialistas dos outros países a fomentar, através da sabotagem da unidade de acção da classe operária, uma nova guerra mundial?

Nós, os comunistas, sabemos que crescem e fortalecem no seio do movimento operário mundial as forças dos partidários da unidade de acção da classe operária, que elevam a voz a favor da unidade sectores cada vez mais amplos de operários.

Sabemos igualmente que se efectuaram, no próprio seio da II Internacional, profundos processos de diferenciação, sabemos que aumenta de dia para dia nas fileiras dos sociais-democratas e dos sindicatos o número desses militantes que, exprimindo a vontade dos operários, apresentam cada vez com maior firmeza a questão do estabelecimento da Frente única com os Partidos comunistas.

Enquanto o Comité Executivo do Partido Trabalhista Inglês exclui Cripps pela sua campanha a favor da frente popular, um grande número de membros e até uma série de organizações desse Partido, bem como as «trade-unions», declaram-se contra a decisão do Comité Executivo, apoiando Cripps.

Enquanto que em França o «grupo de Munique» de Paul Faure, no Partido Socialista, faz abortar por todas as formas a frente única, a maioria dos membros desse Partido declaram-se cada vez mais decididamente a favor de uma frente única com os comunistas e a favor de uma frente popular única. Os factos deste tipo já não são isolados. O seu número aumenta incessantemente.

Estamos convencidos que já não vem longe a altura em que, sob a pressão de milhões de homens da classe operária, essa frente única se virá a transformar num facto consumado.

Nenhuma força poderá travar esse processo histórico irreversível, imperiosamente ditado pela marcha dos acontecimentos e acima de tudo, pela necessidade da luta contra a guerra de rapina fomentada pelos agressores fascistas.

Partindo de todos estes princípios, a Internacional Comu-
Nenhuma força poderá travar esse proceso histórico irre-
nista dirige-se de novo à II Internacional e à União Internacional dos sindicatos, propondo estabelecer a unidade de acção.

No seu apelo lançado por ocasião do Primeiro de Maio, o Comité Executivo da Internacional Comunista disse:

> «Exprimindo a vontade da classe operária de todos os países, a Internacional Comunista propõe ao Comité Executivo da Internacional Socialista [21] e Sindical [22] iniciar sem demora negociações, com o fim de estabelecer uma frente única para lutar contra os instigadores e os promotores de guerra. Propõe à Internacional Socialista a seguinte plataforma de unidade de acção: defesa da paz assente sobre a base de uma resistência decisiva para com os agressores fascistas, organização da segurança colectiva, luta em cada país capitalista contra a política de traição da burguesia reaccionária que procura chegar a um acordo com os agressores fascistas, em prejuízo da liberdade e da independência do seu próprio povo. A Internacional Comunista propõe a convocação de uma Conferência das organizações operárias de todo o mundo, para a elaboração de um plano concreto de acção e de meios da luta, para a criação de um organismo único de coordenação das acções comuns.»

Todo aquele que defende efectivamente os interessse da classe operária, que vê realmente no fascismo sanguinário um inimigo de todos os trabalhadores, que não deseja transformar o globo terrestre num campo de batalha sangrento, em nome dos interesses da burguesia, não pode recusar a proposta da Internacional Comunista.

Os comunistas, os operários progressistas e todos os partidários da frente única farão desta proposta da Internacional Comunista o ponto de partida da poderosa campanha a favor da unidade de acção e da larga mobilização das massas para a luta contra o fascismo e a guerra.

★

É preciso em primeiro lugar, e a fim de se desempenharem com bons resultados as missões conferidas à classe operária nos países capitalistas, consolidar-se ideológica, política e organizativamente os próprios Partidos comunistas.

Desde o VII Congresso da Internacional Comunista ([23]) que os Partidos comunistas de uma série de países capitalistas fizeram consideráveis progressos, superando o sectarismo nas suas fileiras e aplicando com firmeza a táctica da frente única; estenderam mesmo a sua influência sobre as massas e transformaram-se num factor político sério na vida do país, na vida do seu povo. A nossa fraqueza reside contudo no facto de os comunistas nem sempre reforçarem sob o ponto de vista de organização, a sua influência ideológica e política. A nossa fraqueza reside também num atraso na educação marxista-leninista dos quadros dos Partidos comunistas e do movimento operário. Este atraso representa por si mesmo um terreno propício à penetração de influências hostis nas fileiras dos Partidos comunistas, a todos os géneros de desvios oportunistas na política e táctica dos Partidos, desvios infinitamente prejudiciais, sobretudo quando as situações estão em rápida mutação e se dão bruscas viragens no desenrolar dos acontecimentos.

Para os Partidos comunistas, vanguarda de combate da classe operária, o estudar-se e assimilar-se continuamente o marxismo-leninismo, a doutrina de Marx-Engels-Lénine, é tão indispensável como o pão, o ar e a água. Deve acabar-se o mais rapidamente possível com a atitude de desdém para com a teoria, com a tendência para o empirismo.

Cada comunista, cada operário progressista, cada militante honesto do movimento operário deverá compreender que a condição principal para o desempenho das missões históricas da classe operária consiste, acima de tudo, em assimilar e aplicar a teoria marxista-leninista pela própria vanguarda dessa classe, em dotar os combatentes do movimento operário antifascista mundial da poderosa arma vitoriosa, a teoria de Marx-Engels-Lénine.

Primeiro de Maio de 1939.
(Texto ligeiramente abreviado.)

MENSAGEM DE SAUDAÇÕES DIRIGIDA À UNIÃO INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES SOCIALISTAS E COMUNISTAS

Agradeço-lhes sinceramente o terem-me convidado a assistir ao Segundo Congresso da União dos Estudantes. Visto não me ser possível corresponder ao vosso convite pelos motivos que muito bem compreendem, dirijo as minhas cordiais saudações aos estudantes socialistas e comunistas.

A luta dos estudantes socialistas e comunistas, fraternalmente unidos contra a barbárie e o obscurantismo, contra a guerra agressiva, contra o fascismo — o pior inimigo da liberdade, da cultura e da ciência — não é apenas indispensável aos estudantes. Esta actividade reveste-se também de grande importância para a liquidação da cisão existente no seio do movimento operário, para a união de todas as forças antifascistas na Europa e no mundo.

Os estudantes progressistas desempenharão com tanto maior sucesso o papel de combatentes pela liberdade dos povos oprimidos ou ameaçados, o seu papel de fervorosos combatentes pela paz entre os povos, quanto mais fortemente ligados estiverem ao povo e, em primeiro lugar, à classe operária, quanto melhor armados estiverem com a grande doutrina de Marx-Engels-Lénine. Desempenharão com sucesso esta missão se aos seus estudos e conhecimentos aliarem uma vontade inquebrantável, um espírito de combate, estando ao mesmo tempo dispostos a todos os sacrifícios necessários ao triunfo do grande ideal da humanidade — o socialismo, que já triunfou numa sexta parte do globo, na União Soviética.

Desejo ao vosso Congresso o maior sucesso para a causa da liberdade, da ciência, da cultura e da paz, para a causa do socialismo.

Publicado em *Correspondência Internacional*. N.° 38, de 22 de Julho de 1939.

POR OCASIÃO DO SEPTUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA COMUNA DE PARIS

Há setenta anos, no dia 18 de Março de 1871, a França e a Europa viram-se sacudidas pela palavra de ordem de combate das massas revolucionárias de Paris: «Viva a Comuna!» Os proletários parisienses demonstravam abnegação e heroísmo, batendo-se durante mais de dois meses contra uma multidão de inimigos externos e internos, pela sagrada causa da Comuna. Os «communards» escreveram com o seu próprio sangue uma das mais gloriosas e extraordinárias páginas da história da luta libertadora da classe operária.

A Comuna de Paris foi a primeira tentativa séria da classe operária pela conquista do poder político, pela formação do seu governo próprio e do estabelecimento da ditadura do proletariado.

A Comuna de Paris foi o embrião de um novo tipo de Estado, o Estado proletário, uma prefiguração dos Sovietes.

A Comuna de Paris exprimia os interesses e aspirações do proletariado internacional, transformando-se no estandarte do internacionalismo proletário.

A Comuna de Paris foi obra das massas, fruto da sua iniciativa criadora e do seu entusiasmo revolucionário.

A Comuna de Paris foi uma grandiosa explosão da indignação popular contra a traição da burguesia francesa durante a guerra de 1870-1871 e contra a conspiração da burguesia destinada a derrubar a República e restaurar a monarquia. Foi uma resposta imediata às tentativas da burguesia e dos senhores reaccionários de desarmar os operários de Paris, de esmagar o povo francês, de o obrigar a suportar todo o

peso da guerra aventureira (24) perdida por Luís Bonaparte, de o fazer pagar pesadas contribuições de guerra.

No seu manifesto de 18 de Março, o Comité Central da Guarda Nacional reorganizada declarava que, perante a derrota e a traição das classes dominantes, os proletários de Paris tinham compreendido que chegara a hora em que deveriam salvar a situação, tomando nas suas mãos o governo dos assuntos públicos... Compreendiam que lhes cabia esse direito, que era a eles que competia o incontestável direito de se tornarem donos do seu próprio destino e de tomar em suas mãos o poder.

Os fundadores do comunismo científico, Marx e Engels, desenvolveram uma prodigiosa actividade a favor da defesa da Comuna de Paris, auxiliando em todos os aspectos os «communards» depois da Comuna ter sido afogada em sangue. Apreciaram extraordinariamente a sua importância à escala mundial. Explicando os erros e fraquezas da Comuna, Marx e Engels frisavam, com especial insistência, *o que ela continha de positivo*. A Comuna foi com efeito um *governo da classe operária*, uma forma política que permitia efectuar a libertação económica do trabalho. Em Abril de 1871 Marx escrevia o seguinte:

> «Graças à Comuna de Paris, a luta da classe operária contra a classe dos capitalistas e contra o Estado que representa os interesses destes últimos, entrou numa nova fase. Seja qual for o resultado da luta, conquistou-se um novo ponto de partida de importância histórica e mundial.»

Ao analisar a experiência da Comuna de Paris, Marx encontrou uma solução concreta e prática para a questão teórica que apresentara, isto é, que seria que a revolução proletária viria a utilizar para substituir o aparelho de Estado burguês e qual deveria ser o novo tipo de organização do Estado durante o período de transição do capitalismo para o socialismo. A Comuna provou que a classe operária não se pode apoderar directamente do aparelho de Estado, por inteiro, fazendo-o funcionar no seu próprio interesse, sem instaurar a ditadura do proletariado. A Comuna não era uma

revolução dirigida contra determinadas formas do poder de Estado, com o fim de transferir esse mesmo poder das mãos de uma parte da classe dominante para as de outra. A Comuna era uma revolução que tentou destruir o aparelho de Estado da classe burguesa dominante.

> «É esta a razão — escrevia Marx — porque, independentemente do resultado que venha a ter em Paris [refere-se à Comuna — G. D.], ela se irá propagar pelo *mundo inteiro*. A classe operária da Europa e dos Estados Unidos saudaram-na de imediato, como uma palavra mágica da liberdade.»

Depois da morte de Marx, Engels viria a lutar afincadamente contra os oportunistas que, de harmonia com a burguesia, tentavam reduzir ao mínimo a importância da Comuna e dos seus grandes ensinamentos, desviando o proletariado da sua via revolucionária. Em 1891, por ocasião do XX Aniversário da Comuna de Paris, Engels escrevia:

> «Nestes últimos tempos, o filisteu social-democrata começa a experimentar de novo um medo atroz em face das palavras: *ditadura do proletariado*. Quereis saber, excelentíssimos senhores, o que significa esta ditadura? Apreciem a Comuna de Paris. Era a ditadura do proletariado!»

Lénine, o genial continuador da obra de Marx e de Engels, o maior pensador e revolucionário da nossa época, não só apreciou em alto grau a importância da Comuna de Paris, como tirou o maior proveito da sua experiência. Lénine, que testemunhava um vivo interesse pelo movimento revolucionário dos explorados e dos oprimidos de todos os países, estudando profundamente esse mesmo movimento, procurava extrair dele — e extraía efectivamente — os necessários ensinamentos para melhor armar o proletariado russo e internacional, tanto ideológica e politicamente como sob o ponto de vista de organização.

Lénine escrevia em 1908:

«A Comuna ensinou ao proletariado europeu a forma de apresentar, de forma concreta, as tarefas da revolução socialista.» (*)

Em Abril de 1911, Lénine salientava:

«Na sua qualidade de combatente de vanguarda da revolução social, a Comuna conquistou as simpatias do proletariado, onde quer que este sofra e lute. A imagem da vida e morte da Comuna, o aspecto do governo operário que se apoderou e conservou nas suas mãos, durante mais de dois meses, a capital do mundo, o espectáculo da luta heróica do proletariado e dos seus sofrimentos após a derrota — tudo isso subiu o moral de milhões de operários, fez ressuscitar as suas esperanças e conquistou para o socialismo a sua simpatia.» (**)

Já em Zurique, em Março de 1917, Lénine escrevia:

«Uma vez no caminho indicado pela experiência da Comuna de Paris em 1871 e da revolução russa de 1905, o proletariado deve organizar e armar *todas* as camadas indigentes e exploradas da população, para que elas tomem directamente *nas suas mãos* os órgãos do poder de Estado e para que sejam as *únicas a constituir* as instituições desse mesmo poder.» (***)

Em meados de Abril de 1917, sublinhava Lénine:

«A verdadeira natureza da Comuna não se encontra onde a procuram vulgarmente os burgueses; reside sim na criação de um tipo de *Estado* especial. Um tal Estado nasceu já na Rússia — são particularmente os Sovietes de deputados, operários e soldados!» (****)

(*) V. Lénine, *Obras*, t. 13, 1951, p. 491. (Texto búlgaro.)
(**) V. Lénine, *Obras*, t. 17, 1953, pp. 132-133. (Texto búlgaro.)
(***) V. Lénine, *Obras*, t. 23, 1953, p. 353. (Texto búlgaro.)
(****) V. Lénine, *Obras*, t. 24, 1953, p. 35. (Texto búlgaro.)

A condição que antecedeu a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro foi o seu ensaio geral — a revolução de 1905. A condição decisiva dessa vitória foi, contudo, o facto do proletariado ter sido dirigido pelo Partido bolchevique, um partido revolucionário de combate, o que faltou precisamente à Comuna de Paris. Ao analisar com espírito crítico todos os ensinamentos da história da luta do proletariado no mundo inteiro, e em primeiro lugar a experiência da Comuna de Paris e dos Sovietes de 1905, Lénine preparou o proletariado russo para os acontecimentos de Outubro. Sob a direcção do glorioso Partido de Lénine, o proletariado vitorioso conseguiu, dentro dos mais curtos prazos históricos e através da sua incansável luta contra os inimigos, bem como pelo seu grande entusiasmo criador, superar dificuldades gigantescas, liquidar as classes exploradoras, edificar a sociedade socialista e empenhar-se no caminho da transição para a fase superior dessa mesma sociedade, para o comunismo.

Aquilo em que pensavam os mais esclarecidos e perspicazes espíritos da humanidade, o que animava os combatentes da Comuna de Paris, em que pensavam e sonhavam centenas de milhões de trabalhadores — uma sociedade sem opressão nem exploração do homem pelo homem, sem opressão de uma nação por outra — tudo isso realizou-se já no grande país da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

★

A França atravessa hoje tempos difíceis. Os trabalhadores franceses suportam indizíveis calamidades. No mês de Setembro de 1870, o «governo de defesa nacional» burguês, depois de usurpar o poder político, utilizou todos os seus meios de acção e métodos, incluindo a «traição nacional», para oprimir o povo francês. Em Setembro de 1939, os governantes burgueses de França e os seus patrões, lançaram na guerra o povo francês, privando-o de antemão de todas as liberdades e paralisando a sua vontade. Em consequência da cupidez, vaidade, estupidez e degradação das classes dirigentes, que colocavam os seus privilégios de classe e os seus interesses

reaccionários acima de tudo o mais, essa guerra levou à derrota e à catástrofe. Também agora os herdeiros dos homens de Versalhes se aproveitam da derrota para procurarem infligir ao povo francês todo o peso da guerra, fazendo-o pagar a derrota e o custo da ocupação, fazendo com que seja ele a sofrer as consequências da falência do regime burguês. À semelhança dos seus antepassados de Versalhes, os governantes da França tentam provocar o proletariado francês, desencadeiam uma desenfreada campanha de propaganda chauvinista e anti-semita, organizam vergonhosas orgias de perseguições aos comunistas — autênticos representantes e combatentes do povo francês pela libertação social e nacional. Mas o povo francês, que suportou tantos sofrimentos e adquiriu uma experiência rica, começou já a compreender quais são os seus verdadeiros amigos e os seus inimigos. O Partido Comunista Francês é o digno herdeiro e continuador da obra dos «communards». Aproveita a lição por eles dada, evitando contudo cair nos mesmos erros; utiliza a experiência da Grande Revolução Socialista de Outubro, fazendo sua a doutrina do marxismo-leninismo. É nesse Partido que o proletariado francês encontrará essa força e esse guia que lhe garantirão uma vitória certa na sua luta pela liberdade e pelo socialismo. Esse mesmo sucesso torna-se possível com o auxílio da solidariedade internacional dos trabalhadores. Os proletários franceses não esquecem que a bandeira do internacionalismo era também a bandeira dos «communards» parisienses. Os decretos da Comuna, toda a sua actividade, a sua composição, a sua própria existência, as suas palavras de ordem, tudo isso estava bem impresso no espírito do internacionalismo.

A Comuna é imortal. «A Comuna que julgávamos morta, a Internacional que julgávamos para sempre destruída, estão entre nós, vivas, e vinte vezes mais fortes que em 1871» — dizia Engels em 1892, por ocasião do XXI aniversário da Comuna de Paris. Hoje temos ainda mais razão para dizer: «A Comuna está viva!»

O poder dos Sovietes, depois de triunfar há vinte e três anos atrás, é um Estado socialista poderoso com uma população que ronda os 200 milhões de habitantes. Essa *Comuna* é uma imensa força política, económica, militar, cultural e moral. É o grande apoio dos trabalhadores de todo o mundo,

na sua luta pela liberdade, pela paz, pela amizade entre os povos, pelo socialismo. Milhões de proletários, camponeses, trabalhadores dos países capitalistas, bem como os povos dos países coloniais, manifestam a maior simpatia por essa magnífica Comuna — o país dos Sovietes. Depõem toda a sua esperança no grande Estado do socialismo vitorioso — pátria dos trabalhadores de todos os países.

★

Não foi por acaso que a Organização internacional de auxílio aos combatentes da revolução escolheu para seu dia o 18 de Março. Existe um sentido profundo, um programa completo e um grande dever nessa escolha, visto essa associação não ser apenas uma simples associação de assistência filantrópica e humanitária, mas sim uma organização de solidariedade internacional efectiva do proletariado, uma organização de auxílio à classe operária na sua luta contra o regime burguês de exploração, de opressão, de terror e de guerras imperialistas de rapina. Trata-se de uma organização de auxílio aos combatentes da classe operária, aos prisioneiros do capital que definham nas masmorras e nos campos de concentração. Não deveremos esquecer jamais que os fundadores do comunismo científico, Marx e Engels, foram simultaneamente incansáveis organizadores do auxílio *prático*, material e moral aos «comunards», organizadores do auxílio prestado aos combatentes revolucionários de todos os países. Marx e Engels foram, por assim dizer, *os primeiros grandes militantes dessa Organização.*

Ao celebrar-se, a 18 de Março, a memória dos «communards» de Paris, nossos gloriosos predecessores revolucionários, lançamos a nossa firme palavra bolchevique:

Educar com maior tenacidade ainda as massas dentro do espírito de solidariedade internacional proletária;

Manter ainda mais alta e firme a bandeira do internacionalismo proletário, cuja encarnação viva é o invencível patriotismo soviético;

Cerrar incessantemente as fileiras dos cambatentes e dos trabalhadores em todos os países, pela completa vitória da imortal obra da Comuna de Paris, da grande obra de Marx, Engels, Lénine, no mundo inteiro.

Publicado em:
Kommunistitcheski International
Fascículo 3, Março de 1941.
(Texto ligeiramente abreviado.)

NOTAS

(¹) *Moratória* — Decisão legal que suspende provisoriamente a execução de certas obrigações e prorroga os prazos, geralmente em circunstâncias excepcionais, como guerra, epidemia, sinistros, etc. A fim de conquistar para a sua política os camponeses pobres e médios, Hitler proclamou, logo após a sua tomada do poder, uma moratória das suas dívidas para com o Estado, promessa essa que não foi cumprida.

(²) «Tsarska okhranka» — Gendarmeria instituída na Rússia em 1881, adstrita ao Departamento da Polícia, a fim de lutar contra o movimento revolucionário. A «Okhranka» existe até à revolução democrática burguesa de Fevereiro de 1917.

(³) No Outono de 1922, o governo reaccionário de Zeipel, presidente do Partido Social-Cristão e homem de confiança dos grandes capitalistas, dos proprietários rurais e do Vaticano, concluiu um pacto com o Partido Nacional Alemão, para a formação de um governo dito de frente antimarxista, que reunia todas as forças reaccionárias, com o fito de lutar contra a classe operária.

(⁴) Trata-se do programa adoptado no Congresso do Partido Social-Democrata em Linz.

(⁵) *Schutzbund* — Organização para-militar do Partido Social-Democrata da Áustria.

(⁶) *O governo social-democrata Severing-Braun,* esteve no poder na Prússia desde 1920, conduzindo uma prática reaccionária contra o Partido Comunista e as massas trabalhadoras, desarmando-as sistematicamente, proibindo a organização de massas da Frente Vermelha, abafando toda a acção do proletariado, com o auxílio da polícia, e criando forças armadas da burguesia. Em Julho de 1932, von Papen fez um golpe de Estado na Prússia, expulsando o governo social-democrata. Este, embora dispondo das forças armadas, capitulou, juntamente com toda a direcção do Partido Social-Democrata Alemão, sem opor a mínima resistência.

(7) *Reichsbanner* — «União da Bandeira Imperial», organização para-militar de massas dos sociais-democratas.

(8) Sob o pretexto de que se preparava uma «segunda revolução» para derrubar Hitler, todos os chefes da organização das secções de assalto S. A. (organização militar do Partido Nacional-Socialista) foram presos na noite de 29 para 30 de Junho de 1934. Os comandantes mais em destaque, em que se incluía o chefe do estado-maior das S. A., o ministro Roehm, foram imediatamente fuzilados. A operação foi dirigida pessoalmente por Hitler em Munique e por Goering em Berlim. De uma forma geral, vários milhares de chefes das S. A. foram presos e as próprias secções provisoriamente dissolvidas, com vista a uma depuração e à sua radical reorganização. Hitler viu-se obrigado a recorrer a esta medida, sob a pressão imediata dos grandes capitalistas monopolistas, para pôr fim à propaganda demagógica de uma «segunda revolução» e aos seus porta-vozes da pequena burguesia — os membros das secções de assalto.

(9) *Stronistvo Ludove* (Partido do Povo) — Partido democrático camponês da Polónia, que exprimiu sobretudo os interesses das camadas abastadas dos campos. Sob a pressão das organizações camponesas de base, o Partido apodera-se, em Agosto de 1937, da direcção da greve geral das massas camponesas.

(10) «*Kraft durch Freude*» (A força através da alegria) — Organização fascista de massas na Alemanha hitleriana, que tinha por fim conquistar os operários para a causa nazi e deles fazer soldados.

(11) «*Dopo lavoro*» (Após o trabalho) — Organização fascista na Itália, semelhante à «Kraft durch Freude» (ver nota 10).

(12) *De Man* — Um dos dirigentes do Partido Social-Democrata Belga. Em 1933, sob a ordem do Partido Social-Democrata estabelece um plano denominado «Plano de De Man», a favor da «transição pacífica para o socialismo», que foi adoptado, em finais de 1933, como programa do Partido.

(13) «Aliança da emancipação nacional», vasta organização antifascista criada no Brasil no início de 1935 por Partidos e organizações políticas progressistas, chefiadas pelo Partido Comunista. Em Novembro de 1935, a Aliança sofreu uma derrota na luta armada contra a reacção.

(14) *Lerroux, Alexandro Garcia*, militante político espanhol, dirigente do Partido Republicano Liberal. Após a proclamação da República em Abril de 1931, é nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros no primeiro governo republicano. Em Setembro de 1935, Lerroux está à cabeça dos gabinetes reaccionários e acaba por se solidarizar com os sediciosos fascistas.

(15) *Robles Hil* — Homem de Estado espanhol, reaccionário, ministro do governo pró-fascista de Lerroux.

(16) Trata-se da derrota da revolução alemã em 1918-1923, do revés do movimento revolucionário na Áustria em 1934 e da derrota das revoluções operárias em Espanha (Astúrias) em 1934.

(17) *Casado* — Agente do imperialismo anglo-franco-americano, comandante do exército de Madrid durante a revolução. Apoiando-se nos socialistas de direita, nos trotskistas, nos anárquistas e noutros elementos traidores, criou, com Miaja e Besteiro, a «Junta de Defesa Nacional», que desencadeou a luta contra o governo republicano. A 5 e 6 de Março de 1939, a «Junta» apoderou-se do poder em Madrid, abriu através da traição o caminho da capital aos intervencionistas e fascistas e perseguiu encarniçadamente, com crueldade inaudita, os comunistas e os revolucionários.

(18) *Besteiro, Fernandez Julian* — Um dos dirigentes do Partido Socialista Espanhol, eleito presidente da Assembleia Constituinte após a proclamação da República em 1931. Praticou, logo após o início da sua actividade, uma política de entendimento com as classes dominantes, desenvolvendo uma luta encarniçada contra os sindicatos vermelhos e o Partido Comunista. Desempenhou durante a guerra civil (1936-1939) o papel de agente inglês e participou activamente na «Junta», com Casado e Miaja (ver nota 17).

(19) *Miaja* — Social-democrata espanhol de direita que chefiou a «Junta» (ver nota 17).

(20) O *Acordo de Munique*, que impunha à Checoslováquia a concessão ao Reich de territórios checoslovacos, foi assinado a 30 de Setembro de 1938 por Chamberlain, Daladier, Hitler e Mussolini. Os imperialistas anglo-franceses visavam, através deste acordo, orientar a agressão hitleriana para Leste, contra a U. R. S. S.

(21) Trata-se da II Internacional.

(22) Trata-se da Internacional de Amsterdão.

(23) O VII Congresso da Internacional Comunista de Julho a 25 de Agosto de 1935) entrou na história como um congresso da vitória do socialismo na U. R. S. S., Congresso de luta por uma frente operária unida e por uma ampla frente popular contra o fascismo e a guerra.

O relatório principal, «A ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária contra o fascismo», foi apresentada por Jorge Dimitrov. Palmiro Togliatti (Escoli) apresentou, por seu turno, um relatório sobre «As tarefas da Internacional Comunista ligadas aos preparativos de uma nova guerra mundial dos imperialistas». Foram igualmente tema de um relatório apresentado ao Congresso os resultados da construção socialista na U.R.S.S. Jorge Dimitrov foi eleito secretário-geral do Komintern.

(24) Trata-se da guerra franco-prussiana (1870-1871).

Título: Obras Escolhidas - III
Autor: Jorge Dimitrov
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Oficinas: Guide - Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 5200 ex.
Acabou de se imprimir: Em 10 de Fevereiro de 1976